



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Luzia Ribeiro de Carvalho

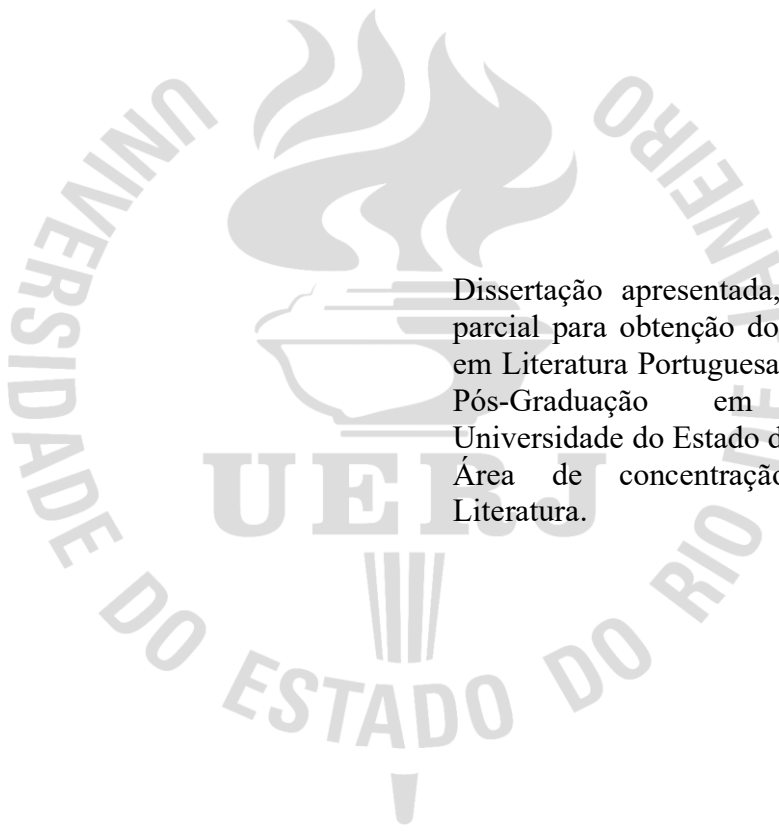
**Gomes Leal e a recepção de suas obras pelas páginas dos periódicos
brasileiros**

Rio de Janeiro

2023

Luzia Ribeiro de Carvalho

Gomes Leal e a recepção de suas obras pelas páginas dos periódicos brasileiros



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Literatura Portuguesa, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Soares da Cruz

Rio de Janeiro

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

L435	Carvalho, Luzia Ribeiro de Gomes Leal e a recepção de suas obras pelas páginas dos periódicos brasileiros/ Luzia Ribeiro de Carvalho. - 2023. 122 f.: il. Orientador: Carlos Eduardo Soares da Cruz. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras. 1. Leal, Gomes, 1848-1921 – Crítica e interpretação - Teses. 2. Leal, Gomes, 1848-1921. Claridades do sul - Teses. 3. Poesia portuguesa – História e crítica – Teses. 4. Periódicos brasileiros – Séc. XIX - Teses. 5. Crítica – Brasil – Séc. XIX - Teses. 6. Relações culturais na literatura – Teses. I. Cruz, Carlos Eduardo Soares da II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título. CDU 869.0-95
------	---

Bibliotecária: Mirna Lindenbaum CRB7 4916

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Luzia Ribeiro de Carvalho

Gomes Leal e a recepção de suas obras pelas páginas dos periódicos brasileiros

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Literatura Portuguesa, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Literatura.

Aprovada em 26 de outubro de 2023.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Carlos Eduardo Soares da Cruz (Orientador)
Instituto de Letras - UERJ

Prof. Dr. Irineu Eduardo Jones Corrêa
Fundação Biblioteca Nacional

Prof. Dr. Sérgio Nazar David
Instituto de Letras – UERJ

Rio de Janeiro

2023

DEDICATÓRIA

A todos aqueles que sonharam esse sonho comigo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço de modo muito especial aos meus familiares, meu marido e minha filha, que acompanharam minhas angústias e os momentos de incerteza pelos quais passei para que esse sonho pudesse se concretizar. Agradeço a minha irmã pela insistência para que prestássemos o concurso de ingresso para a UERJ o que fez com que eu entrasse para o mundo das letras

Deixo meu agradecimento mais do que especial ao meu orientador, Eduardo da Cruz, que, com sua paciência e amor pela pesquisa, acreditou na minha proposta de trabalho e embarcou neste sonho comigo.

Aos professores do Instituto de Letras, o meu mais profundo agradecimento pelas trocas, ensinamentos e por horas de aprendizado. Deixo aqui meu carinho especial nas figuras da Professora Andreia Castro e do Professor Sérgio Nazar. Vocês foram exemplos de trabalho, dedicação e conhecimento. Não poderia deixar de esquecer da Professora Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo, mestra que ao longo de toda a graduação me ajudou a olhar a literatura com outros olhos.

Ao professor Irineu Corrêa, da Fundação Biblioteca Nacional, instituição que me acolheu nos tempos de graduação, registro mais um agradecimento, porque em muito contribuiu para a minha formação e com quem tenho a honra de poder compartilhar trabalhos e histórias.

Enfim, agradeço aos colegas e amigos que fiz nesse período, que, mesmo tendo passado os melhores momentos da formação, aqueles que passamos juntos em sala de aula, de forma remota, não nos impediu de conquistar grandes amizades, que levaremos para nossa vida. Aqui, de modo muito especial, agradeço a Bianca Borges de Macedo. Amiga, parceira, confiante. Com ela passei os duros anos da pandemia em que o contato era feito apenas pela tela do computador. Sua amizade fez com que conseguíssemos transpor as telas e embarcar na dura e longa jornada acadêmica, com a certeza de que estamos sempre juntas!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Para finalizar, não poderia deixar de agradecer a Deus, pois, sem Ele, nada seria feito!

Ode a Gomes Leal

O teu gênio foi um cego caminhando
na floresta insólita das palavras...
Lutando contra as formas insubmissas,
erraste, desesperando, entre mistérios,
cantor das multidões e Príncipe do Verbo
– vestindo a fome de palavras raras,
E trazendo os astros a morar na rua.

Profeta de todos os ventos que sopraram
sentidos vários às vagas do teu canto,
correste a gama inteira dos disfarces
que o século oferecia ao teu andar incerto.
Mas o teu canto era sempre uma flor de outra parte.

À tua fome de cantar tudo servia,
porque no teu canto tudo era verdade.
Mefistófeles, D. Juan, Jesus, Camões,
gênios e mitos, figuram
de pretexto às visões que presenteias.

Cristão ou ateu, que importa? A cavalgada
do louco imaginar tudo sorvia.
Nos insultos, nos cânticos e nas pragas,
era a carne do teu corpo que sangrava.

Mas a fonte da amargura, gota a gota,
ungindo a tua fronte de tristeza,
sob as máscaras infiéis ia sangrando
a música das estrofes que não mentem.

Crepitar de sóis e lama das sarjetas!
Insulto, afago, raiva e desespero!
Cânticos à plebe ou beijos a rainhas!
– e por detrás, às grades da prisão,
a pobre alma sem afetos invejando
o mísero quinhão dos não fadados!

Sonho de inefáveis estertores,
corpos a arder, despertos e sonâmbulos,
com bocas insaciáveis que tivessem
sabor a carne e sonho misturados!

Sonho de impossíveis noites de loucura,
De sensuais e místicos amores,
Com vampiros e lúbricas sereias,
Em que as duquesas fossem seres reais
E vênus – a Senhora da Melancolia...

Quiseste a glória, o amor, e a vastidão
do universo fechado nos teus versos;
mas a dor, a miséria e o desatino
da vida à toa, das máscaras de um dia,
varreram sem piedade as frágeis cartas
do castelo que julgaste verdadeiro!

Como sabiam o mísero fim que te cabia
Os versos geniais em que cantaste
Teus pares, os dois gênios desgraçados!
Veio caindo aos poucos das alturas
O grande sonho de Astros e Grandeza...
Caindo até flores estirado,
Aos insultos, na lama, teus veros cantam!

(*Adolfo Casais Monteiro*, 1948, p. 29-31)

RESUMO

CARVALHO, Luzia Ribeiro de. *Gomes Leal e a recepção de suas obras pelas páginas dos periódicos brasileiros*. 2023. 122 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

O presente trabalho tem por objetivo analisar alguns aspectos da pouco conhecida relação do poeta português Antônio Duarte Gomes Leal (1848-1921) com o Brasil, tomando como *corpus* a imprensa periódica brasileira. Para isso, foram feitas buscas, na Hemeroteca Nacional Digital, da Fundação Biblioteca Nacional, de referências ao poeta; e recolha da recepção de diferentes obras do autor, dentre elas, *Claridades do Sul* (1875), sua primeira produção de maior fôlego, com grande repercussão nas páginas dos principais veículos de imprensa na segunda metade do século XIX no Brasil. Buscamos também as colaborações e republicações do autor na imprensa brasileira. Gomes Leal, apareceu como colaborador de alguns periódicos brasileiros, como o *Jornal do Brasil* e *d'O Paiz*, grandes periódicos da capital, e *A Razão*, de Sergipe, e *A Gazeta da Paraíba*, folhas de outras províncias e de menor duração. A partir da análise de textos publicados em periódicos do acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e de obras de referência, procuramos estreitar a relação do poeta Gomes Leal com o Brasil, bem como analisar aspectos da modernidade que surgiram na literatura portuguesa, sendo percebidos pela crítica literária brasileira.

Palavras-chave: Gomes Leal; *Claridades do sul*; relações luso-brasileiras; imprensa periódica; poesia moderna.

ABSTRACT

CARVALHO, Luzia Ribeiro de. *Gomes Leal and his work reception on the pages of the Brazilian periodical press*. 2023. 122 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

The present work aims to analyze some aspects of the little-known relationship between the Portuguese poet Antônio Duarte Gomes Leal (1848-1921) and Brazil, taking the Brazilian periodical press as a corpus. To this end, searches were carried out in the Hemeroteca Nacional Digital, of the Fundação Biblioteca Nacional, for references to the poet; and collection of the reception of different works by the author, among them, *Claridades do Sul* (1875), his first major production, with great repercussion on the pages of the main press outlets in the second half of the 19th century in Brazil. We also look for the author's collaborations and republications in the Brazilian press. Gomes Leal, appeared as a contributor to some Brazilian periodicals, such as *Jornal do Brasil* and *d'O Paiz*, large periodicals from the capital, and *A Razão*, from Sergipe, and *A Gazeta da Paraíba*, newspapers from other provinces and of shorter duration. Based on the analysis of texts published in periodicals in the collection of the National Library of Rio de Janeiro and reference works, we seek to strengthen the relationship between the poet Gomes Leal and Brazil, as well as analyze aspects of modernity that emerged in Portuguese literature, being perceived by Brazilian literary criticism.

Keywords: Gomes Leal; Claridades do sul; Luso-Brazilian relations; periodical press; modern poetry

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Anúncio do chapéu à moda de Gomes Leal	27
Figura 2 –	O primeiro poema encontrado em periódicos brasileiros	32
Figura 3 –	Anúncio de <i>A Traição</i>	36
Figura 4 –	Capa da quinta edição de <i>Protesto de Alguém. Carta ao Imperador do Brasil</i>	40
Figura 5 –	Retrato de Gomes Leal que acompanha o artigo de Ferreira de Castro <i>Gomes Leal e a Morte</i>	47
Figura 6 –	Casa de Ladislau Batalha, local onde faleceu Gomes Leal	49
Figura 7 –	Retrato de Gomes Leal	50
Tabela 1 –	poemas do <i>Claridades do Sul</i> encontradas nos jornais brasileiros antes do lançamento do livro	53
Figura 8 –	Frontispício de <i>A Canalha</i>	55
Tabela 2 –	Jornais brasileiros que publicaram os novos poemas de <i>Claridades do Sul</i>	56
Figura 9 –	Busca por <i>Claridades do Sul</i> na Hemeroteca Digital Brasileira	59
Figura 10 –	Resultados de <i>Claridades do Sul</i> no período de 1870 a 1879	59
Figura 11 –	Anúncio de <i>Claridades do Sul</i>	60
Figura 12 –	Recepção do volume na redação da <i>Gazeta de Notícias</i>	61
Figura 13 –	Trânsito de livros	61
Figura 14 –	Resultados da busca por <i>Claridades do Sul</i> no período de 1880 a 1889	68
Figura 15 –	Anúncio de dois livros de Gomes Leal	69
Figura 16 –	Página do Pacotilha com <i>A Traição</i> e comentários sobre Gomes Leal	72
Figura 17 –	Anedota publicada sobre <i>Claridades do Sul</i>	73
Figura 18 –	Resultados por <i>Claridades do Sul</i> no período de 1890 a 1899	75
Figura 19 –	Resultado por “Claridades do Sul” no período de 1900 a 1909	78
Figura 20 –	Conferência de Bittencourt Rodrigues	81

Figura 21 – Resultados de <i>Claridades do Sul</i> no período de 1910 a 1919	85
Figura 22 – Retrato de Gomes Leal retirado do opúsculo <i>Protesto de Alguém</i>	110

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
1	A VIDA E A OBRA DE GOMES LEAL.....	18
1.1	A juventude do poeta.....	18
1.2	O poeta místico.....	22
1.3	O poeta boêmio	25
1.4	O poeta revoltado.....	28
1.5	O poeta e jornalista.....	31
1.6	O poeta panfletário.....	33
1.7	O poeta republicano	37
1.8	O poeta científico	40
1.9	O poeta pobre e órfão.....	44
1.10	A morte do poeta.....	46
2	A RECEPÇÃO DE <i>CLARIDADES DO SUL</i> NOS PERIÓDICOS	
	BRASILEIROS ENTRE OS ANOS DE 1875 A 1919.....	52
2.1	As duas edições de <i>Claridades do Sul</i>	52
2.2	Recepção de <i>Claridades do Sul</i> – década de 1870.....	58
2.3	Recepção de <i>Claridades do Sul</i> – década de 1880.....	68
2.4	Recepção de <i>Claridades do Sul</i> – década de 1890.....	74
2.5	Recepção de <i>Claridades do Sul</i> – década de 1900.....	77
2.6	Recepção de <i>Claridades do Sul</i> – década de 1910.....	84
3	AS MODERNIDADES NA OBRA DE GOMES LEAL	89
3.1	Vida urbana.....	91
3.2	Questões sociais.....	96
3.3	Além do real	99
3.4	Despersonalização.....	101
3.5	Modernidades.....	105
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
	REFERÊNCIAS	111
	APÊNDICE A – Listagem de textos de Gomes Leal publicados na imprensa	
	brasileira.....	116

INTRODUÇÃO

Antônio Duarte Gomes Leal (1848 - 1921) foi um poeta português multifacetado, que nasceu e morreu na cidade de Lisboa, tendo se afastado pouquíssimas vezes do convívio da capital. Até onde se tem notícia, sua única viagem para fora de seu país foi uma visita a Madri por ocasião do casamento de Afonso XII (1857 - 1885) com a princesa Mercedes de Bourbon (1860-1878), onde teria alugado um quarto na *Calle Mayor* para que pudesse assistir ao desfile matrimonial¹ (Nemésio, 1953, p. 25). Em Portugal, visitou o Porto e seus arredores². Sua vida, praticamente restrita ao seu país natal, de modo mais especial, à cidade de Ulisses, não o impediram de lançar um olhar crítico sobre os acontecimentos de seu tempo, no que tange à política internacional.

Vasto conhecedor da literatura mundial, o que pode ser percebido através de seus textos, Gomes Leal transformou em arte seu lado crítico, social e político, não renegando uma religiosidade que o acompanhou durante toda a sua trajetória. Passou a vida dedicado a observar a sociedade lisboeta do final do século XIX, denunciando as desigualdades por meio de poemas que ganhavam um tom satírico e irônico e, de uma forma muito peculiar, trouxeram à literatura portuguesa ares de uma modernidade até então não tão apreciada. O poeta tornou-se conhecido por seus poemas político-sociais que denunciavam as injustiças que ele julgava serem fruto da monarquia, considerado por ele um regime político atrasado, e de anos de influência de uma Igreja Católica conservadora.

Além de poeta, Gomes Leal era um jornalista e, como tal, foi colunista de diferentes jornais em Portugal e do estrangeiro. Foi conhecido e reconhecido em diferentes países, como o Brasil, França e Inglaterra. Dedicou os seus mais de 50 anos de vida literária, proporcionando uma variedade de textos ao público, escrevendo peças de teatro, livros de poemas, romances, crônicas, textos políticos e crítica literária. Refletiu sobre a literatura da época com prefácios escritos para diferentes autores e desferiu críticas para jornais dos quais era comentarista.

Suas obras não geraram unanimidade na crítica da época, dividindo opiniões nos dois lados do Atlântico, sendo conhecido por ser um grande poeta ou ainda um grande agitador.

¹ Em nota, Vitorino Nemésio informa que Albino Forjaz Sampaio faz referência a uma viagem com Gomes Leal para Madri e Paris.

² Em 1881 Gomes Leal viajou para o Porto com João Pinheiro Chagas (1863-1925), nascido no Rio de Janeiro, no então Império português e, que se tornaria Ministro português com a Proclamação da República.

Dono de uma das personalidades mais controversas e contraditórias de seu tempo, em Portugal, Gomes Leal tornou-se, também, incompreendido por alguns e aclamado por outros. Um exemplo dessa incompreensão se deu no lançamento de seu primeiro livro, *Claridades do Sul*, em 1875, que causou um certo estranhamento entre seus leitores, que não compreenderam, em um primeiro momento, o que o autor gostaria de revelar ao usar o sol como fonte de inspiração. Essa obra, segundo palavras do próprio autor, seria “produto duma inspiração meridional e algumas verdades heroicas, não se filia, exclusivamente, em nenhuma escola conhecida” (LEAL, 1998, p. 327). *Claridades do Sul* foi considerada por muitos como a sua grande obra-prima em versos na qual abundavam todo o lado lírico do poeta. Na nota que escreveu ao final do livro, Leal afirma saber que era conhecido por seus poemas liberais e, ao ter sido questionado sobre não os colocar em seu livro, apenas argumentou que, em sua próxima obra, *O Anticristo*, trataria das “questões do mundo político e religioso” (Leal, 1998, p.332).

Gomes Leal era autor também de composições panfletárias, nas quais tratava do “mundo político e religioso”. Ainda jovem, escrevia, para os jornais de Lisboa, poemas que desagradavam à monarquia, ao clero e à burguesia conservadora da cidade. Suas reflexões sobre a vida dos moradores da capital portuguesa e a influência que a Igreja manifestava sobre o dia a dia da população renderam uma série de poemas de cunho político. Podemos destacar *A Traição – Carta a El Rei D. Luiz I sobre a venda de Lourenço Marques*, *O Herege* e *O Renegado*, todos publicados em 1881, alguns exemplos dos longos poemas panfletários publicados pelo autor.

A sua vida literária foi longa e prolixa. Embora tenha sido relativamente esquecido pela crítica e pelo público nos últimos anos, em seu tempo, foi muito apreciado. A publicação de *Claridades*, por exemplo, após ganhar uma edição revista e ampliada, ainda pelo autor em 1901, apenas em 1998 pudemos encontrar uma nova edição, conforme as informações do catálogo da Biblioteca Nacional de Portugal. Ao observarmos as críticas estampadas nos periódicos brasileiros, positivas e negativas, e ao começarmos a investigar a sua obra, surgiu-nos o interesse em desvendar como os leitores brasileiros receberam a escrita de Gomes Leal. Objetivamos, com este trabalho, demonstrar uma relação ainda pouco conhecida, a de Gomes Leal com o Brasil e, em particular, com o público brasileiro de seu tempo. Apresentaremos alguns dados quantitativos e qualitativos colhidos nas páginas de periódicos brasileiros que demonstram que essa relação foi maior do que a conhecida até então. Trazemos para nosso estudo colunas e noticiários dedicados ao poeta, escritos por críticos e leitores vorazes por

uma “nova era”³ da literatura portuguesa. Nossa proposta é trazer de modo mais aprofundado⁴ como foi a recepção das obras de Gomes Leal na imprensa periódica brasileira, ao momento do lançamento de *Claridades do Sul*.

Um dos objetivos específicos do nosso trabalho é demonstrar que Gomes Leal, mesmo sem nunca ter vindo ao Brasil, era um poeta de grande expressão no território brasileiro, tendo feito parte de importantes movimentos e protagonizado debates e discussões nos principais círculos intelectuais, literários e políticos em território nacional. Entendemos ser esse um campo ainda inexplorado de sua obra. No entanto, percebemos também que, no século XXI, são poucas as leituras críticas sobre sua produção, sobretudo no Brasil. Muitos leitores só o conhecem por um único livro, *Claridades do Sul*, lançado em 1875. O ano de 2021 marcou o primeiro centenário de seu falecimento, o ano de 2023 marcou os 175 anos de seu nascimento, ocorrido em 1848, e, ao contrário de outros escritores de sua época, não foram realizados congressos ou seminários em sua homenagem. Nos sentimos felizes e honrados com a possibilidade de no ano em que se completam os 150 anos de seu nascimento, publicarmos esse trabalho. Procuramos através deste trabalho resgatar a importância de Gomes Leal como poeta moderno, contribuir com a sua fortuna crítica e oferecer, com a nossa pesquisa, a oportunidade para que novas descobertas possam ser feitas acerca desse importante expoente da Literatura Portuguesa.

Inicialmente, pensamos em analisar apenas a recepção de seus poemas, que pensávamos encontrar dispersos nas páginas periódicas brasileiras. No entanto, ao analisarmos o acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, surpreendemo-nos com a grande quantidade de publicações na imprensa periódica brasileira, enviadas pelo próprio autor ou ainda transcritas de seus livros ou de jornais portugueses. Por isso, optamos por recuperar o escritor polígrafo ao modo como era visto em seu tempo, no Brasil. Encontramos poemas, contos, crônicas, colunas de crítica literária e política, nas quais o autor expunha seu lado de estudioso de literatura e de militante político. Traremos, para conhecimento, alguns textos de autoria de Gomes Leal que circularam pela imprensa brasileira de modo a revelar o

³ De acordo com Hess (1983), a poética portuguesa ficou conhecida como sendo de nova era tendo uma forte característica de desromantização. Surgiam assim as poesias de cunho humanitário expressando através de um “riso agressivo e do escárnio” (Hess, 1883, p. 145) suas formas de militância. A busca por um maior distanciamento em relação ao ser romântico “revela bem o empenho em ser moderno” (Hess, 1883, p. 145), encontrando assim em Gomes Leal um terreno fértil para desenvolver o tema.

⁴ O trabalho faz parte do desdobramento da pesquisa orientada pelo Prof. Dr. Eduardo da Cruz e apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso para a obtenção do grau de Especialista em Literatura Portuguesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro com o título: “Subsídios para a recepção de Gomes Leal na imprensa periódica brasileira”, de 04/2022.

perfil do escritor divulgado na ex-colônia. Acreditamos que desse modo, construiremos uma base para melhor analisarmos a recepção crítica a algumas de suas obras.

Escritor polígrafo, Gomes Leal escreveu desde muito cedo, sobre diversos assuntos, em diferentes gêneros, em livros e periódicos, até os seus últimos momentos de vida, o que proporcionou uma grande variedade de obras, demonstrando sua fenomenal inspiração. Da vasta produção do poeta, selecionamos para análise em nossa pesquisa alguns poemas encontrados na obra *Claridades do Sul*.

Para nossa abordagem, dividimos o presente trabalho em três capítulos. No primeiro, faremos uma apresentação sobre a vida pública e literária do autor, considerando alguns pontos de sua biografia e como eles puderam influenciar no seu trabalho. É nesse momento que nos dedicaremos à biografia do poeta, partindo da percepção de seus leitores brasileiros. Ao longo desse trabalho visamos explorar as informações veiculadas pela imprensa periódica brasileira sobre a pessoa de Gomes Leal. Colhemos depoimentos, notícias e entrevistas tanto do autor como de pessoas que conviveram com ele e tentamos traçar um perfil moldado nas impressões brasileiras do poeta maldito, alcunha muitas vezes atribuída a Gomes Leal. Seus versos eram muitas das vezes considerados satânicos ou, com influências do satanismo, muito embora negadas pelo próprio poeta, como o fez no posfácio de *Claridades do Sul*.

Percebemos que o público brasileiro tinha grande interesse na biografia pública do autor, tendo noticiado diversos fatos de sua vida. Conseguimos localizar algumas entrevistas transcritas de jornais portugueses para edições brasileiras. Alguns dos momentos marcantes da vida de Gomes Leal, como sua passagem pela prisão do Limoeiro em Portugal e uma agressão sofrida quando viajava para o Porto, também repercutiram na imprensa periódica nacional com manifestações de apoio ao poeta e repúdio ao ocorrido. Não ficaram de fora as publicações de Gomes Leal que, ao serem lançadas na capital portuguesa, logo eram noticiadas e aguardadas pelas redações dos jornais para comentários.

Assim, procuramos nos afastar um pouco da forma convencional de traçar a biografia, sem deixar de fora os momentos marcantes da vida do autor, e acrescentaremos à nossa biografia o que se tornou relevante para a comunidade brasileira, que tinha em grande conta o autor português.

Partindo das buscas que fizemos sobre Gomes Leal, chegamos ao segundo capítulo, que é, objetivamente, o centro da nossa pesquisa. Gomes Leal foi um autor que, ainda em seu tempo, caiu no esquecimento, tendo, no final de sua vida, pouco reconhecimento, sendo ainda lembrado apenas por alguns poucos contemporâneos. Lendo hoje, no século XXI, a biografia do autor, é quase difícil acreditar que um poeta, escritor e, porque não dizermos, um artista de

grande notoriedade, ficou esquecido, mesmo sendo autor de uma gama gigantesca de obras, que é grande não apenas em quantidade, mas em qualidade e variedade. Com isso, movidos pelo desejo de desvendar um pouco mais sobre a vida literária de um autor tão diverso, mergulhamos nos arquivos da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional para tentar descobrir, em um primeiro momento, se Gomes Leal havia publicado em algum jornal brasileiro, algo bem comum para escritores e jornalistas portugueses do século XIX. Tãmanha foi a nossa surpresa quando os resultados demonstraram não apenas colunas do autor, mas inúmeras reproduções de seus poemas em diferentes províncias brasileiras, suas obras vendidas e anunciadas nas principais livrarias das capitais e, o que se tornou objeto de nossa dissertação, uma variedade de críticos literários comentando os poemas e obras de Gomes Leal em colunas na imprensa brasileira.

Partindo dessa observação, restringimos nosso *corpus* de pesquisa ao livro *Claridades do Sul*, publicado em 1875, sem dúvida o livro de maior evidência do autor, o que foi refletido aqui no Brasil através da imprensa. Detivemo-nos apenas na primeira edição, compreendendo o período de quase 30 anos entre a primeira e a segunda edição. Pesquisamos, através do sistema de buscas da Hemeroteca Nacional, cada uma das décadas subsequentes ao ano da publicação para termos mais informações. A pesquisa continuou nos surpreendendo conforme avançávamos na leitura das colunas escritas pelos leitores da obra.

Com essa surpresa, chegamos ao terceiro capítulo, que ganhou o título de “Aspectos modernos na obra de Gomes Leal”. Conforme nossa leitura avançava na análise dos textos de recepção dos colunistas, observamos como os poemas de Gomes Leal muitas das vezes causavam um incômodo no leitor, um desconforto, algo novo, que nem todos estavam preparados para compreender. Nós, leitores de literatura do século XXI, estamos treinados para lermos poemas com sinestésias, palavras que denotam outros sentidos, para vibrarmos com os poemas sociais e, que “abandonam” o lirismo. Estamos preparados para ficarmos extasiados com uma variedade de temas e de tons, muitas vezes no mesmo poema, e desse modo não nos assustarmos e nem acharmos que o poeta endoideceu.

Orientados pelos comentários e análises, muitas vezes negativos, que foram feitos pelos colunistas nos jornais brasileiros, procuramos desvendar o que estava por trás dessas análises, a partir dos poemas mencionados por eles. É assim que chegamos a um dos principais temas em relação aos estudos sobre o autor, a modernidade em suas obras.

Quando falamos que os leitores perceberam algo diferente na escrita do poeta, algo incoerente, e que os autores das novas gerações estavam se deixando levar pelas novas tendências, era exatamente o que Gomes Leal estava realizando. Ele antecipava assim traços

do modernismo português. Discutiremos esse tópico baseado na análise dos poemas, alguns deles apontados pelos próprios críticos do século XIX, como sendo de mau gosto.

Seus poemas, que serviam para inspirar, também se prestaram a chamar atenção aos descasos de governantes da época que não olhavam para a população pobre e se rendiam aos luxos e prazeres que o dinheiro proporcionava, bem como o clero, alvo de inúmeras críticas por parte do autor.

Lembrar Gomes Leal é trazer à memória que a fome, a miséria e o descaso com o ser humano são combatidos já há bastante tempo. Sua obra também tinha uma utilidade cívica ao mesmo tempo que buscava uma nova estética. Assim, podemos ser inspirados pela modernidade poética de Leal e continuar a sua luta por mais justiça social.

Esperamos ainda, com esse trabalho, contribuir para a fortuna crítica do autor, tão afastado do cânone literário e das pesquisas acadêmicas nos últimos tempos, com algumas exceções⁵. Os estudos sobre sua obra continuam restritos a poucos espaços de conhecimento. Contamos que, com nosso trabalho, demonstremos a importância que ele teve no Brasil, em seu tempo, para o debate de ideias e como exemplo de poeta moderno.

⁵ Publicada em 1886, a Tese de Doutorado, *As vertentes temáticas na Obra de Gomes Leal*, de Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões e orientada pela Professora Cleonice Berardinelli, configuram umas das exceções aos estudos sobre o poeta Gomes Leal.

1 A VIDA E A OBRA DE GOMES LEAL

Gomes Leal dedicou a maior parte de sua vida às letras, estampando suas opiniões em jornais e revistas, escrevendo panfletos e publicando livros de poemas e romances. Em Portugal, tornou-se um autor de fama e celebrado por seus pares e críticos; no Brasil, em seu tempo, foi eternizado por jornalistas e políticos, nas páginas de periódicos, assim como poetas, que viam em Gomes Leal um autor de grande mérito. Os anos finais de sua vida e os primeiros após a sua morte marcaram um período de apagamento em relação à obra e ao envolvimento do autor com a vida política portuguesa e, por consequência, com a brasileira. Assim, buscamos, neste capítulo, traçar um perfil biográfico de Gomes Leal, do sucesso inicial ao desaparecimento, partindo do que foi recolhido através de nossa pesquisa nos jornais e revistas encontrados na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Identificamos por quais obras o público brasileiro demonstrou ter maior interesse, bem como, em relação à vida pessoal do poeta, identificamos quais os momentos marcantes que fizeram parte das correspondências entre a capital portuguesa e a brasileira. Não deixamos de complementar esta apresentação com as importantes informações biográficas formuladas por Vitorino Nemésio (1952) e Ladislau Batalha (1933).

O poeta Antônio Duarte Gomes Leal nasceu na cidade de Lisboa no ano de 1848, falecendo na mesma cidade em 1921. Filho de João Augusto Gomes Leal⁶ e de Henriqueta Fernandina Monteiro Alves Cabral Leal, gozou de uma infância e de juventude relativamente confortáveis. Sendo o pai um funcionário da Alfândega, conseguiu proporcionar aos dois filhos, Antônio Duarte e Maria Faustina, uma vida de classe média burguesa, garantindo assim, segundo Vitorino Nemésio, que o Sr. João Augusto, deixasse a família amparada financeiramente após o seu falecimento.

1.1 A juventude do poeta

⁶ Encontramos aqui uma divergência quanto ao nome do pai do poeta. No livro *Gomes Leal na intimidade*, de Ladislau Batalha, o nome foi registrado como João Augusto; no *Destino de Gomes Leal*, Nemésio aponta o nome do pai do poeta como João Antônio. Assim, buscamos através dos arquivos da Torre do Tombo a certidão de batismo de Gomes Leal e o atestado de óbito. Na certidão de batismo consta o nome de João Augusto Gomes Leal como pai do poeta. Já o atestado de óbito foi transcrito apenas o nome da mãe, Dona Henriqueta.

Gomes Leal, ainda jovem, trabalhou num Cartório, no centro de Lisboa, a pedido do pai, que percebia o desinteresse do filho pelos estudos. Suas atividades como escriturário não duraram muito. Após uma breve passagem por esse emprego, iniciou o Curso Superior de Letras, que também abandonou. Ele passou, assim, a dedicar os anos de sua juventude às redações de jornais e revistas, iniciando uma longa carreira que o tornaria um dos mais conhecidos poetas de Portugal e Brasil.

A vida literária de Gomes Leal começou bem cedo, segundo ele próprio o diz, em entrevista reproduzida de um periódico de Lisboa na coluna “Assuntos Portugueses” publicada no jornal *O Paiz* do dia 01/08/1916, na qual ele discorre sobre o início de sua carreira poética. Para uma maior compreensão, transcrevemos o trecho inicial:

Estreei-me aos 14 anos com uma poesia intitulada “Ruínas”; Albano Coutinho que ao tempo era meu companheiro de colégio, encarregou-se de a levar para o *Doze de Agosto*, dirigido pelo seu pai, entregando-a ao jornalista Francisco Serra, que a publicou, contudo, sem acreditar que fosse autoria de um petiz de tão curta idade. Em seguida, inda como estudante, entrei para a *Gazeta de Portugal*, ao lado de Eça, Teixeira de Vasconcelos, Santos Nazaré e Pinheiro Chagas, que pôs sempre um desmarcado carinho em tudo o que fiz. Veio depois a época da *Revolução de Setembro*, iniciando colaboração com artigos de política externa e crítica literária que tiveram algum sucesso e quando por mera camaradagem abandonei esse jornal, recebi convite de Eduardo Coelho para fazer o *Diário de Notícias*, onde criei larga nomeada, de então para cá, firmei centenas de versos aqui e ali em jornais e revistas, e o meu nome vincou-se num certo destaque, enchendo de alegria o trabalho extenuante que levava⁷ (*O Paiz* n. 1621, 01 ago.1916, p. 3).

Com a morte do pai, Gomes Leal passou a morar apenas com a irmã e a mãe. Segundo Nemésio, mudam-se para a “Rua Bela Vista à Graça, fixando-se nos bairros que a sua boemia de vida e de versos exprime tão bem” (Nemésio, 1953, p. 14). É nesse momento da vida que inicia o trabalho como jornalista na redação de alguns jornais de destaque. É na *Gazeta de Portugal* (1862-1867) que tem os primeiros contatos com a poética de Charles Baudelaire e as suas *Flores do Mal* (1857). Na mesma *Gazeta*, encontra-se na redação com Eça de Queirós (1845-1900) e as suas *Prosas Bárbaras*, publicadas em livro postumamente em 1903. Esse é sem dúvida um grande momento na vida do poeta e perceberemos, mais adiante, como Gomes Leal tornou-se uma referência quando se fala do poeta francês em Portugal.

Para além de datas precisas, ou ainda que tenha sido deixado de lado um ou outro periódico que Leal tenha colaborado no início de sua carreira, certamente as publicações da *Revolução de Setembro* (1840-1901) são aquelas que trouxeram grande notoriedade ao

⁷ Optamos, em todas as citações, tanto de livros quanto de periódicos ou de manuscritos, anteriores a 1971, por atualizar e ortografia original, evitando assim critérios múltiplos de ortografia, seguindo o modelo do Acordo Ortográfico, de 1990 e utilizado no Brasil. Desta forma, esperamos aproximar o poeta do leitor contemporâneo.

escritor. Ele iniciou sua carreira no ano de 1867 no jornal considerado como a “flor da imprensa literária” (Nemésio, 1953, p. 14). É na *Revolução de Setembro* que Gomes Leal terá “escandalizado por todo esse tempo toda a Alta e toda a Baixa, escrevendo coisas inacreditáveis e fabulosas” (Leal, 1900, p. 98), segundo ele mesmo assume em nota escrita ao final do livro *A morte do rei Humberto e os críticos do fim do mundo* (1900).

A inspiração para causar escândalo e admiração e gerar poemas que exalavam uma “abundância e estranheza das imagens” (Nemésio, 1970, p. 90) vinha das mudanças ocorridas na própria sociedade portuguesa, na cidade de Lisboa, e das injustiças sociais percebidas por ele. O poeta, tendo nascido em 1848, viveu, na segunda metade do século XIX em Portugal, um período de grandes agitações políticas e sociais. O “longo século XIX⁸”, nas palavras de Hobsbawm, também se tornou longo e conturbado em Portugal.

A situação política portuguesa colaborava para que houvesse autores engajados e prontos para denunciar as mazelas sociais e políticas. Por volta de 1850, iniciou-se em Portugal um período que ficou conhecido como Regeneração ou Fontismo. Esse período marcou uma mudança na esfera política, social e econômica do país, trazendo para a sociedade portuguesa uma relativa estabilidade com a alternância de poder entre os dois principais partidos, o Regenerador e o Progressista. Pautada em melhorias para as cidades, mobilidade urbana e nacional e um crescimento industrial, o período da Regeneração gerou uma verdadeira revolução nos transportes e nas comunicações em Portugal, fazendo com que se chegasse na década de 1890 com um número relativamente diversificado de fábricas portuguesas. A modernização e a industrialização foram financiadas por países como Inglaterra e França por meio de empréstimos, ampliando, assim, a dívida pública do país. As consequências desse período foram uma onda migratória por melhores condições de vida, além de uma ampliação da desigualdade social entre a burguesia urbana e comercial e os trabalhadores. A abertura e a ampliação das fábricas geraram um processo migratório para as cidades, principalmente para aquelas mais industrializadas e, como consequência, trouxe uma nova classe social, a de operários. Esses, precarizados e empobrecidos, passaram a frequentar os centros urbanos, sobretudo Lisboa, e eram o retrato da pobreza e das desigualdades que acompanhavam esse processo. A busca por melhores condições de vida, no campo e nas

⁸ Em 1962 o historiador Eric Hobsbawm publicava o livro *A era das revoluções*. A obra tratava do período entre 1789 e 1848, abordando a revolução industrial inglesa, a revolução francesa, e prosseguia até os movimentos revolucionários de 1848, ano também da publicação do Manifesto comunista, de Marx e Engels. *A era do capital* (1848 a 1875) e *A era do império* (1875 a 1914) deram prosseguimento aos estudos de história contemporânea do autor, e, dariam a ele a possibilidade de criar a expressão, “o longo século XIX”, explicando os acontecimentos dos 125 anos (entre 1789 e 1914) que representaram as mudanças que moldaram o mundo contemporâneo como o conhecemos.

cidades, incentivara também uma onda emigratória, sobretudo para o Brasil, que se tornou importante mercado para os escritores portugueses, ajudando a compreender a grande presença de Gomes Leal na nossa imprensa.

Além das questões políticas e sociais aqui mencionadas, o início da carreira literária de Gomes Leal acontece em meio às polêmicas da chamada Questão Coimbrã ou Bom Senso e Bom Gosto. A questão levantada foi o antagonismo entre Antônio Feliciano de Castilho e os estudantes da Universidade de Coimbra, como Antero de Quental e Teófilo Braga. Aqui podemos entender que os poemas mais combativos e os ideais socialistas, inspirados em autores estrangeiros como Proudhon⁹, permeavam as páginas de jornais e periódicos com ideias vanguardistas, fervilhando com novas discussões, e culminaram nas conferências democráticas no Casino Lisbonense.

Portugal vivia ainda uma monarquia no século XIX – a República Portuguesa só seria proclamada em 1910. O descontentamento com o regime, a ampliação das ideias republicanas, um anticlericalismo acentuado com críticas ao catolicismo do Papa Pio IX¹⁰ e uma notória influência socialista ajudam a compreender as inclinações sociais que permeavam a literatura de Gomes Leal. Assim, a escrita do poeta pode ser conferida em periódicos que “causaram escândalo literário e político, já que neles punha em causa o trono, as instituições burguesas e a Igreja” (Bueno, 2001, p. 41). Esse escândalo foi uma das marcas de Gomes Leal.

O escândalo, referido por Bueno para conferir à obra do escritor um caráter diferenciado, foi por vezes explicado pelo poeta. Eram conhecidos os poemas líricos de Gomes Leal, o que caracterizava ainda mais a sua intensidade. No entanto, o autor não tinha como característica se ater a apenas um gênero poético. A intensidade lírica de Gomes Leal era muito conhecida nas colunas de periódicos brasileiros também, o que acompanharemos no próximo capítulo. Por ora, ficaremos com o que o poeta afirmava ao ser questionado sobre os

⁹ Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865) foi um filósofo francês, ligado diretamente à filosofia política de interpretações socialistas e considerado um dos principais teóricos do anarquismo. Vários pontos de sua obra influenciaram o início da atuação de intelectuais da “Geração de 70”, como Antero de Quental e Eça de Queirós.

¹⁰ Sérgio Nazar David e Eduardo da Cruz analisam o anticlericalismo em Eça de Queirós a partir d’*O Crime do Padre Amaro*. O contexto e as ideias não são muito diferentes dos de Gomes Leal, por isso, transcrevemos as observações: “A Igreja Católica, no romantismo, via de regra, está mais fraca e dividida, questionada a cada passo, mas costuma ser preservada em suas doutrinas e ações. O anticlericalismo liberal ainda crê na renovação do catolicismo. Já em *O Crime do Padre Amaro* [e nos poemas de Gomes Leal], a crítica à Igreja Católica se aprofunda. Além da denúncia aos desvios praticados pelos seus membros no que se refere à pregação (má prática religiosa), a apreciação negativa chega também aos pilares da instituição [...] O anticlericalismo de Eça alcança também, em *O Crime*, o Papa Pio IX, que, em seu longo pontificado (de 1846 a 1878), defendeu dogmas como o da infalibilidade papal e da Imaculada Conceição, além de sua clara inclinação antiliberal expressa na encíclica *Syllabus*, de 1864, condenando o Naturalismo, o Socialismo, o Comunismo e a Maçonaria. Na verdade [...] questionam o clero e a sua influência, na esfera pública e privada em Portugal, dentro do próprio regime liberal.” (DAVID; CRUZ, 2018, p. 439-440).

motivos pelos quais não se dedicava mais ao lirismo, optando pelo tom satírico, o que não se negava a responder. Por exemplo, no posfácio da peça escrita em 1900, *Serenadas de Hilário do Céu*, está a explicação para suas preferências.

deixai-me, pois, agora dizer-vos o que eu há muito penso do lirismo, e por que neste gênero, tenho escrito tão pouco [...] o lirismo [...] deve ser cheio de sentimento e originalidade. É por isso que o nosso fado é a expressão genuinamente lírica da idiossincrasia de uma raça: é por isso que o misterioso *Corvo* de Edgar Poe é a expressão saliente de um poeta singular – que criou uma estética sua, uma lírica única, uma Euritmia nova. Abortar todos os anos, ou todos os meses, de livros de versos banais, em que é evidente a imitação e o plágio de outros poetas estrangeiros, mais ou menos avariados, é uma glória que eu não acho, ó meus amigos! Credora da inveja alheia!... Ser original, em poesia, como em todo o gênero de Arte, implica a maior das superioridades – a potência concepcional. Tudo o que não for, em Arte, verdadeiramente original irremissivelmente morrerá. (Leal, 1900, p. iv).

No mesmo posfácio, continua a afirmar que para ser “original em poesia” deve-se ter capacidades superiores, que não deveria haver autores que apenas imitassem outros célebres e estes, depois de mortos, terão suas personalidades diluídas, pois não passaram de copistas. Gomes Leal buscava trazer, através de sua pena, uma nova poética e brindar aos leitores com novos elementos. É importante destacar essa preocupação com a originalidade, tantas vezes afirmada por ele, que dizia não seguir escolas, que misturava, por vezes, o tom lírico ao satírico, que tentava criar imagens novas e surpreendentes.

1.2 O poeta místico

Voltando à entrevista, seguimos com os comentários sobre a sua primeira obra publicada, o poema *Canalha*, de 1873. Segundo o próprio autor, era um poemeto que poderia ser analisado como um “hino, uma hosana magnífica tocada por verdades cruas a ferir aquela inconsciente escumalha que crucificou Jesus” (O Paiz n. 1621, 01 ago.1916, p. 3) Com versos como: “A Europa vê passar, cheia de assombros/ Ferozes, em triunfos, aos seus ombros/ seus reis esguelhados” e ainda no mesmo poema “Não raiou inda o dia da justiça/ Mas, breve, talvez, se ouça a nova missa/ e a liberdade enfim junte os seus filhos/ Vão talvez vir os tempos desejados! / E então, por vossa vez, ó reis sagrados/Saúde aos maltrapilhos” (Leal, 1900, p. 7-9), o poeta atacou os sistemas vigentes na Europa e defendeu uma revolução, o que teria causado espanto. O poema fala de um novo momento europeu, em que já se ouve o

caminhar de uma nova era. Todavia, é importante reparar como Gomes Leal associa o campo semântico do culto católico à revolução.

O poeta também dizia ser um herege, mas com “tendências místicas” (O Paiz n. 1621, 01 ago.1916, p. 3). Gomes Leal, no momento da entrevista, já havia passado por uma confessada conversão ao catolicismo e vinculação ao Partido Nacionalista¹¹, deixando de lado as tendências socialistas e anticlericais que tanto fizeram parte de sua obra. A obra de estreia mencionada, a *Canalha*, trata-se de um poema panfletário e republicano. A ressalva das tendências místicas é exatamente uma forma de demonstrar que, embora sua escrita fosse republicana e socialista, nunca teria abandonado o misticismo da religião.

Em seguida, Gomes Leal, ao responder à pergunta do entrevistador sobre suas leituras, fala abertamente do caminho que seguiu, enveredando por aquelas de caráter mais revolucionário e pessimista, atacando a ordem social existente. Gomes Leal ficou conhecido pelos seus bigodes rebuscados, sua roupa sempre muito engomada, lapela, cartola e charuto, mas também por enunciar todos os seus anseios rebeldes, protestatórios, antimonárquicos e antirreligiosos. Essas características o levaram para as redações dos principais jornais de Lisboa, onde nasceu ou fermentou a amizade com outros escritores como, Antero de Quental e Silva Pinto. Foi a rebeldia que o levou, segundo o próprio, para a vida boêmia de bebedeiras e conversas de propaganda socialista. Lia *A conquista do pão*, de Kropotkin¹², e condenava os czares russos. Extasiou-se com as leituras anarquistas de Ferrer¹³, considerado mais tarde o pai da moderna concepção de escola em Barcelona. Gomes Leal assumiu ter lido, durante a sua vida, uma vasta coleção de pensadores, fazendo com que sua obra fosse uma afronta aos poderes dominantes e às classes burguesas que buscavam o lucro sem se preocuparem com a qualidade de vida dos trabalhadores.

Além de contribuições no campo da política que chegavam por meio dos livros e jornais, a literatura se fazia presente por meio de diferentes autores que eram lidos e referidos

¹¹ A edição de 04/08/1910 do periódico *O Paiz* publica que “O poeta Gomes Leal termina a carta que ontem dirigiu ao diretor de um jornal católico aderindo ao partido nacionalista, protestando contra o projeto de anistia”.

¹² Piotr Kropotkin, pensador e ativista de peso no que se convencionou chamar de “Anarquismo Clássico”, nasceu em 1842 em Moscou, Rússia, como príncipe da família real de Rurik. Na transição da fase adolescente para a adulta, serviu ao exército, que trouxe uma guinada importante para sua vida. No serviço militar, Kropotkin teve contato com a militância e literatura revolucionárias, como os livros do anarquista Pierre J. Proudhon. Após esse contato, já adulto, rejeitou seu título de nobreza, dedicando-se à militância anarquista até sua morte em 1921. (<https://www.britannica.com/biography/Peter-Alekseyevich-Kropotkin>)

¹³ Ferrer nasceu em 1859 em um vilarejo da Catalunha, em família de agricultores católicos. Aos 14 anos, foi trabalhar no comércio em Barcelona e, autodidata, estudou as ideias republicanas. Tornou-se republicano, ateu e anticlerical, ligando-se a grupos maçônicos de livres pensadores. Trabalhando na companhia de estradas de ferro, organizou uma biblioteca popular nos trens e ligou-se a um dos expoentes do republicanismo espanhol, Ruiz Zorrilla. Com o fracasso de uma insurreição republicana, exilou-se em Paris, onde sobreviveu dando aulas de espanhol. Chegou, mesmo, a escrever e publicar um método de espanhol prático.

pelas novas gerações de escritores portugueses. Nomes como os de Lord Byron, Edgar Allan Poe, Victor Hugo, Schopenhauer, Heine, Zola, Flaubert e Charles Baudelaire são claramente identificados quando se fala em poemas da segunda metade do século XIX e marcaram a escrita de Gomes Leal.

Na mesma entrevista, Gomes Leal cita dois escritores franceses como importantes em sua formação: Joris-Karl Huysmans¹⁴, cujos principais romances sintetizam fases sucessivas da estética espiritual e intelectual da França do final do século XIX; e Paul Verlaine¹⁵. O poeta francês de estilo lírico foi primeiro associado aos parnasianos e mais tarde ficou conhecido como líder dos simbolistas. Aqui, para longe dos panfletos políticos e das produções satíricas, Gomes Leal os admirava por serem “dois espíritos magníficos, cheios de indignação e de Fé, como eu” (O Paiz n. 1621, 01 ago.1916, p. 3).

Imbuído de uma admiração mística pelos autores, Gomes Leal fala sobre as suas obras preferidas. São elas: *A História de Jesus para as criancinhas lerem*, de 1883, com uma narrativa lírica sobre a história de Jesus; *A Senhora da Melancolia*, de 1910, com o subtítulo “Avatares de um ateu”, que assinala o momento da conversão do poeta, e *A mulher de luto*, de 1902, dedicado à memória de sua irmã, Maria Fausta, falecida nos primeiros anos da década de 70.

A literatura de Gomes Leal é composta por uma sobreposição de camadas que se acumulam, confundem-se e se misturam. Quando falamos de um poeta panfletário e socialista, vislumbramos o tecido político de sua obra com influências que foram se infiltrando por meio de leituras e conferências que ele participava. A religiosidade é mais uma das camadas presentes. Talvez por isso, o poeta assinale *A História de Jesus para as criancinhas lerem* (1883) como uma de suas favoritas. A crítica que recepcionava a obra do poeta não deixava de anunciar as pontuadas diferenças. Por vezes, Leal proclamava contra uma sociedade que se fazia tão dependente de uma Igreja apontada como “loba faminta, em monstruoso cio/ uivando em torno de reis, num infernal assédio” (Leal, 1884, p. 18). Esses versos apontavam para uma espécie de prenúncio de *O Anticristo* (1886), porém, havia em Gomes Leal uma religiosidade testemunhada por aqueles que leram *A História de Jesus*. Sobre este livro, Guilherme Bellegard escreveu na coluna Diversão Literária na *Gazeta de Notícias*:

Não raiou inda o dia da Justiça!...

¹⁴ Nascido em 5 de fevereiro de 1848, Paris, França – falecido em 12 de maio de 1907, Paris (<https://www.britannica.com/biography/Joris-Karl-Huysmans>)

¹⁵ Nascido em 30 de março de 1844, Metz, França – falecido em 8 de janeiro de 1896, Paris (<https://www.britannica.com/biography/Verlaine-Paul>)

Mas, breve, talvez, se ouça a nova missa,
 E dispersem-se téttricos caudilhos...
 Vão, talvez, vir os tempos desejados!
 – E, então, por vossa vez, ó reis sagrados.
 – Saúdo aos maltrapilhos!

Recordam-se de quem é essa estrofe? É do poeta republicano Gomes Leal, autor de uma objurgatória, em retumbantes alexandrinos, endereçada a D. Luís I. Antônio Duarte Gomes Leal não conta ainda 35 anos de idade, pois nasceu em junho de 1848. Entretanto já tem publicado:

A Canalha, poemeto.

Claridades do Sul, poesias.

A Traição, carta ao rei de Portugal.

O herege, à rainha D. Maria Pia.

O renegado, carta a Antônio Rodrigues de Sampaio, o eminente jornalista recém-falecido.

Diz-se que Gomes Leal prepara um poema social e republicano. Assim será, mas enquanto não aparece *O Anticristo*, brinda as letras portuguesas com a *História de Jesus para as criancinhas lerem*.

Tal é com efeito o título de um livrinho de 125 páginas, uma joia bibliográfica dada a estampa em Lisboa em 1883.

Agradável diversão será seguramente para o leitor encontrar apontadas, mas que por alto algumas das belezas que encerra o livrinho.

Antes, porém, releva tornar patente o designo com que foi posta em verso, para leitura de criancinhas, a *História de Jesus*. (Gazeta de Notícias, n. 00090, 31/03/1883, p. 1)

No periódico *Correio Paulistano* (1854-1963) de 22 de maio de 1883, esse livro infantil foi anunciado como sendo “de uma religiosidade simples e comovente, e tem versos encantadores”. Ainda na mesma coluna, referindo-se a Gomes Leal, o crítico afirma ser “aquele poeta, de enorme fôlego, [...] levanta-se da extravagância de revolucionário, em que se deixou cair há tempo, e de que felizmente o salvou o seu talento” (*Correio Paulistano*, n. 8016, 22/05/1883, p. 2). Gomes Leal foi, durante grande parte de sua vida, um poeta, um autor com ideais anticlericais, porém, como ele mesmo diz, não se afastava do misticismo, mas sim da Instituição que durante muito tempo condenou.

A religiosidade seria um dos grandes temas da vida de Gomes Leal, como veremos mais à frente, porém, havia uma outra relação contrastante na história literária do poeta, o seu relacionamento com a cidade, a cidade de Lisboa, comumente encontrada em suas obras. É a partir de sua vida na polis moderna que encontramos a boemia, a acumulação das vivências citadinas e a experiência de viver como um sujeito em um meio social e urbano conturbados.

1.3 O poeta boêmio

As partes mais conhecidas da vida íntima do poeta foram aquelas dedicadas aos seus poemas e à boemia. Não se casou e não se tem notícias de alguma mulher que tenha sido companheira do poeta, salvo sua irmã, Maria Fausta, e sua mãe, D. Henriqueta. Porém, segundo Ladislau Batalha, político e biógrafo que acolheu Gomes Leal quando esse estava dormindo nas ruas, mesmo “na demência, nos dias de lembranças e devaneios, mantinha acesos os seus trejeitos amorosos” (Batalha, 1933, p. 87). Ladislau conta ainda que, nos dias em que Gomes Leal recebia a sua pensão, “as antigas amantes, já velhas como ele, ao saberem que em certo dia de cada mês recebia uma pensão, embora pequena, compareciam a visitá-lo, a informarem-se da sua saúde, e deixavam-no depenado de dinheiro (Batalha, 1933, p. 151-152). Nemésio afirma ser a mãe de Gomes Leal quem cuidava das finanças da família e, com a sua morte, o poeta caiu na miséria. Mas, antes da conversão, Gomes Leal causou muito tumulto e rebuliço pelas ruas da cidade de Ulisses.

O período da Regeneração trouxe para Lisboa uma verdadeira “fermentação política e social” (Nemésio 1953, p. 33), representando, assim, um período da história de Portugal com grandes mudanças no modo de vida da população. A vida social da cidade passou a ser um verdadeiro burburinho “vadio e estúrdio, na fumarada dos jornais, dos teatros, dos cafés” (Nemésio, 1970 p. 92). Nesse cenário, caminhando de botequim em botequim, com “seus bigodes retorcidos insolentemente” (Lobato, apud Nemésio, 1953, p.25) e sua roupa impecável, o poeta entra na vida pública com um ar de “dandy lusitano”. Esse “dandy lusitano” escrevia de uma forma “lírica em que afloram os motivos citadinos de Baudelaire e em que perpassa o esteticismo humano do pecado e do requinte aprendido nesse poeta” (Nemésio, 1970, p. 90)

Sua fama de bem-vestido chamava a atenção dos portugueses. Porém, do outro lado do Atlântico a moda buscava inspiração em Gomes Leal. Foi assim que descobrimos na *Gazeta de Notícias*, no Rio de Janeiro um anúncio que dizia:

Figura 1 – Anúncio do chapéu à moda de Gomes Leal



Fonte: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro: n. 416, 29/12/1881, p. 2

Esse estilo boêmio em seu modo de ser e de escrever passou a ser reconhecido dentro em outras línguas. Em 1899, a revista parisiense *L'Humanité nouvelle: revue internationale: sciences, lettres et arts* (1897-1903) publicou um artigo em homenagem ao centenário de Almeida Garrett (1799-1854). Nesse artigo, ao falar sobre os grandes nomes da literatura portuguesa, referem-se ao poeta Gomes Leal como “le Baudelaire portugais” (*L'Humanité nouvelle*, 01 jan. 1899, p. 205). Nemésio, quanto à presença de Baudelaire em Portugal, afirma: “o exemplo de Baudelaire só frutificará em três poetas: em Gomes Leal, em Guilherme de Azevedo e em Cesário Verde” (Nemésio, 1953, p. 16).

Fialho de Almeida (1857-1911), no livro póstumo *Figuras de destaque* (1923), dedica um capítulo aos boêmios de seus tempos de mocidade, “meus vagabundos tempos de rapaz” (Almeida, 1923, p. 45). Os boêmios eram conhecidos por estarem sempre nas ruas, nas esquinas, nas charutarias, por isso, conheciam “a cidade com os escaninhos, as ruas escusas, as casas de vício [...] à esquina do Rossio para a Rua Augusta, da banda esquerda, havia uma tabacaria” (Almeida, 1923, p. 45). Nesse endereço, segundo Fialho, reunia-se a nata da boemia lusitana, entre eles, Gomes Leal. Passavam o dia cercados de literatura, política, mulheres e um bom “vinho irônico” (Almeida, 1923, p. 45). Quando terminava o dia, seguiam noite adentro pelo Rossio, andavam pelas ruas da Baixa, no Terreiro do Paço, “até o Tejo, onde deitados pelas escadas do monumento, ou pelas rampas do cais, alguma vez soía romper a manhã no meio das discussões e improvisações da hora redentora” (Almeida, 1923, p. 46). Gomes Leal foi um dos mais conhecidos boêmios do seu tempo. Suas características de

“dandy lusitano” ficaram famosas e eram proclamadas em jornais e revistas. Nemésio escreveu sobre a vida boêmia do poeta:

Mas a boemia de Gomes Leal, por condão e por gosto, era a dos botequins e das ruas. Se não deu como Cesário Verde, a alma marítima de Lisboa e o seu faulhar noturno; se não teve a alucinação das suas ruas e antros, como Fialho, entranhou-se nas pensões e nos desvãos, viveu-a por dentro, nos sórdidos baralhos dos fadistas que pintou, desde a poesia Na Taberna, das *Claridades do Sul*, a O Viúvo de *A Mulher de Luto* – este livro do além, escrito em largas velas (Nemésio, 1953, p. 40-41).

1.4 O poeta revoltado

Sua boemia, entretanto, se vinculava à campanha da “hora redentora”, como diria Fialho de Almeida, por Gomes Leal perceber na cidade questões sociais que o interessavam. A década de 1870 assistiria ao primeiro momento de reconhecimento do poeta com a publicação de alguns trabalhos inspirados em ideias socialistas, como *Tributo de Sangue*, em 1873, seu primeiro panfleto político. O panfleto era uma crítica à lei portuguesa que permitia a convocação dos jovens para a prestação do serviço militar, o que ocorria de forma semelhante no Brasil. Gomes Leal tornava-se assim “o mais importante panfletário da época” (Hess, 1983, p.156), como percebemos no texto enviado pelo correspondente do *Diário do Rio de Janeiro*, em Lisboa, no qual o tom revolucionário e crítico de sua obra causava furor e alimentava discussões:

O Sr. Gomes Leal acaba de pôr à venda uma poesia que foi recitada em alguns dos nossos teatros, e que ele dedicou aos operários portugueses. Os versos são bons, mas para que se possa fazer ideia do assunto escolhido, basta dizer que fulmina reis, como causadores das guerras, em que morrem tantos filhos do povo, cuja perda as mães choram. É um brado a favor do republicanismo. E não condeno a opinião de ninguém. Creio, porém, que a causa única das guerras não são os reis. A Espanha apresenta-nos um testemunho flagrante, e ainda não muito a França, depois da queda da dinastia, nos deu um espetáculo bem deplorável. E quem sabe o que está ainda reservado em ambos aqueles países, onde existe o sistema de que tão salutares frutos se esperam para a humanidade. Devo, porém, notar, que a poesia a que me refiro tem merecimento literário (*Diário do Rio de Janeiro*, n. 00324, 25/11/1873, p. 1).

Esse estilo de escrita, acusatório e crítico, rendeu ao poeta diferentes comentários nas páginas dos jornais brasileiros, além do reconhecimento de seu fervor republicano. Ao publicar a obra *Tributo de Sangue*, Gomes Leal dedica o poema “aos operários portugueses”

apresentando versos com críticas à convocação forçada de militares das classes mais baixas e à possibilidade de os mais ricos pagarem um tributo e serem dispensados de tal convocação. Essa prática acontecia tanto em Portugal quanto no Brasil.

No mesmo período de suas produções panfletárias e políticas, Gomes Leal publica *Claridades do Sul* (1875), uma de suas obras mais conhecidas, tendo uma segunda edição apenas em 1901, com o poeta ainda vivo. Esse livro reúne as diversas facetas que temos comentado aqui, o místico, o boêmio e o panfletário. Nos ocuparemos com maiores detalhes dessa obra no segundo capítulo, por aqui, vale dizer que foi, sem dúvida, o livro de poemas de Gomes Leal mais comentado e mais publicado até hoje.

A publicação de *Claridades* gerou para o poeta uma boa quantidade de dinheiro, porém, seu perfil gastador fez com que esbanjasse não apenas o que seu pai havia deixado, bem como tudo o que ganhou com seus trabalhos nos jornais através de publicações literárias. De acordo com Batalha (1933), a fama e os valores conseguidos ao longo da vida não impediram que Gomes Leal passasse os seus últimos dias dependendo do auxílio de amigos e do governo. Ainda seguindo Batalha:

Gomes Leal nascera, se não rico, perfeitamente remediado. De seu pai herdara o prédio da Rua do Sol, ao Rato. Por falecimento de sua mãe, alguma cousa lhe coube no prédio da Rua da Bela Vista, à Graça, embora já onerado.

A breve trecho, porém um e outro passaram a novos donos. Ele não era egoísta: o que possuía era de toda a gente. Se com a roda dos seus amigos abancava nas bodegas mais imundas ou nos Cafês de luxo, porque uns e outros frequentava quando tinha dinheiro, não consentia que ninguém mais pagasse as despesas (Batalha, 1933, p. 115-116).

O poeta morreria pobre e sem recursos, se tornando fonte de comparação com outro, Camões (- 1580), que também morreu pobre e sem reconhecimento. A similaridade entre os dois não passou despercebida a Nemésio (1953) que chama atenção para versos em que Gomes Leal parecia unir seu destino ao do grande poeta dos *Lusíadas* (1572).

Em 1880, celebrou-se o terceiro centenário de Camões, uma data de grande relevância política naquele momento. Diferentes autores publicaram homenagens ao poeta português Camões, elevado a herói nacional, e, nesse contexto, Gomes Leal lança *A fome de Camões* (1880), um poema composto por quatro cantos. No Brasil, há uma grande divulgação nas livrarias e nas redações de jornais. Só no *Jornal do Commercio* e no *Diário de Notícias*, ambos da então corte carioca, encontramos mais de 30 anúncios na década de 80, com a venda da obra iniciada logo após sua publicação em Lisboa. A propaganda feita para o poema foi motivada por elogios ao poeta, como é possível notar: “Gomes Leal, o valente poeta das

Claridades do Sul, acaba de publicar um poema em quatro cantos, intitulado: – *A fome de Camões*” (Jornal da Tarde: Publicação Diária, n. 228, 23/06/1880, p. 2).

Na então província do Maranhão, um jornal político de características conservadoras publicou, logo em agosto de 1880, uma parte do segundo canto de *A fome de Camões*, intitulado “No Grabato do Hospital”, tratando então da morte do poeta. Nesse canto há o diálogo de Camões com uma Sombra. No princípio, ele julga ser a Musa, depois o Amor, ou a Glória, mas todas às vezes a Sombra nega ao herói moribundo ser quem ele pensa. Até que a Sombra se revela da seguinte maneira: “mil vezes terrível é meu nome/ tenebroso e profundo!... Eu sou a Fome”. Esse foi o diálogo escolhido pelo jornal maranhense para dar conhecimento da obra aos seus leitores. Faremos aqui a transcrição de um pequeno trecho:

Dizendo isto a Sombra descarnada
Debruçou-se do Gênio sobre o leito.
Camões morria já: hirta e gelada
A Fome lhe cruzou as mãos no peito:
E a lágrima marmórea, regelada,
Lágrima que infunde pávido moribundo,
– como um frio protesto contra o mundo. (Leal, 1999, p. 73-74)

O enredo d’*A fome de Camões* parece ser quase um prognóstico do derradeiro futuro de Gomes Leal. Em versos, o poeta diz: “Este vulto, portanto, que caminha/ altas horas, ao frio das nortadas, / é Camões que de fome se definha/ nas ruas de Lisboa abandonadas” (Leal, 1999, p. 54), aproximando-se do que se transformou a sua vida. Abandonado pelas ruas, com frio e fome, esse será um triste e real futuro que esperará Gomes Leal em Lisboa no início do século XX. Sua crítica à recepção do poeta em Portugal serviu a si próprio. Camões, celebrado em 1880, surge morrendo de fome em seu poema. O poeta, celebrado por *Claridades do Sul* e o *Anticristo*, morreria pobre poucas décadas depois do lançamento da obra dedicada a Camões.

Aqui, sobre a situação financeira do poeta, além da já conhecida pobreza pela qual Gomes Leal passará, na mencionada entrevista, o poeta comenta sobre os motivos pelos quais ganhava pouco com a publicação de suas obras. Questionado quanto a isso, Gomes Leal responde serem grandes as dificuldades em publicar. Segundo o poeta, como as obras são confiadas a editores, eles acabavam ficando com a maioria dos rendimentos.

Ainda na década de 1880, Gomes Leal passa a fazer parte da redação de *O Século* (1880 – 1977), um dos trabalhos remunerados do poeta, porém continuou sem rendimentos regulares. Dona Henriqueta, a mãe do poeta, sempre foi a responsável por tentar administrar os bens da família, alcançando êxito até sua morte aos 90 anos.

1.5 O poeta e jornalista

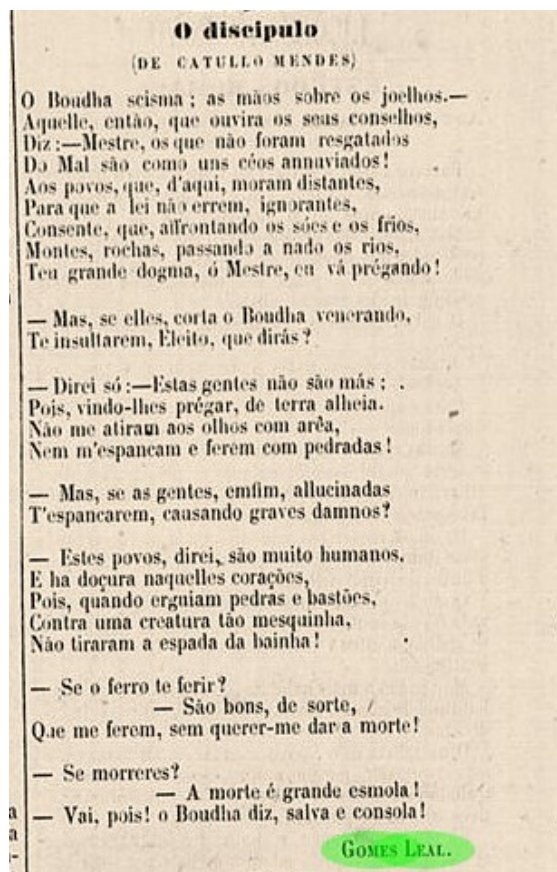
A década de 1880 foi bastante proveitosa para Gomes Leal, não apenas financeiramente, como em fama e reconhecimento. O periódico *O Século*, por exemplo, marcou o surgimento de uma coluna humorística chamada de *Carteira de Mefistófeles*, que culminaria em 1907, com a publicação do livro *Mefistófeles em Lisboa*. Esse periódico foi apenas um daqueles para o qual o poeta trabalhou. Ao final do nosso trabalho há uma lista com alguns dos periódicos nos quais encontramos colunas, poemas e contos do poeta.

Os periódicos tiveram grande importância não apenas na vida de Gomes Leal, como também para aqueles que desejavam serem ouvidos no século XIX. Podemos lembrar aqui das mulheres que se utilizaram dos jornais para fazer propaganda das conquistas femininas, e assim publicarem suas obras e ainda lutarem por direitos como o voto, o estudo regular e o trabalho. Gomes Leal manteve um relacionamento próximo algumas das intelectuais portuguesas do século XIX, como Guiomar Torresão (1844-1898) e Alice Pestana (1860-1929).

Como já dissemos, Gomes Leal começou logo cedo a colaborar com periódicos. Ao longo de sua carreira, participou de diferentes redações dentro e fora de Portugal e, assim, produziu ao longo de sua vida uma grande obra tanto jornalística quanto literária. No Brasil, foi colunista do periódico *Jornal do Brasil*, fundado em 1891 e em atividade ainda. O estudo publicado por Nelson Werneck Sodré (1911-1999) sobre a *História da Imprensa no Brasil* aponta que Gomes Leal fazia parte do time de colunistas do jornal brasileiro. Podemos comprovar essa afirmação através da coluna publicada na edição nº 190, em 19/04/1893. A primeira coluna do jornal trazia o artigo intitulado “Política na Europa”, com a assinatura do jornalista. O conteúdo apresentado girava em torno de uma atualização sobre os principais acontecimentos no continente. Há informações sobre França, Inglaterra, Holanda, Rússia, sobre a expansão férrea e alguns dos meandros dos acordos políticos que aconteciam entre os países.

No Brasil encontramos colaborações suas em diferentes jornais publicações e republicações do poeta desde o início da década de 1870. Até o momento, o primeiro poema que localizamos na imprensa brasileira e, acreditamos ser uma republicação, foi encontrado no *Diário de Notícias* (fig. 1). Trata-se de uma tradução de Catulle Mendès, apresentando outra faceta desse escritor, a de tradutor, além de apontar mais um dos poetas que lhe interessavam.

Figura 2 – O primeiro poema encontrado em periódicos brasileiros



Fonte: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro: n. 416, 14/02/1872, p. 2

Gomes Leal esteve presente nas redações dos principais jornais portugueses e tornou-se referência para diferentes jornais brasileiros. Suas ideias e poemas foram difundidos e alimentaram ideais republicanos, tanto em Portugal como no Brasil. O momento de sua conversão ao cristianismo e adesão ao partido nacionalista, assunto que será tratado mais à frente, causou grande choque entre seus admiradores. Para os leitores e jornalistas que acompanhavam sua carreira essa mudança de perfil não condizia com seu passado de luta pela república e com suas críticas ao modo com que a Igreja Católica conduzia a fé no período.

A forma revoltada com que escrevia seus poemas foi comentada, por exemplo, por Ramalho Ortigão (1836-1915), então correspondente da *Gazeta de Notícias*, periódico da capital brasileira. O ano de 1881 marcava a prisão de Gomes Leal pela acusação de ódio contra a monarquia portuguesa. Ramalho que reconhecia a forma agressiva com que Gomes Leal manifestava seu descontentamento com a coroa, achava que a prisão era uma forma de censura para com a imprensa. Seguindo a biografia do poeta revoltado abordaremos o tema de sua prisão.

1.6 O poeta panfletário

Em 1881 Gomes Leal publica “seu primeiro grande golpe panfletário” (Nemésio, 1953, p. 21) com *A Traição*, um poema que aborda o tema das negociações entre os governos português e inglês acerca do Tratado sobre Lourenço Marques. Com versos nos quais se dirigia diretamente ao rei D. Luís I (1861-1889), através de expressões como Judas, traidor, pícaro, pandilho, régio salafrário, e utilizando o ódio como tema central, o poeta se valia de sua literatura para expressar o seu descontentamento com a política vigente. Os versos motivadores da prisão de Gomes Leal são aqui transcritos através de um pequeno trecho, para que possamos refletir sobre os poemas coléricos e de combate, adjetivos dados pelo próprio poeta ao falar de *A Traição*.

A Traição

Senhor

..... se acaso um rude e enérgico plebeu
pode ser um juiz, e um rei tornar-se réu,
se acaso o assassinado à noite, numa esquina,
pode gritar – traição! – contra quem o assassina,
se acaso um rude velho excomungou Paris,
e Juvenal cuspiu na ruiva meretriz,
e a História toda escarra em Judas, o traidor,
eu serei o juiz – e vós o réu, Senhor!

Sim mancharás na lama, ó rei, os teus brasões,
e terás por juiz a plebe e os corações
dos guerreiros fiéis, bruscos, e encanecidos,
que chorarão de raiva os louros prostituídos,
se derdes os pendões furados das metralhas
que já viram o fumo e os sóis de cem batalhas,
a aura da Liberdade e o sopro das desgraças,
a voz das sedições das ruas e das praças,
se derdes os pendões, gloriosos tanta vez,
para os calcar os pés do marinheiro inglês!

Vender-nos-ás, ó rei” – Mas ficarás um muro,
no qual escreverá o dedo do Futuro,
o dedo vingador, bárbaro, antigo, austero
que marcou a Caim e ensanguentou a Nero,
que escreveu sobre a testa ao Velho Tamerlão
esta legenda atroz – *assassino e ladrão* –
esse dedo cruel que pôs a Alexandre VI
o dístico feroz se lê *incesto*,
que marcou Carlos IX, o algoz dos huguenotes,
e quem em ti marcará – *Judas Iscariotes*. (...) (Leal, 1881, p. 5-6)

O final do século XIX foi caracterizado por reunir diferentes poetas com temas políticos, econômicos e sociais. Em Portugal, os nomes de Antero de Quental, Guerra

Junqueiro, Guilherme de Azevedo e Gomes Leal ficaram marcados por representar o que convencionou-se chamar de uma poética humanitária ou de combate. O próprio Gomes Leal nos apresenta uma definição:

A poesia moderna, como o seu nome o está dizendo, é aquela que canta as novas sociedades, a alma moderna, a vida atual, os desejos, sentimentos e paixões destes tempos – e pouco importa que ela seja subjetiva, coletiva ou de combate. (Hess, 1983, p. 153 apud *Diário de Notícias*, 10/05/1874).

Gomes Leal supunha Dom Luís um traidor da pátria. No início da década de 80, manifestava-se a intenção de negociar a venda de Lourenço Marques com a Inglaterra. Assim, o poema *A Traição* apresenta uma sequência de ultrajes ao monarca, sendo que, segundo Gomes Leal, sua intenção seria apenas de se manifestar publicamente contra a então suposta negociação. Uma das características panfletárias de Gomes Leal é a de usar os acontecimentos atuais para servir de inspiração. Essa atualidade proposta pelos poemas permeados de expressões rudes e grosseiras supõe que o leitor contemporâneo tenha um conhecimento histórico prévio no qual o poema estava inserido.

No Brasil, o *Diário de Belém* (1868-1889), na coluna chamada “Cartas Portuguesas” e assinada pelo português Ramalho Ortigão, há comentários sobre como o poeta realizou a crítica acerca do tratado. Para Ortigão, Gomes Leal utilizou o ódio como forma de expressão. Segue um trecho da coluna:

A Traição é o título de um poemeto que o Sr. Gomes Leal acaba de publicar com o subtítulo de *Carta a El-Rei D. Luís sobre a venda de Lourenço Marques*. O Sr. Gomes Leal é um artista consideravelmente hábil, com talento, possuindo um grande poder de expressão e de colorido moderno. O seu último trabalho confirma brilhantemente todos os merecimentos literários deste poeta.

Para a questão de Lourenço Marques a obra parece-me de um alcance que ultrapassa o assunto. O Sr. Gomes Leal faz da sua musa o instrumento do seu ódio ao rei, a quem chama “bêbado, salafrário e frascário, com uma corte de lúgubres ladrões, de lírios das galés, de sicários e de salteadores”.

O poeta odeia, segundo ele mesmo nos diz, com uma veemência de que não temos nenhum outro exemplo no Parnaso contemporâneo. De toda a geração moderna, a firma a S. Ex.^a que ninguém sabe “nem rir como Voltaire, amar como Romeu, sofrer como Jesus, nem odiar como eu”. (*Diário de Belém* n. 135, 07/06/1881, p. 3).

Podemos perceber, com a coluna de Ramalho Ortigão, que embora este o considerasse um poeta de grande habilidade moderna, também lhe atribuía o ódio como principal elemento para a sua composição poética.

A 5ª edição do poema *A Traição* publicada ainda em 1881 trouxe ao leitor uma sequência de manifestações positivas e negativas, publicadas na imprensa periódica

portuguesa. Sobre os comentários, escreveu Gomes Leal: “poucas obras conseguem fazer sair do habitual marasmo a crítica portuguesa e agitar a onda da opinião, como o panfleto que escrevemos sobre o tratado de Lourenço Marques” (Leal, 1881, p.27) e complementa ainda no mesmo parágrafo afirmando ser vanguardista deste tipo de poema em Portugal. E foi assim que, sentindo-se insultado pela publicação, o monarca mandou prender o poeta. A descrição revela o ar superior com o qual Gomes Leal foi para a prisão:

De fraque e chapéu à banda, o indispensável cravo na lapela e, ao canto da boca o não menos indispensável charuto, deu entrada no Limoeiro, o antigo paço do Conde Andeiro que depois de servir de prisão para delitos políticos, onde aliás foram postas sete salas à sua disposição. (Neves-Marques, apud Hess, 1983, p.156-157).

As notícias sobre a prisão de Gomes Leal correram nos dois lados do Atlântico e dividiram opiniões. Para alguns jornalistas, a condenação do poeta, embora legítima, afinal teria sido uma ofensa ao rei, elevaria a fama de Gomes Leal, ao passo que, se não fosse manifestada nenhuma forma de repressão, o panfleto cairia no esquecimento. Essa era a opinião do *Jornal do Commercio*, através de seu correspondente em Lisboa, apesar de ter ressaltado que três edições da obra, no intervalo de menos de um ano, estavam já esgotadas, revelando o sucesso do poema junto ao público:

A *Traição*, por exemplo, é um panfleto desbragado, e até sem senso comum, a perseguição do autor, depois de esgotadas três edições, é, porém uma imprudência, que nos absteremos de qualificar. A *Traição* esqueceria, como esquecem e caem em desprezo todas as composições do mesmo jaez: a prisão do Sr. Gomes Leal vai dar-lhe uma notoriedade e publicidade, que nunca alcançaria. É lástima (*Jornal do Commercio*, n. 00203, 23/07/1881, P2).

Para os jornalistas com ideias mais progressistas, Gomes Leal se tornaria praticamente um mártir, defendendo a liberdade de expressão e lutando pela república. Tanto no Brasil quanto em Portugal, as manifestações em favor da liberdade do poeta espalhavam-se nos principais jornais. As livrarias, claro, aproveitavam o momento para aumentar as vendas com a polêmica que envolvia o autor e sua obra, como podemos comprovar através do anúncio recolhido na *Gazeta de Notícias* (fig. 3):

Figura 3 – Anúncio de A Traição



Fonte: *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro: n. 204, 01/08/1881, p. 3.

Estando ele na prisão não deixou de escrever, dando assim continuidade aos seus panfletos. A própria *Gazeta* através de seu correspondente informava que, se Gomes Leal tivesse passado mais dias na cadeia, sairia de lá rico. Durante esse tempo, aproveitando a publicidade de sua prisão, ele deu asas a sua veia panfletária com mais um título: *O Herege, carta dirigida à Rainha Maria Pia de Saboia, acerca da queda dos tronos e dos altares* (1881). Neste livro, ele se defendia das acusações que foram feitas ainda sobre o livro *A Traição*, dizendo que não tinha intenção de ofender a rainha, mas sim de transmitir a verdade. Aqui, nos primeiros versos Gomes Leal diz claramente que seu objetivo não era o de insultar a rainha, mas apresentar algo que considerava um crime. O poeta se coloca aqui como um pecador, como alguém que cometeu uma falha, um pecado, o de atacar uma rainha, uma mulher, uma mãe. Mas, não se coloca como um herético na crítica que faz ao tratado proposto pelo rei.

A forma com que se coloca no segundo panfleto aparenta, inicialmente, ser uma forma de desagravo ao que expressou no anterior, porém a continuação da leitura nos mostra que Gomes Leal continua manifestando as mesmas ideias, contrárias aos acordos firmados entre as monarquias portuguesa e inglesa, bem como com a falta de atenção para com os mais pobres.

Podemos observar o poeta fazendo também uma comparação da rainha com a figura da mãe. A mãe tinha um grande significado para Gomes Leal, principalmente porque ele viveu com a sua, Dona Henriqueta, durante praticamente toda a sua vida. Para o poeta, a referência materna era tão importante que deveria vir primeiro. Assim, antes de ser rainha, Dona Maria Pia é mãe. O poeta lembra que as mulheres do povo também são mães e, por causa da rudeza de suas vidas, possuem a coroa materna, maior do que a da rainha.

Senhora
... eu nunca insulto as testas coroadas

para agradar da plebe às massas rebeladas,
ou incitar ao ódio a ira popular!

Não, nunca insultarei uma mulher e um lar,
o nome de uma esposa de uma Mãe,
para arrojar ao charco, à cólera, ao desdém,
à vaza da viela e ao esgoto das paixões!

Também os plebeus têm sublimes corações.
Também conhece a plebe as santas regalias,
que tem uma mulher às doces simpatias
por ser filha de heróis, boa, justa e prudente.
Também a Plebe sabe, a rude Plebe sente
ter respeito, como eu, à esposa, à criancinha,
– e ao diadema da Mãe maior que o da Rainha!

Nunca vos insultei!... Não!... nunca houve um poeta,
nunca houve uma alma forte, enérgica, repleta
das coisas ideais, fortes, gloriosas
que aspiram para o Sol – pai da planta e das rosas!
não, nunca houve um poeta, ou que o mereça ser,
que arrastasse na lama um nome de Mulher! (Leal, 1881, p. 5-6)

A campanha por liberdade foi bem-sucedida. No dia 12 de setembro de 1881, o *Jornal do Commercio* noticiava: “foi ontem o Sr. Gomes Leal posto em liberdade. Foram bastantes amigos buscá-lo à cadeia central, acompanhando-o depois à sua casa com muitas demonstrações de estima, vivas, etc” (*Jornal do Commercio*, n. 0254, 12/09/1881, p.2) Assim termina o primeiro episódio da prisão de Gomes Leal, que também escreveu *O Renegado* (1881), uma crítica à corrupção praticada pelo governo civil de Lisboa, fato que lhe rendeu mais um processo, “pois na opinião do representante da acusação, havia nesse poema a intenção de escarnecer do governador através das expressões como *Tigre e Urso Pelado*” (Hess, 1983, p. 157).

1.7 O poeta republicano

A comunicação entre Brasil e Portugal, mesmo com a independência, era constante e as notícias corriam de um lado ao outro do Atlântico. Provavelmente o número cada vez maior de imigrantes portugueses justificava a atenção dos periódicos ao que se passava em Portugal, pois seria de interesse de seu público. Gomes Leal, atento aos acontecimentos de seu tempo, percebia que alguns partidários do republicanismo se exaltavam e se tornavam mais violentos. Exemplo dessa violência aconteceu aqui no Brasil.

O momento político brasileiro, no ano de 1889, era tenso e agitado na iminência da Proclamação da República. Em 1888, o governo brasileiro havia assinado a Lei Áurea, após longos anos de luta, abolindo a escravidão no Brasil, o que causou um grande descontentamento na elite agrária, que, até então, apoiava a monarquia. Perdendo força e apoio político com uma elite impregnada pelo fortalecimento dos ideais republicanos, que largamente circulavam através dos jornais vindos da Europa, a monarquia brasileira dava claros sinais de enfraquecimento.

Na noite do dia 15 de julho de 1889, Dom Pedro II (1825-1891), sofreu um atentado ao sair com a imperatriz do Teatro Sant'Anna¹⁶, no Rio de Janeiro. A notícia chocara tanto os brasileiros quanto os portugueses, como podemos observar através de notícias em jornais brasileiros e portugueses:

Pela primeira vez, após um reinado de mais de meio século, fora quebrado o respeito que sempre cercou a pessoa do imperador. (*O Paiz*, Rio de Janeiro, n. 1744, 17/07/1889, p. 1).

Em Portugal, e nomeadamente em Lisboa [...] irrompeu de todos os corações em um brado de protesto e de indignação, que se avolumou e cresceu ao saber-se que era um português o autor do atentado. (*O Ocidente*, Lisboa, 01 de agosto de 1889).

Revolucionários, sim, assassinos, nunca! (*República Brasileira*, Rio de Janeiro, n. 13, 17/07/1889, p. 1).

A frase “Revolucionários, sim, assassinos, nunca!”, proferida pelo partido republicano brasileiro após o atentado, bem poderia fazer parte de um dos poemas de Gomes Leal. Mesmo com sua trajetória combativa, ele não acreditava que seria através da violência que os objetivos republicanos seriam alcançados. Embora, no poema *A Traição*, tenha manifestado sentir ódio ao rei, no caso do poema o rei português, não era a intenção de que o próprio deveria sofrer agressões físicas. Essa ideia pode ser comprovada através da publicação “*A morte do Rei Humberto e os Críticos do fim do Mundo*” (1900), na qual critica o assassinato do Rei Humberto, em julho de 1900. Acredita-se que o motivo do crime tenha sido em represália da violenta repressão, ordenada pelo monarca, em Milão, dois anos antes, contra o movimento operário.

Voltando ao acontecimento com o Imperador do Brasil, Gomes Leal escreve uma carta em desagravo. O poema *Protesto d'Alguém. Carta ao Imperador do Brasil*, publicado em 1889, contou com cinco edições, além de ampla divulgação na imprensa periódica, no mesmo

¹⁶ O Teatro Sant'Anna ficava na praça da Constituição, atual praça Tiradentes. Foi reinaugurado, em 1905, como Teatro Carlos Gomes.

ano de sua publicação, dado o sucesso do tema. Sobre a carta, o periódico *O Paiz* informou em primeira página:

Protesto de Alguém

Com este título publicou no Porto o conhecido poeta Gomes Leal um opúsculo nitidamente impresso e ilustrado com o seu retrato.

É uma *Carta ao imperador do Brasil*, escrita em versos heroicos, como convinha ao assunto, e inspirados pela musa da liberdade e do bem, que o poeta designa pelo nome *Utopia*, e

A sua flava trança exala um cheiro
a laranjais, n'um místico noivado.

Fala d'amor e paz, como um boieiro
cantando n'um poente alaranjado.
É virgem d'olhar sério
que prosterna e vareja os corações.
Não tressua no leito do adultério,
nem mata como as fêmeas dos ladrões.
Alegre como o sol por uma fresta...

E protesta sempre contra o sangue derramado e contra o crime.
Condenando o atentado que só podia ter sido praticado por um louco, pede perdão
para o desvairado, que tem vinte anos somente.

Perdão em nome do atual direito
sobre o vesgo direito de Pilatos.
Perdão, pelas secretas,
mas profundas raízes da Razão.
Perdão, Senhor, em nome dos poetas.
Perdão, Senhor, em nome do Perdão.

Da edição destinou o poeta uma parte para o Brasil, achando-se os opúsculos na livraria dos Srs. Laemmert & C., à disposição do público. (*O Paiz*, Rio de Janeiro, n. 1828, 09/12/1889, p. 1).

Percebemos que o periódico brasileiro exaltava a não violência pregada pelo poeta. Para Gomes Leal, o protesto seria sempre bem-vindo, porém as manifestações violentas são condenáveis. A exaltação feita à figura do imperador ao longo do poema é um contraste com o pedido de perdão feito por Gomes Leal. Para ele, embora tenha sido um ato condenável, o jovem de apenas vinte anos merece o perdão.

A edição do opúsculo foi feita na cidade do Porto pela Livraria Civilização e pelos editores Eduardo da Costa Santos & Sobrinho. A capa foi ricamente ilustrada por E. Menezes e o retrato de Gomes Leal foi desenhado pelo ilustrador R. Guarino.

Figura 4 – Capa da quinta edição de *Protesto de Alguém. Carta ao Imperador do Brasil*.



Fonte: LEAL, Gomes. *Protesto D'Alguém. Carta ao Imperador do Brasil*. Porto: Livraria Civilização, 1889

1.8 O poeta científico

Uma outra marca da biografia de Gomes Leal é sem dúvida a religião e a religiosidade. Tais temas acompanharam toda a trajetória do poeta. Na entrevista que abriu

esse capítulo, Gomes Leal, já convertido ao catolicismo, dá seu testemunho de um misticismo, sempre presente em suas obras.

Eu fora sempre um místico. Ainda que o não parecesse e buscasse talvez guardar esse meu instinto. Contudo, na minha obra veem-se por vezes lampejos de Fé, e velada Crença. Depois eu colaborava numa folha da manhã retintamente ateísta, pela intriga violenta e ataque desleal com que mandava os adversários. Esses processos de luta repugnavam-me ao caráter, e por tal forma que um dia, sem mais “tírte nem guarde”, abandonei a redação para não voltar. Recolhi à paz da minha casa, ao carinhoso conforto da minha mãe; e as leituras que fiz encheram-se talvez de maior consciência e as minhas meditações tiveram um mais largo voo. Eu era crente, um verdadeiro crente, embora não praticante (*O Paiz* n. 1621, 01 ago.1916, p. 3).

Esse misticismo assumido pelo poeta foi registrado, por exemplo, no livro *História de Jesus para as criancinhas lerem*, de 1883. Mas, foi em 1886, que Gomes Leal, imbuído pelo anticlericalismo e pelo cientificismo da época, publicou *O Anticristo I Parte – Cristo é o Mal*. Este é, segundo Seabra, o seu “ponto máximo de desvio” e o pesquisador complementa dizendo que Gomes Leal estaria, assim, afastando-se “intencionalmente da matriz romântica” (Seabra, 2000, p. 9).

Anunciado desde o final de *Claridades*, a partir do poema “O novo livro”, que já abre anunciando seu épico com o verso “Vou cantar novos casos dolorosos, / E navegar noutro épico Oceano, / Novas velas soltar. – O ouvido humano, / Que se preste a meus cantos vigorosos” (Leal, 1998, p.314). A obra prometida, uma epopeia, só foi publicada integralmente mais de 10 anos depois de seu anúncio, muito embora, alguns pequenos trechos tenham vindo à lume em um ou outro periódico. Sua chegada ao conhecimento do público causou uma grande agitação na imprensa brasileira e na portuguesa. Assim, ainda com a ideia de traçar a biografia do autor através das páginas impressas, veremos em algumas notas como os jornais enfocaram essa publicação.

No final do livro, Gomes Leal, já na primeira edição, escreve uma nota cujo título é “Do Naturalismo na Poesia”. Nessa nota, explica um pouco a concepção de seu poema e informa como serão divididos os volumes, uma vez que publicaria, mais adiante, o segundo volume de *O Anticristo*.

Dois grandes problemas perturbam e sacodem violentamente, em direções diferentes, a alma revolucionária do século dezanove: um é o problema religioso da separação da Igreja e do Estado, problema que há de acender em breve uma luta tremenda e irremissível: o outro é o problema social do Capital e do Trabalho, não menos terrível, nem menos formidando¹⁷ (Leal, 1886, p. 434).

¹⁷ A palavra formidando empregada por Gomes Leal tem o sentido de que mete medo; terrível, tremendo, pavoroso, horripilante. Fonte: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#1

O primeiro tomo é publicado em 1886 e trata do problema religioso; o segundo, que ainda viria a ser publicado, se ocuparia do Capital e do Trabalho. As opiniões acerca da obra são bem divergentes. Começamos com a nota que está no *Jornal de Recife* (1858-1938), de 28 de maio de 1886 e foi encaminhada pelo correspondente Pinheiro Chagas (1842-1895), político, escritor e jornalista português:

Apareceu o novo poema de Gomes Leal – I *O Anticristo*, dedicado a Hartmann o célebre autor da filosofia do inconsciente e um dos do pessimismo dessa doutrina hoje tanto em moda e cuja influência na poesia frisou-se bem nas produções de Heine e de Leopardi. O tema do poema de Gomes Leal é a negação de todo princípio religioso: parece, porém, que essa ideia geral a que o autor pretendeu subordinar o seu trabalho, foi se lhe anuviando no cérebro, à medida que o poema se ia confeccionando, de onde resulta uma certa falta de uniformidade na beleza filosófica do *Anticristo*. De resto, o poema está deveras bem-feito: Gomes Leal é, incontestavelmente, um excelente metrificador. *O Anticristo* é muito superior à *Velhice do Padre Eterno*, de Guerra Junqueiro (Chagas, 1886, p. 1).

Pinheiro Chagas, discípulo de Antônio Feliciano de Castilho, elogia a boa forma de confeccionar poemas de Gomes Leal, mas também questiona o conteúdo da obra. Trata-se de um dos comentários mais comuns acerca de *O Anticristo*. A repercussão no Brasil atingiu diferentes cidades. Começamos com Recife e caminhamos agora para a Corte, Rio de Janeiro, com o *Diário de Notícias*, um jornal que viria a ter no seu rol de colunistas nomes de grande relevância da cena política brasileira, como Rui Barbosa (1849-1923), Lopes Trovão (1848-1925), Aristides Lobo (1838-1896) e Medeiros e Albuquerque (1867-1934). No momento, quem nos chama a atenção é um padre, um português, o Padre Sena Freitas (1840-1913), que, segundo Vanda Anastácio:

Foi um autor de uma vastíssima obra e teve um papel ativo na defesa do Catolicismo numa das épocas mais conturbadas da História da Igreja em Portugal. Este eclesiástico foi um autor extremamente produtivo, que se dedicou intensamente à escrita entre 1873 e 1910, tendo legado à posteridade uma extensa obra, composta por livros, traduções e centenas de textos de intervenção (Anastácio, 2008, p. 1).

O *Diário de Notícias* publicou, durante 7 semanas, uma “série de artigos do nosso estimado colaborador Rev. Padre Sena Freitas, analisando o livro do poeta Gomes Leal” (*Diário de Notícias*, n. 397, 10/07/1886, p.1). Assim foi anunciado que o Padre Sena Freitas iria comentar o novo e esperado livro do poeta português.

A coluna de abertura ocupava a primeira página do jornal de domingo, no dia 11 de julho de 1886, com o título de “*O Anticristo* – Por Gomes Leal – Suscinto juízo crítico pelo Padre Sena Freitas”. O padre inicia seu juízo comentando que lera o livro até o final, ou seja,

até a “3ª Heresia – Morte do Padre Eterno”, que é o segundo subcapítulo do último capítulo, chamado de “Tragédia divina”. Destacamos aqui um trecho que exemplifica o tom das palavras que o Padre escreveu acerca do livro de Gomes Leal:

Pois então dir-lhe-ei aqui já à porta da entrada. É uma supuração linfática, é uma escarlatina furiosa que obrigou Gomes Leal a coçar-se até o sangue e lhe fez do corpo um S. Sebastião em projeto, é um *Charivari*, uma bacanal, uma escrôfula, da literatura portuguesa, uma pornografia, uma boêmia versejada, é o ritus do mal amarfanhada, sarcástica e infernal das suas feições caricaturais vociferando contra o ideal e sublime Cristo que alteou a humanidade à nova e civilizadora, formosíssima e filosófica ideia da confraternização universal, e escrevendo com um dedo de fogo sobre a sua túnica divina – *Cristo é o mal* (Freitas, *O Diário de Notícias*, n. 397, 10 jul.1886, p. 1).

Percebemos que Sena Freitas usa algumas palavras ligadas a doenças, como se apenas uma pessoa doente pudesse escrever da forma com que Gomes Leal escreveu em *O Anticristo*. Talvez, a ideia seja a de levar o leitor a pensar em doenças ao refletir sobre a obra, ou seja, doenças da alma, doenças que levaram o poeta a escrever um livro que para o Padre está repleto de blasfêmias. De todo o modo, é interessante perceber como esse vocabulário, comum ao Naturalismo, estética que teria inspirado *O Anticristo*, estava presente também em seu detrator, como se tivesse sido influenciado por essa escola.

Na segunda coluna, no dia 14 de julho de 1886, também recebendo destaque na primeira página, Sena mantém seu repertório de doenças para exemplificar as razões pelas quais justificariam Gomes Leal ter escrito *O Anticristo*. Nesse segundo momento, o Padre leva aos leitores brasileiros algumas opiniões próprias acerca da qualidade dos versos do poeta.

Que Gomes Leal tenha seu talento, não serei eu que lho negue. O seu a seu dono. Nego-lhe apenas o senso comum, este lastro do talento. Evidencia a falta de qualidade apontada a incoerência do episódio do poema, o discernido dos assuntos, os declives súbitos do alvo filosófico de um fragmento poético para a vulgaridade de um namoro, a fusão do sério e do trágico com o grotesco, a defesa das teses que irritam a mais elementar sensibilidade pelo infortúnio, como o horror declarado ao indigente que desfecha ao ouvido do opulento o grito eloquente da fome, a convicção ingênua de inaugurar o poema CIENTÍFICO e de julgar tê-lo inaugurado porque em uma ou duas palavras nos sufocou, à traição, com uma *douche* de termos impronunciáveis (Freitas, *O Diário de Notícias*, n. 397, 10 jul.1886, p. 1).

Sena Freitas questiona a originalidade de Gomes Leal, que apresentou seu poema como epopeia científica, inspirada no Naturalismo. Contudo, o padre não acredita ter sido suficiente o trabalho para caracterizar o poema como científico. A sequência de colunas continua, agora no dia 24 de agosto de 1886, desta vez, ocupando a terceira página do diário. As observações de Sena ficam em torno do que chamou de “uma culminação científica”. Para

o crítico, Gomes Leal teria como objetivo “emudecer o sobrenatural e reduzi-lo por uma vez a zero”. O Padre acusa o poeta de tentar calar a voz de Deus através de um cientificismo que não tinha como objetivo o esclarecimento do leitor.

Para Gomes Leal, a obra teria quase um caráter didático, uma vez que deveria mostrar ao leitor as duas grandes adversidades que assolavam a sociedade. A primeira seria a de que Igreja e Estado não deveriam estar misturados e a segunda; o problema social, que levava à fome e miséria da população. Para o padre, suas ideias levavam os fiéis a conhecerem um cenário apocalíptico e distanciarem-se da Instituição.

Na coluna seguinte, o padre aponta que Gomes Leal ao escrever *História de Jesus* queria desmoralizar o cristianismo e levar o leitor à descrença. Sena Freitas na mesma coluna indaga como poderia o mesmo autor ter versos que contemplem as maravilhas e ensinamentos de Jesus e, ao mesmo tempo, apontá-lo como o mal. No dia 7 de setembro de 1886, Sena Freitas chega ao fim da sequência de cartas encaminhadas ao *Diário de Notícias*. A grande preocupação do padre era com a fé das pessoas, uma vez que Gomes Leal, ao utilizar o cientificismo para explicar que Cristo era o mal, poderia converter os fiéis à incredulidade, o que não era desejoso para a Igreja Católica. Ou seja, Sena Freitas acreditava no poder de persuasão da obra literária e, sobretudo, no impacto dos poemas de Gomes Leal na formação de mentalidades. A última carta termina com um *Post-scriptum* no qual Sena informa não ter se ocupado das formas literárias, no caso aqui, da epopeia, acreditando que outros o fariam.

As críticas feitas pelo padre ao poeta não foram esquecidas. Assim, em 1900, quando Gomes Leal publica a obra *Fim de um mundo – Sátiras Modernas*, Sena Freitas é lembrado de uma forma satírica dando ao leitor a ideia de que o outro Sena, o rio francês, seria bem mais agradável que o padre. Transcrevemos, ressaltado que Gomes Leal não considerou amena a crítica de Sena Freitas:

Ao Padre Sena Freitas

Sei que dizes que odeio o teu nome e a tua pena.
Hediondas suspeitas!...
Teu nome faz lembrar um correr de água amena.
Lembra um rio gaulês. Gosto muito do Sena.
Mas do Sena... sem Freitas. (Leal, 2000, p. 137)

1.9 O poeta pobre e órfão

O ano de 1910 talvez tenha sido um dos mais difíceis da vida do poeta. Foi o ano de falecimento de sua mãe, Dona Henriqueta, “a eterna ama de uma criança grande” (Nemésio, 1953, p. 45). Podemos retomar novamente esse ponto da entrevista. Quando Gomes Leal é questionado sobre sua conversão, ele fala de uma doença funesta que roubou sua mãe. Foi nesse momento que abandonou “para nunca mais voltar” a redação ateísta em que trabalhava. Para compreender um pouco desse momento, devemos entender a relação de Gomes Leal com sua mãe.

Com o falecimento do pai de Gomes Leal, a mãe passou a cuidar das finanças da família, bem como dos dois filhos. A irmã faleceu muito nova, logo em 1875, e Dona Henriqueta dedicou-se integralmente a cuidar do filho. Era ela que cuidava para que Gomes Leal andasse de forma impecável pela cidade, mas também era através dela que eram sustentados os vícios como charutos e bebidas. Segundo Nemésio, isso duraria até 1910, ano de seu falecimento. “E pouco a pouco os bigodes insolentes de Gomes Leal cediam, o chapéu ficava-lhe amachucado na mão, via-se do alto da testa a poupa sem governo, os olhos esbugalhados iam da porta ao altar. Ajoelhara” (Nemésio, 1953, p. 44). E foi assim que, após “passar a dor mais profunda da vida”, Gomes Leal decidiu retomar o misticismo que, segundo ele próprio, acompanhara-o durante toda a sua vida.

Conhecido por ser um notório republicano, após a conversão, Gomes Leal passou a defender o Partido Nacionalista Português. Em discurso proferido na Assembleia do Partido, justifica a sua escolha pela adesão ao partido católico, pontuando seu descontentamento tanto com o governo republicano quanto com a violência que marcou o fim da monarquia em Portugal. Lembramos aqui que o Rei Carlos I e seu filho o príncipe Luís foram assassinados no ano de 1908. A violência física e extrema não estava em acordo com o pensamento do poeta. Podemos mencionar o caso do Dom Pedro e o Rei Humberto. Para o brasileiro, a tentativa terminou sem a morte do monarca, o que não aconteceu com o italiano e aqui com o português. O periódico *O Paiz* publicou uma nota referenciando a carta escrita ao diretor de um jornal católico com a adesão ao Partido Nacionalista:

O poeta Gomes Leal termina a carta que ontem dirigiu ao diretor de um jornal católico, aderindo ao partido nacionalista, protestando contra o projeto de anistia. O Sr. Gomes Leal é um poeta muito distinto, antigo e violento republicano revolucionário, ficou, certamente, impressionado com o procedimento do não menos distinto escritor Fialho de Almeida, o célebre autor de *Gatos*. E vai daí imitou-o. A Fialho de Almeida, quando da sua adesão ao partido católico, chegaram a chamá-lo tolo, e jornais houve que afirmaram ter ele ensandecido. Que dirão agora de Gomes Leal? (*O Paiz*, n. 9434, 04/08/1910, p. 9)

A conversão de Gomes Leal e consequente adesão ao partido católico fez com que o poeta fosse praticamente execrado por diversos círculos literários em Portugal. Acreditamos ser essa uma das razões pelas quais o poeta foi praticamente excluído do cânone literário português. É fato que além de sua conversão religiosa e política, os poemas de Gomes Leal não agradavam a todos. Assim, a vida financeiramente desregrada, a sua obra incompreendida e a guinada ideológica podem ser apontadas como alguns dos motivos que fizeram do poeta alguém praticamente esquecido na literatura portuguesa.

1.10 A morte do poeta

Por não ter sido uma pessoa que ao longo de sua vida manteve um regramento financeiro, seus gastos exagerados fizeram com que não conseguisse acumular nem ao menos os meios para a sua subsistência. Assim, tendo saído das redações dos principais jornais, suas rendas diminuíram consideravelmente. As economias deixadas pela mãe também foram se esvaindo. Algumas iniciativas foram sendo feitas para poder ter uma vida mais confortável. A edição d'*O Paiz* de janeiro de 1914 conta sobre uma dessas, acontecida no Natal do ano anterior.

No “Diário de Notícias” de quinta-feira, dia de Natal, leio isto, que é um afago à tão isolada e desconsolada velhice do grande poeta:
Realiza-se hoje, dia de Natal, a entrega da edição da “História de Jesus” do grande poeta, seu autor, em tributo de homenagem dos que comungam nas mesmas crenças. A redação da “Voz da Juventude” tomou a iniciativa desta manifestação em honra do insigne literato, abrindo uma subscrição entre os católicos, para custeio das despesas da edição daquele admirável feixe de poesias, que a crítica recebeu com o maior apreço e elogio, e que é uma das obras primas de Gomes Leal. O produto da venda do encantador livrinho é todo oferecido ao poeta, que escreveu para esta edição algumas preciosas páginas e um soberbo prefácio em prosa. A capa da “história de Jesus” é um trabalho primoroso do grande artista Jorge Colaço, que gentilmente quis associar-se a esses preitos ao vate consagrado. (*O Paiz*, n. 10694, 17/01/1914, p. 6)

Apesar desses pequenos gestos, Gomes Leal ficou sem recursos. Passou então a viver de pequenos trabalhos, escrevendo algumas pequenas colunas em troca de pouco dinheiro. No ano de 1916, alguns políticos souberam da terrível situação financeira em que se encontrava Gomes Leal. Após algumas sessões em que discutiam a possibilidade de uma pensão para o poeta, foi aprovada primeiro no Senado e depois na Câmara dos deputados, em 09/11/1916, a pensão ao poeta.

Figura 5 – Retrato de Gomes Leal que acompanha o artigo de Ferreira de Castro “Gomes Leal e a Morte”



Fonte: *ABC* n. 187, Lisboa: 14/02/1924, p.1

Em 1918, vivendo a velhice (Fig. 5) e a solidão, foi encontrado “encolhido e amarfanhado, caído no chão, com a face do lado esquerdo ferida e numa lástima com as pedradas que lhe atiravam” (Batalha, 1933, p. 132-133). A notícia da miséria do poeta se espalhou pelos jornais brasileiros. Da redação d’*O Paiz*:

Desgraçada situação a do pobre grande poeta, que o “Século” descreve nestas pungentes palavras:

Só suas palavras, que nem tantas desejaríamos escrever. Mas o nome do poeta por aí anda na voz pública, e o motivo, aliás, bem justificado de piedade. O infantil e genial espírito do poeta não soube ou não pôde precaver-se contra os isolamentos cruéis e fatais da velhice e do esgotamento. Agora, é um farrapo, brinquedo da rapaziada da rua, alvo da comiseração de quem passa. (*O Paiz*, n.12751, 08/09/1919, p. 2)

E foi assim, vivendo em dificuldade, que Gomes Leal, em 1918, pode encontrar algum conforto em sua vida. Quando estava sujo, machucado e abandonado nas ruas, foi reconhecido por Constantino Mendes (1890-1960) – conhecido pela alcunha de *O Norte*, era na época bem jovem, mas veio a ser um conhecido anarquista português – e por Maria O’Neill (1873-1932), escritora, feminista e espírita portuguesa, que prontamente chamou o político Ladislau Batalha (1856-1939), que o levou para casa (Fig. 4). Em 1933, Ladislau escreveu um livro contando como foi a vida de Gomes Leal no período em que conviveram. O episódio do encontro na rua é contado por ele:

O episódio infame do Rossio estremeceu no coração de Maria O’Neill. A poetisa deixou para trás a Praça de D. Pedro IV, caminhou para a casa de Ladislau Batalha, na Rua do Telhal, número 32, a São José. Bateu duas argoladas para lhe abrirem a porta da rua. Galgando os degraus da escada a dois e dois, entrou-nos pela porta dentro, ofegante.

– Batalha, – nos gritou ela a arquejar – uma grande desgraça...

– O que foi? Perguntamos ansiosos, em vistas da aflição da O’Neill.

– O nosso Gomes Leal – esclareceu ela, articulando a custo as palavras – o nosso Gomes Leal caiu estatelado dos bancos do Rossio abaixo. Está ferido. O Norte acudiu-lhe.

– E onde está ele agora? Perguntamos com interesse.

– Ali nos bancos da Avenida. Trouxe-o o Norte. Agora você tem de completar a obra iniciada. Eu vou buscá-lo. Arranje-lhe imediatamente um quarto.

– Pois traga-o e quanto antes! Foi a nossa resposta concisa.

Dona Maria O’Neill saiu contente, considerando, como de facto, o problema resolvido. E enquanto ela saiu a buscar o Poeta, preparou-se-lhe a toda a pressa o aposento para recebê-lo. (Batalha, 1933, p.132-133)

Figura 6 – Local onde faleceu Gomes Leal



Legenda: O prédio n.º 32 da Rua do Telhal, onde morreu Gomes Leal
Fotografia que acompanha o artigo de Ferreira de Castro “Gomes Leal e a Morte”. Fonte: *ABC*, Lisboa, n. 187, p.1, 14 fev. 1924.

Assim foi feito. Gomes Leal foi recebido na casa de Ladislau Batalha e viveu os últimos anos de sua vida de uma forma mais tranquila e agradável, cercado de pessoas que o procuravam para ouvir suas histórias, fazer visitas e levar presentes. Era o caso de Albino Forjaz Sampaio, Maria O'Neill e Maria Carolina Ramos.

Em 29 de janeiro de 1921, morreu Gomes Leal.

Os jornais brasileiros, que tanto exaltavam as qualidades literárias de Gomes Leal, agora, rendiam as últimas homenagens ao poeta. A *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, publicou um retrato (fig. 5) em honra ao poeta:

Figura 7 – Retrato de Gomes Leal



Legenda: “Era excêntrico como quase todos os homens de grande talento, não abandonando nunca o chapéu, a pasta e a bengala”. Fonte: *Gazeta de Notícias*, n. 30, p. 1, 30 jan. 1921.

Buscamos, com este capítulo, lançar um pouco mais de luz sobre a vida do poeta Gomes Leal através da imprensa periódica brasileira. O poeta é conhecido por sua grande importância para a história da literatura portuguesa. De acordo com os dados que levantamos, também o foi para a literatura brasileira. De forma minuciosa, identificamos acontecimentos que fizeram parte da vida do autor, tanto de sua vida pessoal, quanto da profissional, incluindo o lançamento de seus livros e a análise que era feita pelos estudiosos brasileiros. Desse modo, relembremos fatos importantes de sua carreira literária, como verdadeiro polígrafo intervencionista. Muitos detalhes não chegaram a ser abordados aqui. Algumas obras não tiveram tanto impacto ou, não cabia, nas dimensões deste estudo, análise mais aprofundada de alguns textos políticos, dos contos que publicou na imprensa do Brasil, ou a recepção de alguns outros poemas. Sua biografia merece trabalho de maior fôlego.

A vida de Gomes Leal foi, assim como de outros autores da época, muito noticiada e comentada, mas o “poeta maldito” teve uma capacidade de chocar o público com seus escritos e atitudes. Quase tudo o que publicava gerava reações de muito louvor ou ferrenhas críticas negativas. Em geral, ele não passava despercebido, seja no seu jeito de vestir, suscitando moda, ou ainda nas suas obras. Terminamos este capítulo com a morte do poeta, porém como uma boa obra não morre nunca, nosso próximo capítulo abordará *Claridades do Sul*, essa que se tornou a sua principal e mais famosa.

2 A RECEPÇÃO DE *CLARIDADES DO SUL* NOS PERIÓDICOS BRASILEIROS ENTRE OS ANOS DE 1875 A 1919

Gomes Leal, apesar de ter ficado marcado como poeta, foi um artista diverso, polígrafo, escrevendo romances, contos, peças de teatro e poemas, inúmeros poemas. Ele também teve seu nome inscrito no rol de importantes jornalistas do século XIX. Com uma vida dedicada à escrita, lançou diferentes livros e panfletos, recebeu críticas, elogios, teve sua obra publicada e republicada em jornais portugueses e brasileiros. O pouco reconhecimento dispensado ao escritor no século XXI não reflete a importância e a grande circulação de sua obra no final do século XIX e início do século XX.

Assim, visando entender como ocorreu a circulação das obras de Gomes Leal em terras brasileiras, este capítulo busca, através da pesquisa realizada na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil, demonstrar como aconteceu a chegada dos livros do poeta, a distribuição e os principais pontos de venda nos últimos anos do século XIX. Aqui, para falar da noção de circulação, usaremos o conceito da professora Marcia Abreu (2019) que aborda o tema com a ideia de movimento. As publicações movimentavam-se entre as diferentes nações, havendo um fluxo transatlântico e um mercado consumidor interno para produções de outros países, inclusive Portugal, o que pode ser percebido na abundância de anúncios de venda de livros encontrados nos jornais e revistas do período. O interesse por produções literárias portuguesas pode ter se dado tanto pela proximidade cultural e linguística, advindas da colonização, ou pelo fluxo cada vez maior de imigrantes portugueses entre o último quartel do século XIX e meados do XX.

Objetivamos neste capítulo, quase 150 anos depois da publicação da primeira edição, de conhecer o que a crítica, especializada ou não, pensava na época sobre a obra de Gomes Leal. Refletiremos a partir das impressões que os leitores do século XIX manifestaram no momento do lançamento aqui no Brasil, ou seja, como se deu a recepção do livro *Claridades do Sul* na imprensa periódica brasileira, tanto em textos de autoria nacional quanto em republicações da imprensa portuguesa. Interessa-nos saber também quanto à aceitação da obra pelo público, o que será possível por meio de um pequeno levantamento do quantitativo das vendas nas livrarias.

2.1 As duas edições de *Claridades do Sul*

A primeira edição de *Claridades do Sul* foi lançada em 1875, em Lisboa, pelo editor Brás Pinheiro, e reunia alguns poemas que já haviam circulado no periódico *Revolução de Setembro* (1840-1901), o primeiro jornal de destaque em que Gomes Leal trabalhou. O levantamento apresentado pela recente edição da obra, lançada em 1998, pela Editora Assírio & Alvim, de Lisboa, sob a coordenação de José Carlos Seabra Pereira, informa quais poemas foram publicados no periódico português. Reproduzimos esse modelo com um quadro no qual indicamos, além das publicações originais de Portugal recuperadas da pesquisa de Seabra Pereira, a presença no Brasil de um desses poemas antes da edição do livro. Para nós, uma confirmação apontando que os poemas de Gomes Leal já circulavam entre os leitores brasileiros mesmo antes da publicação.

Tabela 1 – Poemas do *Claridades do Sul* encontrados nos jornais brasileiros antes do lançamento do livro

Poema	Página	Edição	Poemas encontradas nos jornais brasileiros
“Debaixo de uma janela”	p. 155-158	<i>Revolução de Setembro</i> , n. 8305, 15/11/1870	<i>Leitura Popular</i> (Rio de Janeiro) outubro/1871, p.55 a 58
“Na cabeceira dum leito”	p. 140	<i>Revolução de Setembro</i> , n. 8305, 15/02/1870	
“A pomba que voou”	p. 213-214	<i>Revolução de Setembro</i> , n. 8408, 23/06/1870	
“Rosa mística”	p.230	<i>Revolução de Setembro</i> , n. 8555, 17/12/1870	
“A Biografia de Satã”	p.267-271	<i>Revolução de Setembro</i> , n. 8356, 20/04/1870	

A última coluna mostra que o poema “Debaixo de uma janela” foi republicado aqui no Brasil pelo jornal *Leitura Popular: Publicação Mensal* em outubro de 1871. Trata-se de uma conversa entre Fausto e Mefistófeles com um coro acompanhando.

Debaixo de uma janela (trecho)

A Batalha Reis

Fausto e Mefistófeles

Fausto

Nas noites brancas de lua
 É que se abrem as janelas.
 – Vem ver, meus olhos escuros,
 A sementeira d’estrelas!

Quem me dera a mim que fosse,
 – Para te poder falar, –
 O teu peito uma janela,
 E o meu amor o luar!

Uma voz (*cantando dentro*)

As estrelas mais brilhantes,
 Entre as outras as primeiras,
 São os prantos de Maria
 E o suor das Oliveiras.

Mefistófeles (*cantando numa guitarra*)

O nosso bom arcebispo
 Perdeu a sobrepeliz,
 Uma vez em casa duma...
 São coisas que o povo diz. (Leal, 1998, p. 155-156)

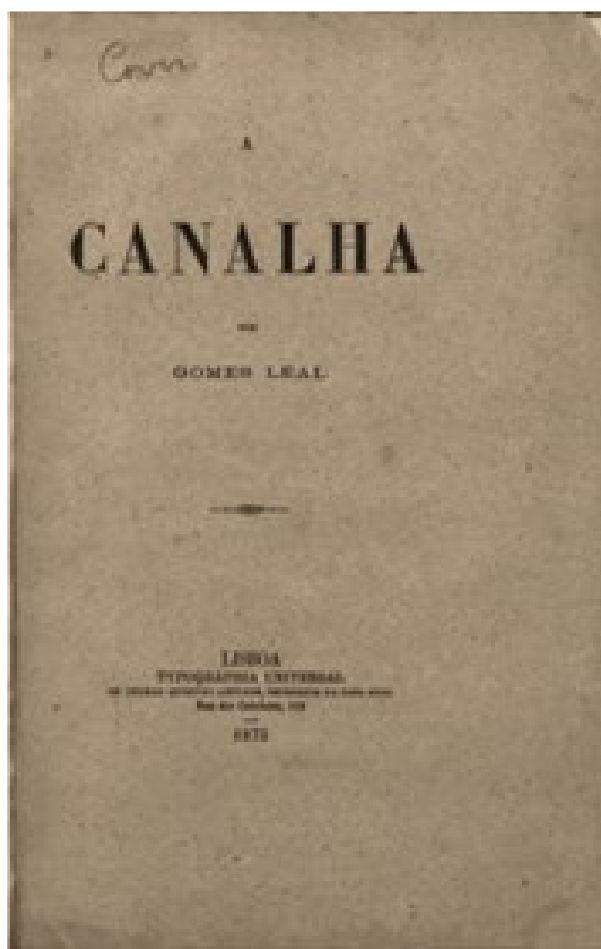
Na voz de Fausto, é possível notar uma profunda desilusão amorosa; ele faria qualquer coisa naquele momento para voltar a estar ao lado de sua amada. Há nessa fala um conteúdo erótico pela imagem do luar penetrando na janela, como Fausto deseja que seu amor penetre no peito da amada. Já Mefistófeles entra falando sobre a roupa do arcebispo que foi perdida “na casa duma...”, ou seja, na casa de alguma mulher, possivelmente uma meretriz, que rimaria com “sobrepeliz” e “diz”. Podemos perceber um tom lírico no trecho de Fausto, que se quebra pela fala de Mefistófeles, satírica, sobre relações sexuais de um arcebispo que teria perdido a roupa, simbolizando que não teria mais a força moral de seu cargo. Enquanto uns sofriam por amor, outros estavam se lançando a um tipo de relação proibida. Essa aproximação entre lírica e sátira, aqui vista em um de seus primeiros poemas, tornou-se uma marca da poética de Gomes Leal.

O jornal *Leitura Popular* foi publicado com aproximadamente 100 páginas e disponibilizou apenas duas edições, ambas no ano de 1871. Sua impressão foi feita na Tipografia Americana, na Rua do Ourives, n. 19. Seu editor, Cunha Vasco, transcreve na abertura do jornal uma carta de sua autoria que havia sido lida em uma sessão do Retiro Literário Português, em honra de Rebelo da Silva, escritor, jornalista e político português falecido em setembro do mesmo ano. Compreendemos dessa forma que Cunha Vasco, o responsável pelo jornal brasileiro, mantinha relações culturais com Portugal, se não for ele

próprio português imigrado, e teve acesso possivelmente à publicação de Gomes Leal através das páginas da *Revolução de Setembro*.

Além dos poemas editados no *Revolução de Setembro*, Gomes Leal publicava panfletos em opúsculos. Eram, neste caso, normalmente poemas longos, muitas vezes bem impressos. Uma dessas publicações foi o poema *A Canalha*, de 1873 (Fig.1) pela Tipografia Universal, em Lisboa, que fez parte também da primeira edição de *Claridades do Sul*.

Figura 8 – Frontispício de *A Canalha*



Fonte: Disponível em:

https://www.google.com.br/books/edition/_/8q0RAAAAYAAJ?hl=pt-BR&gbpv=1.

Acesso em: 01 ago. 2022.

Ainda sobre a publicação de *Claridades do Sul*, apenas em 1901 é lançada uma segunda edição, dessa vez pela Empresa da História de Portugal – Sociedade Editora. Esta conta com alguns acréscimos em relação à primeira. Retornando ao levantamento apresentado por Seabra, trazemos aqui outro quadro, agora com a inclusão dos novos poemas de Gomes Leal inseridos nessa segunda edição.

Tabela 2 – Jornais brasileiros que publicaram os novos poemas de *Claridades do Sul*

Poema	Página	Jornais brasileiros
“Crisântemos”	p. 88-89	
“A uma noiva”	p. 90-91	<i>Pacotilha</i> (São Luís/MA) n. 310, 19 nov. 1891, p.3
“Pequeninos nus”	p. 92	
“Flores, flores!...”	p. 93-95	
“Palavras a um enforcado”	p.127-130	
“A casinha branca do vale”	p. 238-240	
“O triste monge”	p. 241-242	
“A Senhora de Brabante”	p. 243-245	
“Senhora dos olhos verdes”	p. 246-247	
“A morta”	p. 248-250	
“A súplica de Ofélia”	p. 251-259	
“A morte do Atleta”	p. 315-324	<i>Diário do Maranhão</i> (São Luís/MA) n. 3051, 25 out. 1883, p.1

Percebe-se que, além do Rio de Janeiro, outras províncias mantinham contato cultural com Portugal e estavam atentas às novidades que vinham de lá, como é o caso do Maranhão, que publicou no Brasil dois poemas que passariam a estar presentes na segunda edição de *Claridades*.

A uma noiva

- A D. Ema Jervis Pereira, Esposa do Dr. Jervis Pereira -

Vou te erguer brinde festivo,
Mas há-de ser brinde em verso.
Deve ser alegre e vivo.
Não achas?... Teu universo
não é *ele*, o teu cativo,
e teu senhor?... Pois, vai verso.
E há-de ser brinde festivo.

Brindo a esse dia de flores
branquinhas, de laranjeira,
em que tu, com róseas cores,
baixinha a voz feiticeira...
Sim disseste aos teus amores.
Que aromas de laranjeira!...
Brindo a esse dia de flores.

Brindo aos dias tão amenos
que se seguiram depois!...
Que calmos dias seremos!
Não podem os rouxinóis
cantá-los... São tão pequenos!...

Tão larga a alma dos dois!...
Brindo a esses dias amenos.

Depois, os olhos suaves,
que os noivos volvem silentes...
e aqueles arrulhos graves,
o apertar das mãos tão quentes,
e os beijos, quais beijos d'aves!...
A beijarem-se, silentes,
olham-se os noivos suaves.

Mais tarde... a mãe beija os filhos.
Riem na casa as crianças.
Pois há mais pompas, mais brilhos
que valham o oiro das tranças
duns anjos louros casquilhos?...
Riem na casa as crianças.
Mais tarde, a mãe beija os filhos.

Pois brindo ao dia de flores
branquinha, de laranjeira,
em que tu, com róseas cores,
baixinha a voz feiticeira,
sim... disseste aos teus amores
Que aromas de laranjeira!...
Brindo a esse dia de flores. (Leal, 1998, p. 90-91)

Nesse poema, Gomes Leal efetua uma síntese do que seria a vida esperada de uma mulher no século XIX. O poema começa com um brinde. Um brinde ao casamento que iniciará uma nova fase e se repetirá a cada novo momento, marcando, assim, o cotidiano da vida das mulheres. A previsibilidade do que seria o destino de uma mulher que cresce, casa, cuida dos filhos está no brinde aos dias de flores, aos aromas da pureza das flores de laranjeira, flor, aliás, que representa a pureza. Temos aqui em Gomes Leal uma “lírica do cotidiano”, na qual o poeta brinda a uma sociedade costumeira que reproduz, sem questionar, valores e atitudes. Quantas mulheres não passariam ainda por essas fases sem terem a opção de escolher? Contudo, esse poema não apresenta o costumeiro tom satírico de crítica, que marca a obra de Gomes Leal, pelo contrário, apresenta todo esse ritual da vida de casada como algo natural, pela comparação com flores e aves, com certo erotismo na relação entre as duas aves.

Percebemos assim, com essas publicações, que o autor despertava, desde o princípio de sua vida literária, o interesse dos leitores brasileiros, que liam e republicavam suas obras em diferentes periódicos no Brasil. Esse foi o interesse motivador para nossa pesquisa, o de acompanhar quais as obras de Gomes Leal eram mais lidas e quais as impressões de seus leitores ao se depararem com os textos. Com esses dois exemplos, também é possível verificar como facetas distintas de sua obra eram bem acolhidas por aqui, tanto algo mais satírico de costumes, com crítica social, quanto poemas mais líricos.

Sobre a publicação dos livros por editoras brasileiras, até o momento não encontramos nenhum exemplar brasileiro, ficando restrita a obra ao que as editoras portuguesas encaminhavam para o Brasil.

Veremos agora como foi a recepção desse livro na imprensa periódica do Brasil durante a vida de Gomes Leal, ou seja, por cinco décadas, entre a de 1870 e a de 1910.

2.2 Recepção de *Claridades do Sul* – década de 1870

A nossa pesquisa foi baseada nos arquivos digitais da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, setor da Fundação Biblioteca Nacional responsável pelo acervo de periódicos digitalizados e disponibilizados através do site (<http://hemerotecadigital.bn.br>). Realizamos uma busca através das décadas que se seguiram desde a publicação da primeira edição da obra, ou seja, após 1875. Para isso, recorremos ao mecanismo de pesquisa da Hemeroteca (fig. 7) utilizando a expressão “claridades do sul”. Iniciamos nossa pesquisa pelos arquivos digitais com os anos de 1870 a 1879.

Figura 9 - Busca por “Claridades do Sul” na Hemeroteca Digital Brasileira

Fale conosco...

Biblioteca Nacional Digital Brasil

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA

Periódico Período Local

Período: 1870 - 1879

Local: Todos (28)

Periódico: Todos (967)

Pesquisar (Para uma frase exata, coloque as palavras entre aspas. Ex.: "mundo verde").

"claridades do sul"

Pesquisar

Patrocínio: FINEP, Ministério da Cultura, Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, GOVERNO FEDERAL BRASIL, tecnologia docpro

Figura 10 – Resultados de “Claridades do Sul” no período de 1870 a 1879.

Descrição	Páginas	Ocorrências	Opções
Jornal do Commercio (RJ) - 1870 a 1879	22456	5	⊕
Gazeta de Noticias (RJ) - 1875 a 1879	6714	1	⊕
Brazil Americano - Publicação Semanal (RJ) - 1875 a 1876	122	1	⊕
O Cruzeiro (RJ) - 1878	1713	1	⊕
O Globo - Órgão da Agência Americana Telegraphica dedicado aos interesses do Commercio, Lavoura e Industria (RJ) - 1874	6854	1	⊕
Semana Illustrada (RJ) - 1861 a 1875	6366	1	⊕
O Mequetrefe (RJ) - 1875 a 1892	3380	1	⊕

Como resultado (Fig. 8), encontramos a expressão “Claridades do Sul” em sete diferentes periódicos: *Jornal do Commercio*; *Gazeta de Noticias*; *Brazil Americano*; *O Cruzeiro*; *O Globo*; *Semana Illustrada*; *O Mequetrefe*. O segundo passo foi tentar entender qual o significado dessas ocorrências encontradas pelo site da Hemeroteca. Assim, temos o registro mais preciso do que foi noticiado sobre o livro de Gomes Leal no período selecionado. Dentre essas 11 ocorrências, temos duas críticas literárias, sendo uma no *Brasil Americano* e outra na *Semana Illustrada*, ambas publicadas logo em dezembro de 1875. Sobre o recebimento do livro pelas redações dos jornais, acusaram terem recebido o *Jornal do Commercio*, em 1875, e a *Gazeta de Noticias*, em março de 1876, indicando o interesse da editora, do autor ou do importador na divulgação pela imprensa brasileira.

Sobre a venda dos livros nas livrarias brasileiras, encontramos seis anúncios nesses periódicos. Em 1876, o *Globo* exibia, em 26 de julho, um anúncio da Livraria Cruz Coutinho com uma listagem de livros à venda, dentre eles *Claridades do Sul* pelo preço de 2\$. O anúncio seguinte que encontramos é o de 7 de janeiro de 1878 da mesma Livraria Cruz Coutinho, desta vez n’*O Cruzeiro*. A listagem traz, além de *Claridades do Sul*, um poema lançado em 1877 por Gomes Leal, *A Morte de Herculano*, publicado isoladamente, em homenagem ao autor falecido naquele ano. Em relação a *Claridades*, a Livraria manteve o valor de venda em 2\$; o poema que homenageia Herculano era vendido na ocasião por 800 réis. Já em 1879, no *Jornal do Commercio*, aparecem quatro anúncios em destaque para o livro (fig. 9), que era vendido na Rua Primeiro de Março n. 28. Ainda não nos foi possível identificar qual o nome do livreiro que comercializava *Claridades do Sul* naquele endereço, mas, pelo conteúdo, parece se tratar de representante local da editora ou importador, pois havia a possibilidade de venda ao atacado, com valor mais barato para quem adquirisse 25 ou mais exemplares. Destacamos aqui o anúncio (fig. 9) que ganhou uma grande visualização no referido jornal, realçando o nome da obra.

Figura 11 – Anúncio de *Claridades do Sul*



Fonte: *Jornal do Commercio*, n. 322, 09/11/1879, p. 4.

Ao observar os anúncios nos jornais, percebemos que os livros começaram a ser recebidos também pelas redações dos jornais logo após o seu lançamento em Portugal e possivelmente encaminhados pela própria editora ou ainda pelo autor para que houvesse uma maior divulgação. Nesse tempo, encontramos uma nota de agradecimento pelo recebimento da edição em 07/03/1876 na *Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro* (fig.10) que destaca a elegância do livro, bem como a qualidade do papel, informando tratar-se de “magnífico papel”. Cabe destacar aqui também que o autor da nota ressalta não ter lido e analisado os poemas, porém revela alguns títulos dentre os 262 de “elevado mérito”: “Acusação a Cristo”,

“Dom Quixote”, “A Canalha”, “Os pecados mortais”, “Confissões de uma violeta”, “A um lírio”, etc.

Figura 12 – Recepção do volume na redação da *Gazeta de Notícias*

Recebemos e agradecemos o elegante livro *Claridades do Sul*, impresso em Lisboa e editado pelo Sr. Braz Pinheiro. Nos estreitos limites de uma notícia não podemos fazer a analyse condigna a este interessante volume impresso em magnifico papel, e contendo 282 poesias de elevado merito, entre as quaes sobressahem *Accusação a Christo*, *D. Quixote*, *A canalha*, *Os peccados mortais*, *Confissões d'uma violeta*, *A um lyrio*, etc, etc. E' um livro digno de lêr-se.

Fonte: *Gazeta de Notícias*. n. 66, 07/03/1876, p. 1.

O envio de obras para que fossem distribuídas no Brasil fazia parte de uma estratégia de divulgação bem utilizada na época. Gomes Leal ou seus editores demonstravam assim um interesse no mercado consumidor brasileiro. Na imagem abaixo (Fig. 11), um anúncio datado de 07/12/1875, temos mais um exemplo de como os livros circulavam dos dois lados do Atlântico.

Figura 13 – Trânsito de livros

ativas ao imposto do sello ate nos de Junho ultimo.
— De Lisboa chega-nos um livro de poesias do Sr. Gomes Leal, com o titulo *Claridades do Sul*.

Fonte: *Jornal do Commercio*, n. 339, 07/12/1875. Acervo FBN, p. 3.

Assim, as redações de jornais e revistas, do Rio de Janeiro e de outras províncias do Brasil, começam a anunciar a chegada do volume *Claridades do Sul*. A revista *Semana Illustrada* publicou em 05/12/1875 uma coluna anunciando que havia chegado de Portugal “um volume de perto de 300 páginas, contendo mais de 100 composições, impresso em bom papel e com excelente tipo”. A professora Márcia Abreu, no estudo sobre a circulação dos livros no século XIX, chama a atenção para a ideia de “permeabilidade entre as culturas”

(Abreu, 2019, p. 265), ou seja, os livros circulavam e, assim, havia uma troca cultural entre os diferentes países que, impulsionados pelo avanço tecnológico do século XIX, encurtaram distâncias. Outro ponto de destaque é a importância da materialidade para a leitura das obras, como vimos nos textos localizados: “os elementos materiais eram essenciais na época e, possivelmente afetavam a leitura das obras, uma vez que havia uma sensibilidade, hoje perdida, para a encadernação, o papel e os tipos empregados, assim como um particular interesse pelas ilustrações” (Abreu, 2019, p. 275).

Com a rapidez na distribuição, os críticos puderam descortinar para o público brasileiro a poética de um jovem poeta português que tinha “a vastidão dum gênio” (Seabra, 1998, p. 9) e “foi sem dúvida, o maior poeta de sua época” (França, *apud* Seabra, 1998, p. 9), causando, com seu primeiro livro, uma grande divergência de opiniões.

Assim, temos na revista *Semana Ilustrada*, já em 5 de dezembro de 1875, na coluna “Badaladas”, uma matéria bem curta e descritiva com o título “O Sr. Gomes Leal”. Informam terem recebido o volume de versos do “Sr. Gomes Leal, jovem poeta português”. A *Semana Ilustrada* teve seu primeiro número publicado em 1860 e a última edição em 1876. Ao longo dos seus 16 anos de duração, suas páginas testemunharam colunas de nomes ilustres da cena carioca.

Do corpo de redatores faziam parte alguns dos principais jornalistas, ideólogos, escritores e ficcionistas da época: Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Henrique César Miezzio, Joaquim Manuel de Macedo, Bernardo Guimarães, Pedro Luís Pereira de Souza, Augusto de Castro, Victoriano de Barros, Flávio Farnese, Achilles Varejão, Antônio de Castro Lopes, Ernesto Cibrão (pseudônimo: Boileau-Mirim), Saldanha Marinho, Félix Martins, Bruno Seabra e, nos últimos anos da revista (os do seu apogeu), Machado de Assis, que ora assinava seu nome, ora se escondia, protegido pela alcunha do personagem-símbolo do periódico, Dr. Semana. (*Semana Ilustrada: história de uma inovação editorial* - Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2007, p. 12).

A coluna de 1875 era escrita pelo Dr. Semana, o que, segundo as informações do *Caderno Memórias – Semana Ilustrada: história de uma inovação editorial*, pode se tratar de Machado de Assis, mas também de outros colaboradores do periódico.

Observamos nessa crítica que a juventude de Gomes Leal é destacada, estando ainda nas suas “estreias literárias”. Segundo o colunista, o jovem poeta português prometia ir muito longe, dado o grande entusiasmo demonstrado em sua primeira obra e o ardor que possuía. Sobre as influências, o crítico indica que “não se filia o Sr. Gomes Leal a nenhuma das escolas conhecidas; ele mesmo o diz, com muita sagacidade e verdade”. Afinal, o próprio poeta, na nota à primeira edição, apresenta essa explicação: “este livro, produto duma inspiração meridional e algumas verdades heroicas, não se filia, exclusivamente, em nenhuma

escola conhecida. É uma obra na qual influíram muitas e várias correntes do espírito humano, e muitas impressões, muitas nobres ideias do seu tempo”. (Leal, 1998, p. 327)

Conhecedor de uma literatura mundial, o colunista percebe a influência de nomes como os de Gauthier, Baudelaire e Victor Hugo. Destaca ainda a originalidade dos versos de Gomes Leal, afirmando que “apenas recebeu dos mestres a que mais se afeiçoa a animação que todo o espírito encontra na leitura de obras-primas”.

Em 1983, Hess, ao estudar a Literatura Portuguesa, escreve sobre uma nova era que se abria para o pensamento português na segunda metade do Oitocentos. Nesse contexto de modernidade, insere Gomes Leal e *Claridades do Sul*: “A modernidade tão diversa de Hugo, de Baudelaire, do *Parnasse contemporain* de 1866, do realismo literário e da filosofia humanitária de Proudhon – eis os momentos de poesia portuguesa entre 1871 e 1890 que verdadeiramente importam” (Hess, 1983, p. 143). Assim, percebemos uma simetria de opiniões entre o leitor do século XIX e do século XX acerca da obra de Gomes Leal.

O colunista de “Badaladas” termina com apenas um poema porque, segundo ele, “o espaço obriga-nos a não ceder de todo ao nosso íntimo desejo”; assim, transcreve “Confissão a uma violeta”, que está na quarta parte do livro, chamada “Misticismo”. Nesse soneto em versos dodecassílabos, a voz poética assume seu orgulho por ser independente de Academias, aprendendo sua arte na experiência do culto às violetas, às mulheres, onde aprende novas leis e teorias:

Confissão a uma violeta

Eu confesso-me a ti, – doce flor delicada –
Recolhida, modesta, e sol da singeleza,
Das vezes que através da verde natureza
Fiz soar com orgulho a bulha do meu nada!

Em vez de amar a vida humilde, chã, calada,
Do sábio estoico e são, exemplo de inteireza,
Quantas vezes cuspi no Justo e na Beleza
E cri-me o Fogo e a Luz da geração criada!

Orgulho! orgulho vão! Vaidade e mais vaidade!
Como disse o rei sábio e justo à claridade
Dos astros da Judeia, e ao giro dos planetas...

Feliz de quem, como eu, ri das Academias,
E estuda as novas leis e as grandes Teorias,
Nas folhas feminis e meigas das violetas. (Leal, 1998, p. 226).

Ainda em 1875, encontramos no periódico *Brasil Americano* (1875-1876) outra resenha tecida à luz da leitura de *Claridades do Sul*. O periódico foi publicado no Rio de

Janeiro e teve como um de seus colunistas Mello Moraes Filho (1843-1919). Esse era, à época, um notório jornalista, memorialista e folclorista, além de médico e diretor do Arquivo Municipal do Rio de Janeiro. É também tio-avô do poeta e músico Vinícius de Moraes (1913-1980). Acreditamos ter sido ele quem assinou a coluna chamada “Bibliografia” que trata do livro de Gomes Leal.

O colunista inicia com a seguinte análise: “O melhor meio de falar de um poeta, dizia certo crítico brasileiro, é transcrever os seus versos; quem os ler que o julgue”. Porém, o coração democrático e a consciência o impediam de indicar versos sem antes tecer algumas considerações sobre o “novo poeta”. O principal foco é questionar o que o articulista chama de “moléstia”, que estaria presente na “literatura moderníssima”. Tal “moléstia” seriam os poemas de cunho socialista, influenciados por questões sociais, que deixam de cantar as “meigas emoções do amor ou os castos alelos da alma apaixonada”.

A principal crítica do colunista se faz em torno da poética socialista, essa que “atrai, seduz e fascina quase todos os espíritos jovens que preferem encher volumes com versos retumbantes”. Ele também critica o que chamou de “escola sensual”, que ofereceria aos jovens “rápida e fácil nomeada”. Influenciada principalmente por nomes como o de “Byron, Musset e Álvares de Azevedo, precipita-se uma chusma de moços imprudentes, ávidos de um triste e momentâneo *sucesso* de escândalo”. É bem verdade que Gomes Leal apresenta, em *Claridades do Sul*, alguns poemas de cunho mais erótico, como “A jovem Miss”, “A Selvagem”, “Fantasias” e “Hora do meio-dia”, além de poemas de cariz social, unindo propostas poéticas da moda dessa “literatura moderníssima”.

Ainda analisando o estilo de Gomes Leal, o crítico observa que o poeta, impressionado pelas questões sociais, principalmente as que são travadas no terreno da religião, buscou “um meio termo entre o realismo que o desgostava e o sensualismo, antipático a todos os homens sensatos”. O colunista afirma ainda que o poeta tentou em sua obra achar o verdadeiro equilíbrio entre o ideal e o real. Termina essa parte da crítica com uma conclusão e um questionamento, o qual transcrevemos:

Parece-nos difícil achar um ponto intermediário, sobretudo em poesia, entre o ideal e o real. Mas quando mesmo descubra-o, o Sr. Gomes Leal pensa que poderá aí expandir-se o seu talento poético?

Acreditamos que não.

No seu livro, ele nos forneceu dados valiosíssimos para assim pensarmos. (*Brazil Americano*. Rio de Janeiro: n. 01, 11 dez. 1875, p. 4).

Podemos tentar entender o que Moraes Filho queria dizer com a explicação de Hess, que escreveu sobre o início da lírica moderna em Portugal. Segundo o autor alemão, a década de 1870 demarca o surgimento de um tipo de modernidade chamada categórica. Essa “modernidade categórica” teria se manifestado em dois principais pontos: o primeiro partindo da criação ficcional do poeta Carlos Fradique Mendes, o que geraria uma literatura mais vinculada ao decadentismo francês; e o segundo pelas conferências literárias e sociopolíticas do Casino Lisbonense, essa gerando uma obra mais social, humanitária e de combate. Ainda segundo Hess, havia uma alternância dos poetas em relação aos dois estilos, ora escrevendo com um tom mais político e combativo, ora demonstrando lirismo em seus poemas. Sobre Gomes Leal e esse modernismo categórico: “até à década de oitenta, inclusive, os mesmos autores escreviam muitas vezes tanto de acordo com um como com outro modelo. A poesia de Gomes Leal constitui, nesse sentido, o exemplo característico” (Hess, 1983, p. 13). Seguindo a crítica de Moraes Filho, vemos que ele percebe exatamente essa variação nos poemas de *Claridades*:

A poesia lírica, a poesia popular, a simples quadra mais eloquente às vezes do que um poema, o verso ameno, difícil de fazer-se e fácil de decorar-se, a estrofe maviosa, sem arrojados, eis o campo em que o talento do Sr. Gomes Leal pode colher glórias imorredouras, tanto mais brilhantes quanto semelhante gênero não está ao alcance de todos.

É bom não se conservar o poeta indiferente às grandes aspirações da humanidade; mas porque negará ao povo aquilo que lhe pode dar?

Abundam os escritores socialistas, que debatem em tese a questão; há, porém, sensível escassez dos especialistas, dos que trabalhem pela aldeia por saberem estar ali o alicerce do estado. (*Brazil Americano*. Rio de Janeiro, n. 01, 11 dez. 1875, p. 4).

Entendemos dessa forma que o crítico não está desqualificando Gomes Leal como poeta, por perceber o talento também em seus poemas socialistas ou combativos, mas sim por achar que, sendo um grande poeta lírico, deveria dedicar-se mais ao sensível gênero. Para isso transcreve, dentre outros, alguns poemas, como, “Cantiga do Campo”, “Idílio da Aldeia” e “Miséria Oculta”, esse último, também o transcrevemos aqui para exemplificar o estilo de poema que o crítico apreciava e chamou de “mimosa composição”:

Miséria Oculta

Bate nos vidros a aurora,
Vem depois a noite escura...
E o pobre astro que ali mora,
Não abandona a costura!

Para uns a vida é d'abrolhos!

Para outros moita de lírios!...
 Bem o revelam os seus olhos,
 Pisados pelos martírios!

Miséria afugenta tudo!
 Miséria tem dons funestos!
 – Quem é que gaba o veludo
 Daqueles olhos honestos?...

Ninguém seus olhos brilhantes
 Enxerga nessas alturas...
 E aquelas formas tão puras,
 E aquelas mãos elegantes!...

Sempre à costura inclinada!
 Morra o sol ou surja a lua.
 Nunca vi descer à rua
 Aquela loura encantada!...

Aquele lírio dobrado
 Porque assim vive escondido?
 Eu bem sei! – não tem calçado,
 E é muito usado o vestido!

Por isso não tem porvir.
 Morrerá virgem e nova.
 E aguarda-a bem cedo a cova...
 Que eu bem a oiço tossir!

Miséria afugenta tudo!
 Miséria tem dons funestos!
 Quem é que gaba o veludo
 Daqueles olhos honestos?...

Pobre flor desfalecida
 Tão nova, e ainda em botão!...
 Como teve estreita a vida,
 – Terá estreito caixão. (Leal, 1998, p. 114-115).

Moraes Filho entende que, quando o poeta se inspirava no coração, suas quadras eram singelas e produziam o efeito esperado; ao distanciar-se, “abandona esse terreno, falta-lhe a vivacidade, a imaginação e o sentimento, cai em contradições repetidas, e escreve mesmo com algumas extravagâncias”. Em “Miséria oculta” está presente o tema social, tão caro a Gomes Leal, que apresenta a personagem com um tom mais emotivo, lançando um olhar atento para a costureira tísica, que não para de trabalhar. O poema tem um traço formal com larga passagem nas literaturas de língua portuguesa, o verso de 7 sílabas. E o tema da “miséria oculta” é muito comum da literatura realista, conforme podemos encontrar em Cesário Verde (1855-1886) e em Fialho de Almeida (1857-1911). Fazendo uma comparação com os poemas humanistas do poeta português, o cronista apresenta outro, também de *Claridades*:

Quem tem ouvidos que ouça.

Quem tem ouvidos que ouça, e o velho mundo
Que o aprenda de cor, pois que o que digo
É fruto dum estudo egrégio e fundo,
Como a ciência dum Caldeu antigo.

A Terra há muito que é um charco imundo,
Vencida eternamente do Inimigo,
E há muito lhe prevejo um fim profundo,
E um tremendo e trágico castigo.

Ora, ontem à noite, fui a um monte
Muito alto – e eis que avisto no horizonte
Dez signos, como em longa procissão...

E esses signos, a mim que sou vidente,
Tinham formas de letras, claramente:
– E nessas letras li DESTRUIÇÃO. (Leal, 1998, p. 200).

O crítico termina o poema com uma pergunta retórica: “Parece o mesmo poeta?”. Após isso, comenta ainda sobre mais algumas composições que julga terem o mesmo caráter, como “Biografia de Satã” e “Canibal”. Cita, ao final de seu texto, o poema “Canalha”, com um certo elogio ao poeta, “tem algum mérito”, e continua dizendo que “aqui abandonou o autor o estilo nebuloso e afetado e deu-nos um bom *specimen* de poesia heroica, sendo esse, no gênero, o único que ainda possui alguma originalidade”. Afirma ainda aguardar pela publicação de o *Anticristo* para que esse possa corrigir o juízo que tiveram sobre Gomes Leal. Percebe-se que esse crítico está mais interessado nas produções românticas do que na novidade apresentada por Leal e sua geração. O crítico não entendia que a poesia de Gomes Leal mesclava, reunia dois grandes rios da poética em língua portuguesa.

Sobre a poética humanista, Gomes Leal entendia que:

Essa poesia nova, que procura o seu caminho tão gloriosamente, no meio destes tempos tão conturbados, já certa de triunfos verdadeiros, e a que alguns têm chamado o *Humanismo*, é a que compreendendo o homem com todas as suas paixões e as suas virtudes, nem deprimindo-o ceticamente, nem fazendo-o perder quimERICAMENTE os astros, há-de estabelecer o verdadeiro equilíbrio entre o *ideal* e o *real*, e mirando, como filosofia, a melhorar a humanidade e a alargar o ideal humano, ser digna da nobre missão que nestes tempos está confiada. (Leal, 1998, p. 331).

A preocupação de Gomes Leal em não se filiar a escola alguma e de demonstrar que a poética deveria caminhar entre o ideal e o real é percebida por Moraes Filho. O crítico não se esquivava de mostrar ao público leitor que um mesmo autor poderia transitar por mais de um estilo na mesma produção, apesar de preferir um estilo. *Claridades do sul*, na opinião do

colunista, cumpria esse papel, uma vez que tocava ao coração, trazendo para os poemas o lirismo e marcava as inclinações socialistas do poeta, por mais que não agradasse ao crítico.

Esse caráter múltiplo da produção de Gomes Leal, a variedade de obras e a diversidade de temas permitem diversas leituras. O autor, figura literária diferenciada, como estamos acompanhando, continuou nas décadas seguintes a fazer muito sucesso no meio jornalístico brasileiro.

2.3 Recepção de *Claridades do Sul* – década de 1880

Ao virar a década, estamos agora entre os anos de 1880 e 1889, percebemos que a divulgação e o número de anúncios de *Claridades do Sul* no Brasil aumentaram. Encontramos diversos registros na Hemeroteca, totalizando 91, conforme a figura 14.

Figura 14 – Resultados da busca por “*Claridades do Sul*” no período de 1880 a 1889

Hemeroteca Digital Brasileira			
UF - Período 1880 - 1889			
Claridades do sul Pesquisar		Ocorrências 91	Arquivos 1.591
ano 188		Páginas 2.322.892	
Descrição	Páginas	Ocorrências	Opções
Gazeta de Notícias (RJ) - 1880 a 1889	16741	32	
O Monitor (BA) - 1876 a 1881	5815	17	
Jornal do Commercio (RJ) - 1880 a 1889	24285	9	
Diário Portuêz (RJ) - 1884 a 1885	1138	7	
Pacotilha (MA) - 1880 a 1909	24367	5	
O Paiz (MA) - 1863 a 1889	12854	5	
Pharol (MG) - 1876 a 1933	42243	4	
Gazeta Luzitana - Publicação Semanal dedicada a Colônia Portuguesa no Brasil (RJ) - 1883 a 1888	1232	2	
Diário de Notícias (RJ) - 1885 a 1895	15518	2	
Dezenove de Dezembro (PR) - 1854 a 1890	16564	1	
Gazeta Litteraria - Publicação Quinzenal (RJ) - 1883 a 1884	439	1	
Jornal da Tarde - Publicação Diária (SP) - 1878 a 1881	3901	1	
A Democracia - Periódico Político, Literário e Científico (RJ) - 1887	108	1	
A Illustração - Revista Universal (Paris, FRA) - 1884 a 1890	2336	1	
O Libano (RS) - 1880 - 1881	234	1	
Novidades (RJ) - 1887 a 1892	5906	1	
Jornal da Noite (Lisboa, POR) - 1871 a 1891	26708	1	

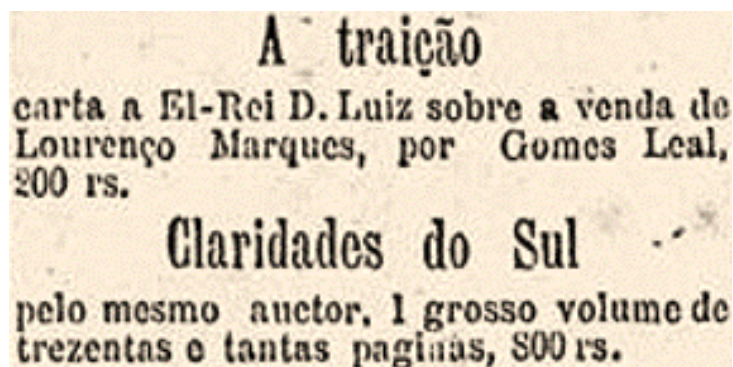
Esse período representou para o Brasil uma década de grande efervescência política com a abolição da mão de obra escravizada e a Proclamação da República, sendo esses dois grandes momentos da história brasileira, que ocuparam as páginas dos principais periódicos. Em relação ao livro de poemas *Claridades do Sul*, encontramos, das 91 ocorrências, 81 correspondendo a anúncios nos seguintes jornais, por províncias: no Rio de Janeiro, *Gazeta de Notícias*, *Jornal do Commercio*, *Diário Português*; na Bahia, *O Monitor*; no Maranhão, *Pacotilha*, *O Paiz*; e em Minas Gerais, *Pharol*. O maior número estava concentrado na capital, com 47, sendo seguida pela Bahia com 17, Maranhão 11 e Minas Gerais 6. A

distribuição e venda de livros realizada entre a capital portuguesa e a brasileira demonstra ter sido admirável e Gomes Leal estava verdadeiramente inserido nesse comércio transatlântico cultural, como podemos perceber pelo grande número de anúncios de apenas uma de suas obras.

O comércio livreiro do Rio era fecundo e estava em crescente expansão no final do século XIX. Nesse momento, encontramos a obra *Claridades do Sul* disponível em alguns dos principais centros de venda de livros da capital. Havia anúncios nas seguintes livrarias: a Livraria José Alves, Livraria do Povo, e mais duas livrarias localizadas na Rua Uruguaiana e outra na Carioca, cujos nomes não foram localizados nas buscas até o momento.

A segunda década da nossa pesquisa é marcada também por novas publicações de Gomes Leal, o que se reflete em anúncios de livrarias também, conforme o que encontramos na *Gazeta de Notícias* (Fig. 13) do dia 01/09/1881. A imagem apresenta em destaque o livro *A Traição: carta a El-Rei D. Luiz sobre a venda de Lourenço Marques* e *Claridades do Sul*, já completando seis anos do lançamento de sua primeira edição.

Figura 15 – Anúncio de dois livros de Gomes Leal



Fonte: *Gazeta de Notícias*, n. 241, 01/09/1881, p. 3.

O anúncio do jornal *A Gazeta de Notícias* não informa o nome da livraria, apenas o endereço, a Rua São José n. 113, indicando que o estoque estava em liquidação, que em breve seria leilado, o que justificaria o valor bem mais barato para o livro: 800 réis em vez dos 2 contos do lançamento. Segundo os anúncios veiculados nas páginas periódicas, essa rua possuía um movimentado polo livreiro ao final do século XIX no Rio de Janeiro. Nesse mesmo logradouro havia outras duas livrarias conhecidas como a Cruz Coutinho – Rua São José n. 75 – e a Casa de uma Porta Só – Rua São José, n. 69.

Em 1886, o autor cumpriu a promessa feita ao final da primeira edição de *Claridades do Sul* e publicou *O Anticristo*, esse que, ao lado do opúsculo *A Traição*, movimentaram os leitores nesse período. Se por um lado o juízo feito ao poema panfletário rendeu a Gomes Leal um lugar de destaque na mídia impressa brasileira pela defesa da república, a destinada ao outro livro, uma epopeia, não recebeu as críticas mais cordiais. Exemplo disso, acompanhamos brevemente no capítulo anterior, com a crítica elaborada, por exemplo, pelo Padre Sena Freitas.

Retornando ao objetivo do nosso capítulo, dirigimo-nos agora para o periódico maranhense *Pacotilha* (1880-1909), de agosto de 1881, que tem sua primeira página toda dedicada a Gomes Leal (fig. 14). Além de uma crítica ao livro *Claridades do Sul*, traz, na seção do jornal dedicada aos folhetins, a publicação panfletária *A Traição – Carta a El Rei D. Luiz sobre a venda de Lourenço Marques* (1881).

No geral, as críticas apareciam em jornais que figuravam pela cidade do Rio de Janeiro, uma vez que era a capital, porém, percebemos que a obra do poeta circulava bastante nos estados do nordeste brasileiro, o que será representado nesse momento pela província do Maranhão. O artigo publicado n’*A Pacotilha*, intitulado “Gomes Leal”, foi extraído de outro periódico chamado *Polícia*¹⁸, e o crítico é Coelho Ferreira. A coluna se inicia com um grande elogio ao poeta dizendo ser Gomes Leal um dos mais “originais e inspirados” da moderna geração portuguesa. Gomes Leal é “tão incorreto como espontâneo, o seu talento amolda-se facilmente a todos os gêneros de composição; os seus versos agradam mais pela novidade que pela melodia; isto é, a forma é repetidas vezes sacrificada ao pensamento, o que nada quer dizer numa época em que a poesia está por um fio”, afirma o colunista.

Coelho Ferreira parece conhecer bem a produção e a recepção das obras de Gomes Leal, apontando assim que, após uma “infinidade de jornais políticos e literatos, deu-nos o poeta um volume, *Claridades do Sul*”. Ou seja, após os panfletos combativos, marca característica de Gomes Leal, e a vasta colaboração na imprensa portuguesa – também lida aqui – este, oferece ao seu público um livro que originou os mais “apaixonados debates”. Quando uns consideravam a obra como um dos “mais belos monumentos da moderna poesia portuguesa [...] pelos arrojados de estilos e imaginação de que estavam cheias aquelas páginas”, para outros, ela não passava “de um aborto [...] de mais digna de lástima do que de censura”. Assim, o colunista conclui dizendo ser o livro “como todos os outros, tem defeitos e belezas, páginas de mérito e páginas vulgares, mas em todo o caso é um livro que por si só

¹⁸ O periódico *Polícia* de onde foi extraído o texto de Coelho Ferreira circulava no Maranhão no século XIX, porém não foi possível encontrar mais informações sobre ele.

daria ao autor um lugar eminente no conclave das letras pátrias se posteriormente não houvessem saído da sua pena trabalhos de maior fôlego e de maior alcance”. (*Pacotilha* n. 107, 19 ago. 1881, p.1)

Figura 16 – Página d'A Pacotilha com "A Traição" e comentários sobre Gomes Leal

PACOTILHA

ANO I

NÚMERO 107

JORNAL DA TARDE.

Maranhão—Sexta-feira, 19 Agosto de 1881.

Tiragem 1,500 exemplares.

PACOTILHA.

Assigna-se este jornal á 30000 por trimestre.

Número avulso 40 rs.

Pagamento adiantado.

Anúncios até cinco linhas grátis para os assignantes.

Correspondências de interesse particular 40 rs. por linha.

As assignaturas podem começar em qualquer dia findando sempre em 31 de março, em 30 de junho, em 30 de setembro e em 31 de dezembro.

Os assignantes tem direito a receber os números do jornal que tiverem saído desde o primeiro dia do semestre que assignarem.

Redacção e typographia
rua de Nazareth n. 40.

CALENDARIO.

AGOSTO—31 dias,
(230—135)

Sabbado, 20. S. Bernardo, ab.; S. Leovigildo.

Prea-mar 3 h. 15 m. da manhã.
" 3 " 35 " " tarde.
Baixa-mar 9 " 25 " " manhã.
" 9 " 45 " " noite.

Não se publicam anúncios, cuja importância não for satisfeita na ocasião da entrega do original.

OS JORNAES.

O *Publicador Maranhense* traz as publicações officiaes, um bom artigo sobre industria, com a epigraphie -As estradas de ferro nos Estados-Unidos e no Canadá, transcripto do *Diario Official*, e algumas noticias, alem das chapas com que costuma sempre ornar a sua 4ª pagina.

O *Paiz* transcreve um bom artigo de Christovam Sá, relativo ao *Diccionario Contemporaneo*.
—Publica, com a epigraphie—*Viagem á villa do Rosario*, uma censura acre ao commandante do vapor *Carolina*, que diz, o articulista, pouco cuidado ligou ao serviço e descuroou de promover para as familias os commodos necessarios.

—Um artigo—*O Tempo e a instrução publica*, em resposta ao que, sob a mesmo epigraphie, publicou o *Diario*.

Como o articulista trata de apreciar as habilitações de outrem e nós não estamos no caso de julgar as, deixamos de dar, a respeito, a nossa opinião.

Os dous campeões liquidarão entre si a questão em que se empenharam.

—Transcreve do *Jornal do Commercio* o artigo em que o dr. Crul, director interino do imperial observatorio astronomico narra a observação que fez de diversos meteoros.

O *Diario* publica entre outras cousas insignificantes, taes como correspondencia de Cedral, Miritiba etc., a transcrição do *Diario de Pernambuco*, de um artigo relativo ao sr. Raimundo F. Barbosa, fallecido nesta capital.

—Ainda continua a publicação do multissimo *litterario* conto do sr. Eliezer Mendes.

—E um sofrivel sortimento de noticias de todos os quilates.

Junior.

Gomes Leal

D'entre os poetas da moderna geração, é Gomes Leal considerado um dos mais originaes e inspirados. Tão incorrecto como espontaneo, o seu talento amolda-se facilmente a todos os generos de composição; os seus versos agraçam mais pela novidade que pela melodia; isto é, a forma á repetidas vezes sacrificada ao pensamento, o que nada quer dizer n'uma epocha em que a poesia está por um fio.

Depois de ter illustrado com produções de subido prego uma infinidade de jornaes politicos e litterarios, devotou o poeta um volume, as *Claridades do Sul*, cujo apparecimento originou os mais apaixonados debates; consideraram uns o livro como um primor, um dos mais bellos monumentos da moderna poesia portugueza, já pelos novos moldes em que se haviam fundido as peças de que se compunha, já pelos arrojados de estylo e imaginação de que estavam cheias aquellas paginas; outros capitularam-n'o d'aborto ao como quer que seja aberração do senso, mais digna de lastima do que de censura. Nem uns nem outros tinham razão, julgamos nós. O livro é um livro como todos os outros; tem defeitos e bellezas, paginas de merito e paginas vulgares, mas em todo o caso é um livro que de per si só daria ao autor um logar eminente no coucelho das litteras patrias se posteriormente não houvessem saído da sua penna trabalhos de maior folgo e de maior alcance.

Mencionaremos, e esse nos basta, *A Traição*, o valente opusculo que abtiu ao seu autor as portas do Linoeiro, isto é, da celebridade. O assumpto é geralmente saído. O tratado de Lourenço Marques achou em Gomes Leal o mais terrivel accusador, e a pessoa d'el-rei, é ali discentida com uma coragem nunca excedida até hoje pelos mais arrebatados demagogos.

Nós abstenmo-nos de emitir sobre o caso opinião definitiva; damos a voz das sedições das ruas e das praças, se derdes os pendões gloriosos tanta vez, para os calcar os pés do marinheiro inglez!

Vender-nos-has, ó rei!—Mas ficarás um muro, no qual escreverá o ded' do Futuro, o dedo vingador, barbaro, antigo, austero, que marcou a Cain e ensanguentou a Nero, que escreveu sobre a testa ao velho Tamerlão esta legenda atroz—*assassino e ladrão*—esse dedo cruel que pôs a Alexandre VI o distico feroz onde se lê *incesto*, que marcou Carlos IX, o algoz dos huguenotes, e que em ti marcará—*Judas Iscariotes*.

Ah! pôde haver um rei tão picaro e pandilha que venda o seu paiz, e Mãe que venda a filha!... Põem acaso haver entes tão latratorios que atirem para as mãos de um ou de mais sicarios uns seios virgineas e a honra d'um paiz!... O pallida mulher, ó loura meretriz, diz-se acaso emfim no debochado leito, onde vaes macular teu corpo alvo e perfeito, podes erguer as mãos, podes orar ao ceu, pela infame mulher, a Mãe que te vendeu? Diz-se á urna d'ouro e de crystal partida atirada ao bordel, marer, prostituida, pôde ainda conter, em lagrimas regada, a delicada flor, virgínia, avelludada, virginal como o amor n'um moco coração, a flor que nos condoo, a santa flor perdão!

Eu por mim homem duro, eu não sei perdoar. Se o ferro me ferir, a ferro hei de matar. Homens do nosso tempo: herdeiros d'uma herança fatal, é nossa Deusa a fúria da Vingança. Temos o barbaro Odiio energico, cruel, que ao mesmo tempo é doce, e ao mesmo tempo é fei;

do no nosso numero d'hoje o retrato de Gomes Leal temos em vista não a propaganda de doutrinas incendiarias, mas o pagamento de um tributo á que tem direito todos os que logram levantar-se acima das vulgaridades, pelo poder do genio e da virtude.

Goelho Ferreira.
(Extrahido do *Pollcia*.)

Em dias deste mez falleceu Zacharias da Costa Leite, chefe de uma das gangas, e deixou em legado a irmandade de N. S. da Conceição meia morada do casa que possuia na rua das Cajazeiras.

× Falleceu hontem João Duarte do Valle.

—Falleceu nesta cidade Raimundo Marcos Cordeiro tabellião e escrívão das execuçoes do termo de Guimarães.

× Hontem a noute no acongue houve discussão forte entre duas pretas que esgotaram o vocabulario das injurias sem que a policia apparecesse para applaudi-las.

× Os sujeitos que estavam ablatendo o matto que o nosso desmazelo deixou crescer no Largo do Carmo, abandonaram o serviço por medo as cobras que ali abundam. Consta até que um delles viu uma onça.

× Não obstante a postura da camara que prohibio andarem cavallos a trote largo pela cidade, tivemos o prazer de ver hontem as 7 horas da noute quatro cavalleiros que em corrida vertiginosa desciam a rua do Sol.

Felizmente não houve nenhum accidente.

Na Inglaterra circula ha dias a noticia da morte do principe Jorge de Galles, neto da rainha e filho do herdeiro presumptivo da coroa. O principe viajava, como official da marinha, na «Bechan-

to», navio que se acha actualmente nas aguas austriacas. Segundo um telegramma recebido pelo almirante, morr u afogado ao banhar-se em Melbourne.

O secretario do almirantado telegraphico immediatamente ao conde de Clavilliam, pedindo-lhe explicação d'este boato que, por enquanto, não teve confirmação.

× As mulhetes aos 16 annos soñham casar-se com um principe, aos 18 com um marquês, aos 20 com um homem rico, aos 22 com um advogado, ao medico aos 25 com um empregado, aos 30 com qualquer.

O *Folhetim Romance* obteve desde a sua origem uma grande popularidade.

Para fazer-se uma idéa do frenesi do leitor a quem cada manha se migava um pouco de intrigas amorosas, basta dizer-se que um romance muito pequeno de Alexandre Dumas, o *Capitão Paulo*, arranjo ao *Seculo* cinco mil assignantes em menos de tres semanas. Nos arrabaldes corriam em chusma ao encontro dos vendedores. Alexandre Dumas foi a pedra angular do *Seculo*, a providencia do romance-folhetim.

A sensação produzida em Paris pela publicação dos *Tres Mosquiteros* e dos *Viute annos depois* foi immensa. A vida publica, os negocios e até os repósitos e as dores da familia tudo era interrompido pela prespiencia de um capitulo.

Mas estes successos, era a prova de ouro que os jornaes os comprovam.

Nesses bellos tempos do folhetim-romance, os autores em voga resgatavam os redactores de folhas como os artistas de fama, nos directores de theatro.

Começamos hoje a publicar, em folhetim, os dous bonitos poemas do distincto poeta portuguez Gomes Leal—*A Traição* e *A Herança*.

FOLHETIM.

GOMES LEAL

A TRAIÇÃO

CARTA A EL-REI D. LUIZ

SOBRE A VENDA DE

LOURENÇO MARQUES.

SENHOR.

...se acaso um rude e energico plebeu pôde ser um juiz, e um rei tornar-se réu, se acaso o assassinado á noute n'uma esquina pôde gritar—traição!—contra quem o assassinou, se acaso um rude velho excommungou Paris, e Juvenal cuspiu na ruiva meretriz, e a Historia toda escarra em Judas, o traidor, eu serei o juiz—e vós o réu, Senhor!

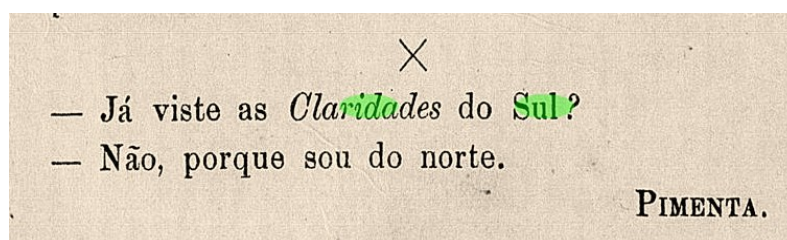
Sim! mancharás na lama, ó rei, os teus brazões, e terás por juiz a Plebe e os corações dos guerreiros fieis, brancos, e enancoidos, que chvarão de raiva os louros prostitudos, se derdes os pendões furados das metralhas que já viram o fumo e os soes de cem batalhas, a aura da Liberdade e o sopro das desgraças,

odio eterno, feroz que mais e mais se atica, mas que é tambem Amor e que é tambem justiça. E' o odio contra o injusto e a vasa do monturo. E' o odio contra a Mãe que á noute, pelo escuro, vae a filha vender ao lupanar occulto. E' o odio a ti, mulher, que expões teu seio ao insulto dos beijos d'aluguel, por uns vestidos mais. E' o odio contra o filho, é o odio contra os paes dobrados, imbecis, cheios d'um mal secreto, d'um vergonhoso mal que vae do avô ao neto, que se vão alojar ambos no mesmo hotel, e se encontram á noute, ao fogo e no bordel. E' o odio contra ti, infame libertino, que apalpas entre as mãos um seio feminino, e o atiras para o leito inda peor que a covia. E' o odio contra ti, fraca geração nova, que amas somente rir, não tens convicções, nem ideal, nem fé, nem nervos, nem tendões, não sabes venerar, não sabes ter respeito, fugir, nem arrancar as lagrimas do peito, nem rir como Volttaire, amar como Romeu, sofrer como Jesus—nem odiar como eu! E' o odio emfim a vós, ó vendilhões esultos, que vossa propria Mãe vendestes aos insultos do vil marujo inglez, e lh'a arrojaes nos braços, como uma meretriz ebria de mil abraços, que os seios sem pudor entrega á marinhangem. E' o odio emfim a ti, ó rei, cuja coragem sómente equalará talvez a cobardia, commetendo a baixesa, a insanía, a villania, de arrojar á hyena, á ladra a John Bull, nossos rudes irmãos da Africa do Sul. E' o odio contra ti, ó regio salafario! que fardas esse acto iniquo e extraordinario, porque ainda que ha muito existe a vil traición, monarchas sem pudor e Mães sem coração, parece sempre horrendo, extraordinario, e novo, que a Mãe venda uma filha e o rei que venda um povo!

Gomes Leal é constantemente alçado ao posto de “moderno”, “moderníssimo”, com uma poética que “exala um frescor”. Para Baudelaire, “a modernidade é o transitório, o efêmero, o contingente” (Baudelaire, 1997, p. 26). Se refletirmos sobre esse conceito de transitoriedade na modernidade, também presente na poética de Gomes Leal, podemos compreender os motivos pelos quais nem todos a compreendiam naquele momento. O poeta captava o mundo que estava em constante mudança, principalmente o mundo conturbado e degradante do final do século XIX.

A boa aceitação da obra foi observada quando encontramos referências ao livro nas páginas de periódicos de grande circulação na capital brasileira, como no caso de *O Mequetrefe*¹⁹, um periódico de características republicanas e satíricas. Já em 18/10/1878, esse periódico publicou uma piada, assinada pelo pseudônimo de Pimenta, com o título de *Claridades do Sul*, ou seja, 3 anos após o lançamento da primeira edição, conforme figura 17:

Figura 17 – Anedota publicada sobre *Claridades do Sul*



Fonte: *O MEQUETREFE*. Rio de Janeiro: n.144, 18/10/1878, p. 3

No ano de 1885, no mesmo jornal, *O Mequetrefe*, houve uma nova referência ao poeta Gomes Leal, dessa vez com um questionamento sobre a seus poemas. O colunista compara a poética do poeta português com a publicação de um poema transcrito do *Diário Ilustrado*, de Lisboa. O poema foi publicado sem nome e sem título e o colunista afirma ter sido descoberto por Alexandre Herculano no Arquivo da Torre do Tombo. Seriam esses versos arcaicos e de velha forma, mas de certo encanto. Após proferir elogios ao poema descoberto, o autor da coluna chama o leitor do periódico a acompanhar a leitura do poema e depois emitir a sua opinião sobre os versos satânicos do Sr. Gomes Leal. Qual deles valeria mais?

¹⁹ O primeiro número do periódico *O Mequetrefe* foi lançado em janeiro de 1875. O jornal foi uma iniciativa de Pedro Lima e Eduardo Joaquim Correa; este se tornou o único proprietário do jornal em 1879 e se manteria nessa condição até sua morte, em maio de 1891; a viúva assumiu os negócios do marido, colocando seu cunhado, José Joaquim Correa, no comando do jornal. Suas atividades somente se encerrariam em janeiro de 1893. Ao longo dos anos de sua circulação o periódico contou com um número variado de colaboradores, como Olavo Bilac, Artur Azevedo, Henrique Lopes de Mendonça, Lúcio de Mendonça, Raimundo Correia, Filinto de Almeida e Lins de Albuquerque, este exercendo o cargo de diretor por um determinado tempo (Lopes, 2011).

O satanismo foi sem dúvida uma das vertentes literárias utilizadas por Gomes Leal para compor a sua primeira coletânea de poemas, muito embora o próprio poeta tenha dito que não se filiou a nenhuma escola literária, principalmente ao satanismo e ao realismo. Sobre o tema, o próprio Gomes Leal expõe em *Claridades*:

Claridades do Sul é a idealização da poesia do Sol, das Árvores, das Flores, da Música, das Paisagens, do Amor, da Vida, e do Sonho: – enfim de toda a idiossincrasia destas regiões suaves e musicais do Ocidente: destes países lendários, e sonoros do Meio Dia, por onde trotou o heroico D. Quixote e gemeu a guitarra da Alama viva: onde gargalhou ruidosamente Rebelais, muito antes de Mefistófeles ter feito retumbar gargalhadas sonoras na Germânia: onde floresceu o senhor Pantagruel e Petrarca suspirou sob os varandins da Renascença: onde devaneou Romeu e gemeu o lírio Bernardim: e, finalmente, onde palpita esta sonhadora alma cavalheiresca, irônica, amorosa e ao mesmo tempo mística do Sul, nestas claras regiões benzidas pela Luz, e alagadas e lavadas pelas celestiais claridades (Leal, 1998, p. 333).

Para compreender um pouco as reações brasileiras ao livro precisamos entender as influências da época, que fizeram com que *Claridades do Sul* fosse tão singular para a literatura portuguesa. O livro é dividido em seis partes: Inspirações do Sol, Realidades, A Carteira dum Fantasma, Misticismo, Humorismo e Ruínas, apresentando, assim, uma similaridade com *As Flores do Mal* (1857), de Baudelaire, também dividido em seis partes. O período era de grande influência do autor francês, por isso as comparações. Para Seabra, a obra do português “oscila entre a abjuração titânica e o misticismo, entre o naturalismo e o ocultismo” (Seabra, 1998, p. 10), bem ao gosto das influências recebidas por Baudelaire, Heine, Hoffmann, Edgar Allan Poe, Byron e Victor Hugo.

Vemos assim que o satanismo é um tema recorrente nas críticas encontradas nos periódicos brasileiros. Encontramos eco desse satanismo nos críticos do século XXI, que continuam analisando a obra de Gomes Leal com o mesmo olhar e o mesmo questionamento feito no século XIX. Mais do que uma adoração ao “anjo renegado”, esse satanismo observado nas poéticas finiseculares era uma forma de expressar o descontentamento com a sociedade e, particularmente no caso de Gomes Leal, uma forma de expressar também o seu “gosto pelo excesso, hipótese de fuga ao quotidiano” (Batalha *apud* Pires, 1999, p. 558).

2.4 Recepção de *Claridades do Sul* – década de 1890

Assim, chegamos à última década do século XIX. A busca na Hemeroteca nos revela que as menções ao livro diminuíram muito neste momento, conforme se vê na figura 18.

Figura 18 – Resultados por “*Claridades do Sul*” no período de 1890 a 1899

Descrição	Páginas	Ocorrências	Opções
Correo da Manhã (Lisboa, POR) - 1884 a 1898	18857	2	⊕
Gazeta de Noticias (RJ) - 1890 a 1899	21131	1	⊕
O Tempo (RJ) - 1891 a 1894	4348	1	⊕
Gazeta de Petropolis (RJ) - 1892 a 1904	6730	1	⊕
Jornal do Commercio (RJ) - 1890 a 1899	34696	1	⊕
O Libero (RS) - 1880 a 1881	234	1	⊕

Vemos aqui um total de apenas sete menções ao livro *Claridades do Sul*, no período de 1890 a 1899, sendo as duas primeiras do periódico *Correio da Manhã*, de Lisboa. Logo, não se aplica ao nosso estudo sobre aos jornais brasileiros.

Finalizando a última década antes da nova edição de *Claridades do Sul*, anotamos apenas três anúncios sobre a obra, todos no Rio de Janeiro. No *Jornal do Commercio*, na edição n. 244, do dia 9 de setembro de 1891, a Livraria do Globo, da Rua São José, n. 113, vendia “*Claridades do Sul*, soberbas poesias de Gomes Leal, 1 grande volume, 1\$”. No mesmo ano, o jornal *O Tempo* trazia a propaganda da Livraria Moderna, na Rua da Quitanda n. 5, que comunicava vender “Livros Barátissimos”. A casa que tinha como principal anúncio o de comprar toda a qualidade de livros, especialmente romances, história e literatura, vendia a obra de Gomes Leal a 1\$. O último anúncio da década vem pela *Gazeta de Noticias* com uma grande liquidação da Livraria Colegial que fecharia as portas por motivo de obras. Assim, a loja que ficava na Rua Uruguaiana, n. 19, colocou à venda por preços excepcionais *Claridades do Sul*, “do notável e laureado poeta português Gomes Leal”, 1 volume, 500 réis. A primeira edição ainda era encontrada à venda, mais de uma década após a sua publicação.

Notamos que, em relação aos comentários publicados nos periódicos sobre a obra e o poeta, há um anúncio da Livraria Americana na edição de 19/06/1891, publicado no *Jornal do Rio Grande do Sul*, que anunciava a recente edição do livro *A Traição*. No mesmo anúncio, lembra ser o poeta o autor de *Claridades do Sul* e de *A Fome de Camões*. A Livraria Americana²⁰ é uma das mais antigas do Rio Grande do Sul, fundada pelo livreiro Carlos Pinto em 1871, inicialmente na cidade de Pelotas e depois com filial em Porto Alegre.

O próximo registro encontrado na Hemeroteca é o do periódico *Gazeta de Petrópolis*. A *Gazeta* circulou entre os anos 1892 e 1904 e era distribuída três vezes por semana, às terças, quintas e sábados. Gomes Leal e *Claridades do Sul* aparecem no jornal da cidade

²⁰ O estudo publicado por Eduardo Arriada - PPGE/FAE/UFPel, aponta a Livraria Americana como sendo uma das maiores responsáveis pela pirataria das edições feitas no final do século XIX no Brasil e início do XX. Com livros de baixa qualidade e baixos preços, imprimia diversos livros sem pagar direitos aos autores, bem como realizava traduções. É bem possível que a obra anunciada pela Livraria Americana fosse uma das impressas no local, conforme estudo. https://anped.org.br/sites/default/files/gt02-1745_int.pdf

serrana em uma coluna intitulada “O senso da música nos animais”. Sem assinatura, a coluna aborda o tema da sensibilidade dos animais a partir dos estudos de um naturalista inglês, o Sr. Cornish. Esse, em seu experimento, teria oferecido aos animais do Zoológico de Londres um concerto musical que, nas palavras do colunista, “foi muito bem acolhido por muitos deles”, porém, algumas grandes serpentes e a aranha não apreciaram o concerto e “mostraram-se insensíveis à delicada atração”. A partir dessa apresentação, o colunista apresenta o poema “A aranha”, de Gomes Leal.

A Aranha

A Moniz Barreto

Num sonoro teatro antigo da Alemanha,
Dum violino aos ais, banhada de luz viva,
Surgia dum covil uma grotesca aranha,
Dos banquetes do Som habitual conviva.

O ser sombrio e obscuro – ó meu amor! – não priva
Da adoração do Belo, a adoração estranha!...
E assim se embriagava a escura pensativa
Da lírica emoção que nossa alma banha.

Mataram-a uma vez. – Não mais a pobre amante
Da Música surgiu àquela luz brilhante.
Foi-lhe o velho teatro a sua sepultura...

Assim preso também pela atração que choro,
– Não te rias cruel! Ó ídolo que imploro!...
Tu és o Violino... e eu sou a aranha escura. (Leal, 1998, p. 257).

Gomes Leal trouxe para a seu poema a aranha, caminhando do grotesco ao sublime, em um ambiente que remete ao belo, ao erudito, o teatro, lugar que não combinaria com uma figura grotesca como uma aranha, uma criatura que, em geral, causa repulsa. Porém, a aranha que encontramos no poema era amante de música. O poema causa no leitor um misto de sensações às quais boa parte não estava acostumada no século XIX. Um ser com atributos repugnantes, uma “grotesca aranha”, que surge “banhada de luz viva”, ama a música e vive no ambiente considerado a casa do Belo.

O conceito de grotesco, na modernidade, acentua um sentimento que remete a uma desarmonia universal, uma suspensão das ordenações da realidade, o monstruoso, o disforme. Falando em modernidade, o nome do poeta francês Baudelaire é lembrado mais uma vez. O grotesco seria representado através da massa urbana em movimento nas ruas, provocando no poeta um misto de beleza e feiura, de encanto e náusea. Sabemos do fascínio de Baudelaire pela vida moderna e conhecemos, também, seu desprezo por ela. O poeta comumente trará

para o seu universo poético esse encontro do belo com o grotesco, o que constituirá um elemento fundamental de sua obra. Berman, no estudo realizado sobre a vida moderna, analisa Baudelaire e a modernidade das ruas e aponta que para o poeta francês “a vida moderna possui uma beleza peculiar e autêntica, a qual, no entanto, é inseparável da sua miséria e ansiedade intrínsecas, é inseparável das contas que o homem moderno tem que pagar” (Berman, 1987, p. 138).

A colocação de Berman é exposta após um trecho do ensaio de Baudelaire chamado *Progresso* (1855), no qual há uma pequena cena a respeito de Balzac. Há uma descrição de uma pequena casa, aparentemente bela, parecendo um quadro. No entanto, ao analisar com mais cuidado a cena, percebe-se a pobreza, sendo feita uma breve reflexão sobre como os moradores estariam se sentindo, se estavam aflitos, se haviam tido uma boa colheita, ou seja, o belo desenho da casinha, que parecia um quadro, esconde uma cena que não reflete a beleza da vida para aquelas pessoas.

Aqui, no poema de Gomes Leal, encontramos também os elementos que compõem a “desarmonia universal”, uma vez que o grotesco e o belo estão compondo o cenário de um mesmo poema. A aranha caminha, participa da beleza, mas, do mesmo modo com que os trabalhadores, que devem pagar as suas contas, estão deslocados dentro de um belo quadro, ela está deslocada de seu lugar, numa bela cena da qual não deveria fazer parte. A aranha na cena representa o que acontece nas ruas de uma cidade, onde todos os tipos caminham juntos em um mesmo ambiente, mas não de forma harmônica. Por outro lado, apesar da origem, todos podem apreciar a arte.

Quando refletimos sobre o que o colunista pensou ao ler um poema que tinha como tema a aranha, percebemos a sensação de estranhamento, uma vez que, para ele, a aranha fazia parte dos animais, não dos mais virtuosos. O descontentamento foi refletido ao comparar a aranha do experimento do Sr. Cornish, que não se encantou com a música, com a de Gomes Leal. A aranha revelada por Gomes Leal, erudita e amante da boa música, habitante do antigo teatro, era como os trabalhadores de Baudelaire, apenas estavam na bela cena, porém não faziam parte dela, não deveriam estar ali na beleza do local.

2.5 Recepção de *Claridades do Sul* – década de 1900

Viramos mais uma década no sistema de buscas da Hemeroteca Nacional Digital (fig. 17). Nossa pesquisa no sistema encontrou apenas 6 menções a *Claridades do Sul*, nos jornais *Gazeta de Notícias*, *O Paiz*, *Correio da Manhã* e *Pacotilha*.

O ano de 1901 marcou o lançamento da segunda edição de *Claridades do Sul*, que foi ampliada, conforme comentamos no início deste capítulo, porém, algo nos chamou atenção. Não há menção à reedição da obra, bem como não encontramos mais nenhuma livraria anunciando o livro. Encontramos outras obras, afinal Gomes Leal não parou de produzir ao longo de sua vida, no entanto, aquela que foi considerada a sua grande obra parece ter sido um pouco esquecida pelo público e pela crítica na virada do século. Folheando as páginas dos periódicos, tentamos entender qual a visão dos leitores sobre o Gomes Leal do início do século XX.

Figura 19 – Resultado por “*Claridades do Sul*” no período de 1900 a 1909

Hemeroteca Digital Brasileira UF - Período: 1900 - 1909			
"claridades do sul"		Ocorrências 6	Páginas 3.655.649
ano 190			
Descrição	Páginas	Ocorrências	Opções
Gazeta de Notícias (RJ) - 1900 a 1919	48801	2	(+)
O Paiz (RJ) - 1900 a 1909	22179	2	(+)
Correio da Manhã (RJ) - 1901 a 1909	21829	1	(+)
Pacotilha (MA) - 1880 a 1909	34367	1	(+)

Apontamos, ao longo deste capítulo, algumas inserções nas quais o poeta era chamado de “moderno”, “moderníssimo”. Cremos que Gomes Leal, desde os seus primeiros escritos, contribuiu para uma modernização da poética portuguesa, com poemas que exalam uma fina estética dos motivos finisseculares, o que nem sempre agradava a todos. Assim, tanto no século XIX quanto no século XX, a crítica percebia esse modo invulgar de fazer poemas e isso virava notícia. Em 1900, por exemplo, o jornal carioca *O Paiz*, na coluna chamada “A poesia portuguesa”, comentou a obra de Gomes Leal:

O que nos interessa nesse poema e nos demais poemas do autor, são as asas do imenso corvo que voa, que voa entre infernais paisagens, buscando sempre o país da tormenta. Falai de Edgar Poe, se quereis. Evocais as pegadas ltuosas de Mauricio Rollinat. Recordai os acentos mais angustiosos de Swindburg. Repeti as odes de Carducci. Isto basta para desculpar o poeta, se um poeta jamais teve necessidade de uma escusa melhor do que a sinceridade. A sinceridade! Isto é tudo. E perante a obra de Gomes Leal, perante esses frades demoníacos, perante essas mulheres de luto, perante esses seres de medo, de mistério e de espanto, perante essas figuras fantasmagóricas e gesticulantes, alucinadoras e atormentantes, que povoam o universo poético, a única coisa que nos atormenta é não saber se o poeta é sincero. Porém, sim; sim, ele o é. Estas visões não se compõem friamente. Sim. É sincero! (*O Paiz*. n. 7242. 06 ago. 1904, p. 1).

O autor da coluna, Enrique Gómez Carrillo (1873-1927), nasceu na Guatemala, mas realizou grande parte de seus estudos na Europa, e foi um escritor, crítico literário, romancista, ensaísta, jornalista e diplomata. Pela grande quantidade de crônicas que escreveu ficou conhecido como o “Príncipe dos Cronistas”. Na coluna para o jornal *O Paiz*, Carrillo comenta Antero de Quental, Teófilo Braga, Guerra Junqueiro, o brasileiro Gonçalves Crespo e Gomes Leal. As críticas do cronista enveredam pelos poemas melancólicos e satânicos, ficando bem claro não serem do seu gosto os versos em que “abundam a morte”. Pelas referências a mulheres de luto e a figuras atormentantes, Carrillo pode estar se referindo também a outros livros de Gomes Leal, como *A Mulher de Luto* e *Mefistófeles em Lisboa*.

Temos em *Claridades do Sul* a obra que reúne os diferentes estilos que perpassam pela vida literária de Gomes Leal. Perceberemos nos futuros escritos do autor o eco da obra composta na flor da juventude. Sobre o poeta multifacetado, escreve Seabra:

Nessa coletânea estão contidas todas as virtualidades da sua obra, mas a própria compresença de tantas facetas vai ao arrepio da época. Predominam elementos românticos e realistas, pretensões de evolucionismo cientista e assomos de esteticismo e culturalismo parnasianos; mas ligam-se lhes outros elementos, de indefinida posição, passíveis de deslocção para uma mundividência e para uma estética pós-naturalistas. Por isso, o mundo exterior passará a valer como alerta do mistério para os espíritos invulgarmente tensos, cujo contato com a realidade se faz através da detecção contínua de cruzamentos sinestésicos, que, por seu turno, atuam como sinais de analogias essenciais na vida do Universo (imperceptíveis para o Homem moderno, subjugado pela “Teoria”). Peada ainda na recoguição das correspondências ônticas, a poesia de Gomes Leal oscila entre a negação titânica e o misticismo, entre o Naturalismo e o Ocultismo, mas vai pendendo para os últimos termos, de acordo com o avanço da musicalidade “Miséria Oculta” e da imagística “Nevrose Noturna”, com o encaminhamento baudelairiano para o Decadentismo da imaginação macabra e fantástica, do amor e da mulher, do donjuanismo e do satanismo – numa postulação multimoda e até paradoxal para o absoluto. (Seabra, 2019, p. 155).

A crônica e a explicação de Seabra demonstram que Gomes Leal viveu intensamente as influências da vida moderna e o impacto das leituras de Goethe, Hegel, Marx, Stendhal, Baudelaire, Dickens e Dostoievski. As mudanças nas cidades provocavam uma maior separação entre as diferentes classes sociais, além de transformar o que era conhecido em algo que se tornaria irreconhecível para os seus habitantes. A política era de exclusão e, preocupada com os seus privilégios, estava cada vez mais afastada de atender a qualquer melhoria para a população.

Percebemos que Gomes Leal preocupava-se em captar, através de seus poemas, as aparências e os sentimentos de seu próprio tempo; a isso chamamos modernidade. Lembrando de Baudelaire, que apontava a modernidade como efêmera, vemos na poética do poeta

português a efemeridade do tempo e das coisas, a vida que passava diante de seus olhos e era captada e transformada em versos que nem sempre eram entendidos e compreendidos pelos leitores da época.

O crítico d'*O Paiz* demonstra um estranhamento ao ler Gomes Leal, contudo, podemos entender que o poeta está atento à produção da literatura estrangeira, como mencionamos. Baudelaire, expoente da literatura francesa do período, inspirou a criação de diferentes poetas, como *Fradique Mendes*, de composições conhecidamente satânicas. Encontramos na Literatura Portuguesa do período, “uma argamassa formada de um Baudelaire parnasiano com pinceladas realistas, de satanismo moderado e de protesto humanitário” (Hess, 1983, p.129). Além disso, é interessante atentarmos às questões de Carrillo quanto à sinceridade do poeta Gomes Leal. Como poderia o mesmo poeta ter uma produção tão multifacetada, misturando diversas tendências e seguindo estilos variados e ser sincero? Gomes Leal poderia ter criado poetas como autores de seus poemas e se aproximaria da proposta poética de Pessoa, ou mesmo de uma composição como a de Fradique Mendes. Contudo, Carrillo defende que sim, que o poeta é sincero, porque teria algo da experiência de vida de seu tempo em suas composições. O crítico apenas entendia uma produção poética baseada em vivências do poeta, sem compreender ainda que um poeta poderia ser múltiplo.

Voltando aos periódicos, nosso estudo agora apresenta o carioca *Correio da Manhã*, anunciando em 29/03/1903 que o Sr. Custódio Villarinho Malheiros, um membro da Associação Protetora dos Empregados no Comércio, fez uma doação de algumas obras para a Biblioteca da Associação. Dentre os oferecimentos, encontramos *Claridades do Sul*. No mesmo oferecimento constam as obras completas de Castro Alves e o Tomo I de M. Said Ali, que chegam à referida biblioteca. Uma busca através da hemeroteca nos levou a conhecer um pouco do Sr. Custódio, membro do Conselho Fiscal da Associação. Parecia ser o Sr. Custódio amante dos livros, pois encontramos seus oferecimentos em mais algumas oportunidades figurando nas páginas de diferentes jornais cariocas.

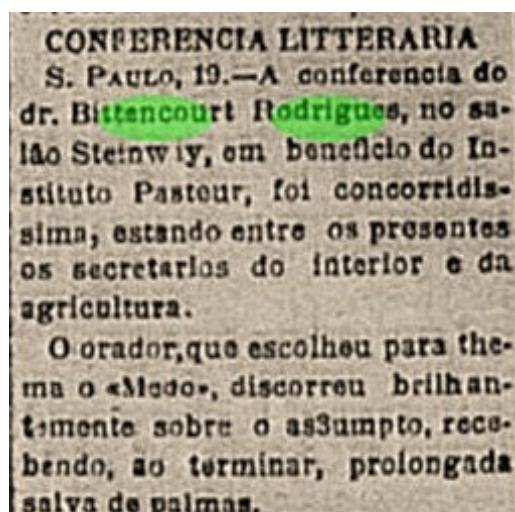
Em 1905, o jornalista português Meyer Garção (1872 – 1930) escrevia para o jornal maranhense *Pacotilha*. A coluna era sobre *O Senhor dos Passos da Graça*, romance que Gomes Leal lançara em 1904, porém, o poeta ainda permanecia sendo lembrado por sua obra de maior expressão e Garção fala que “o estranho e singular poeta que é Gomes Leal acaba de nos patentear uma inesperada revelação do seu espírito. Abandonando, quero crer que momentaneamente, os dourados domínios em que impera a harmonia do ritmo e fulgura o filho da imagem, o poeta das *Claridades do Sul* aborda decididamente o romance”. A coluna segue com as impressões de Meyer Garção sobre o romance, mas o que chamou atenção à

coluna foi a opinião do colunista sobre a harmonia do ritmo dos poemas de Gomes Leal, sobretudo em *Claridades*.

Assim, seguimos para 1908 e a produção literária do poeta “estranho e singular” aparece mais uma vez nas páginas do periódico de maior circulação no Brasil naquela época, *O Paiz*. O colunista aqui, digno de nota, é o médico português, Dr. Antônio Maria Bittencourt Rodrigues, ou simplesmente Dr. Bittencourt Rodrigues, forma habitual de assinar suas colunas. O médico foi um dos principais responsáveis pela criação de um instituto, um embrião do Instituto Pasteur em São Paulo, que pudesse tratar pacientes acometidos pela raiva canina no Brasil, o que era um grande problema de saúde pública. “De 7 de novembro de 1903 quando o Instituto Pasteur iniciou o tratamento de seu primeiro paciente ao início do ano seguinte, os atingidos por animais doentes ou suspeitos eram atendidos no consultório do Dr. Bittencourt Rodrigues”. (Teixeira, 2004)

Tendo sido um importante intelectual do início do século e amigo de Gomes Leal, o que pode ser comprovado pelo testemunho de Ladislau Batalha, o médico português trocava correspondências com nomes mais do que consagrados das literaturas brasileira e portuguesa: Júlia Lopes de Almeida, Euclides da Cunha e Teófilo Braga. O erudito médico realizava conferências literárias em prol de arrecadações para o Instituto Pasteur, conforme figura 20.

Figura 20 – Conferência de Bittencourt Rodrigues



Fonte: *Jornal do Brasil*, n. 354, 20/12/1905, p. 3.

Como apreciador e estudioso de literatura, Rodrigues incluiu Gomes Leal e *Claridades do Sul* em suas colunas e conferências e, no dia 12 de outubro de 1908, realizou, em São Paulo, no Salão Steinway, a conferência: “Os sentidos e a emoção em alguns poetas portugueses e brasileiros”. O encontro girou em torno das sensações que o poema proporciona

para a memória afetiva do leitor através de sentidos básicos do ser humano, como olfato, audição, visão, tato. Assim, no alvorecer do século XX, o encontro realizado por Dr. Bittencourt fala das sinestesias, da “sensação e a emoção, os poetas sensitivos, em cuja inspiração poética e imaginação criadora mais se reflete a preponderância psicológica de um sentido – tato, gosto, olfato, vista ou ouvido”.

A sua fala segue referenciando vários poetas e abordando a sinestesia, até que chega ao questionamento: “E Gomes Leal? Outro poeta de gênio, sem dúvida, um dos mais inspirados dos atuais poetas portugueses. Nas suas *Claridades do Sul*, lá se encontra, subordinada ao título ‘Som e Cor, uma deliciosa coleção de sonetos’” (*O Paiz*, n.8727, 25, ago. 1908, p. 5). A série de sonetos referidos pelo Dr. Bittencourt está na terceira parte da obra – “Carteira de um Fantasista”. Transcrevemos os trechos do poema “O Visionário, ou Som e Cor” selecionados pelo médico para a conferência:

Parte III

Alucina-me a cor! – A Rosa é como a Lira,

A Lira pelo tempo há muito engrinaldada,
E é já velha a união, a núpcia sagrada,
Entre a cor que nos prende e a nota que suspira.

Se a terra, às vezes, brota a flor que não inspira,
A teatral camélia, a branca enfastiada,
Muitas vezes, no ar, perpassa a nota alada
Como a perdida cor dalguma flor que expira...

Há plantas ideais dum cântico divino,
Irmãs do Oboé, gêmeas do violino,
Há gemidos no azul, gritos no carmesim...

A magnólia é uma harpa etérea e perfumada.
E o cacto, a larga flor, vermelha, ensanguentada,
– Tem notas marciais, soa como um clarim.

este terceto da parte II:

Bem sei! – mas, na floresta imensa das Teorias,
Eu amo divagar, ouvindo as melodias,
Que as plantas musicais dão aos astros e aos Céus.

E num outro da parte I:

E obedecendo ainda aos meus velhos amores,
Procuro em toda a parte a música das cores,
– E nas tintas da flor achei a Melodia. (*O Paiz*, Rio de Janeiro: n.8727, 25, ago. 1908, p. 5).

O recurso da sinestesia havia sido usado por Baudelaire em *As Flores do Mal*, e muito inspirou Gomes Leal e outros. Jacinto do Prado Coelho realizou um estudo específico no qual

analisou esses versos e as influências baudelairianas no texto do poeta português. Para Coelho, há “vários aspectos comuns, a intenção de explorar a sinestesia nos sentidos estético e metafísico: em Baudelaire: perfumes frescos, doces, verdes; em Gomes Leal: gemidos no azul, gritos no carmesim, olhar sonoro.” (Coelho, 1989, p. 204)

A partir dos exemplos contrastantes apresentados por Coelho em relação às sinestias encontradas na obra de Gomes Leal, apontados como marca de modernidade, finalizamos mais uma década. Aqui, com a percepção de que, em suas obras, o poeta português apresenta uma visão na qual as palavras são agrupadas devido às afinidades de sentido existentes entre elas, pelo menos sob a sua perspectiva. Palavras e expressões como “gemidos no azul” e “música das cores”, são alguns dos exemplos que encontramos no referido poema de Gomes Leal. Esse sentido novo que o poeta dava às palavras pela sinestesia causava estranhamento, sentimento tão comum aos seus leitores, mas já era defendido pela crítica.

Encerrando a primeira década do século XX, a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro de 31/10/1909, no seu suplemento ilustrado, apresenta a coluna “Homens e Causas” e, na parte dedicada a literatura, chama a atenção do leitor para o grande barulho das cidades. Segundo o colunista, “o tumulto da rua perturba e distrai as grandes concepções do gênio humano que só podem produzir-se no silêncio da natureza”.

Os ares das cidades carregados pelos gases dos automóveis que passavam apressadamente, as pessoas que andavam de um lado para o outro de forma frenética, todas sempre prontas a assumir algum compromisso eram o retrato de uma cidade moderna. As suas vozes ecoavam nas ruas e o barulho intenso das obras que seguiam mudando as cidades o tempo todo martelava aos ouvidos dos que moravam nas cidades. Marshall Berman, em um estudo clássico sobre a modernidade explica que a virada do século XIX para o XX intensificou os “timbres e ritmos peculiares da modernidade” (Berman, 1987, p. 17) com a mudança da paisagem, o barulho das ferrovias, das fábricas e a ampliação de todas essas novidades de forma tão rápida que nem sempre dava tempo de conhecer uma nova “invenção” ela já havia sido “reinventada”, já havia se desmanchado. Percebemos que esse sujeito que vivia no século XIX e passou para o século XX ainda não havia aprendido a viver na mesma velocidade com que o tempo corria.

Essa atmosfera de agitação e turbulência, aturdimiento psíquico e embriaguez, expansão das possibilidades de experiência e destruição das barreiras morais e dos compromissos pessoais, auto expansão e auto desordem, fantasmas na rua e na alma – é a atmosfera que dá origem à sensibilidade moderna. (Berman, 1987, p. 18).

Ao analisarmos o desconforto causado ao colunista em 1909 pelo som das “sirenes dos automóveis, das campanhas dos elétricos, dos pregões dos vendedores, dos repiques dos sinos e do vozeirão dos políticos”, percebemos a crítica à modernidade. O sonho seria a fonte de inspiração para os poetas, que deveriam se refugiar nos lugares mais distantes da terra, no deserto, para as Musas voltarem a inspirá-los. O poeta, inspiração para o nosso trabalho, chega a este mundo moderno e inspira o colunista a dizer: “o Sr. Gomes Leal, de fato, de linho e sandálias, partiu para o Polo Norte para acrescentar um grande capítulo às *Claridades do Sul*”. A referência ao terno de linho retoma aqui a ideia de Gomes Leal andar sempre impecavelmente vestido, uma das marcas registradas do poeta. O colunista, quando se refere ao acontecimento de uma viagem de Gomes Leal para o Polo Norte está associando com a ideia de que, como as cidades estão tão barulhentas, não seria estranho que o “tremendo poeta” precisasse fugir para um local remoto com o objetivo de escrever mais um capítulo para aquela que é considerada a sua obra-prima. Dessa forma, nos lugares calmos e de paz, Gomes Leal poderia acrescentar um novo capítulo ao seu mais consagrado livro, *Claridades do Sul*. O uso do adjetivo “tremendo” pelo colunista indica que ele não apenas conhece a obra, como também esperava que o poeta produzisse mais um capítulo tão bom quanto os anteriores.

2.6 Recepção de *Claridades do Sul* – década de 1910

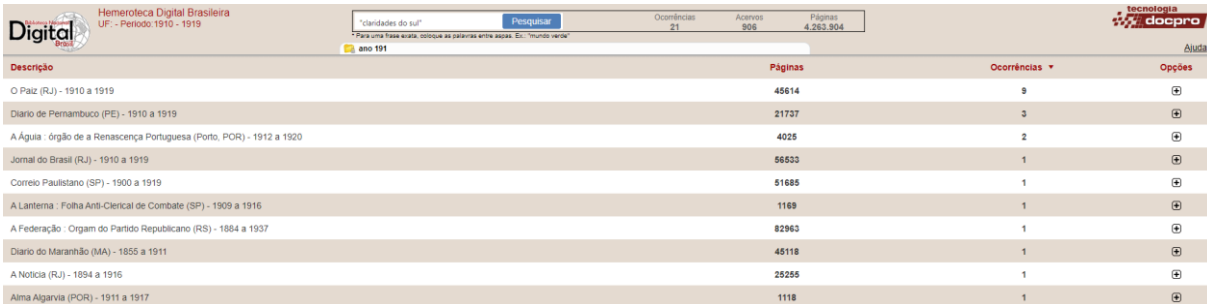
O início da segunda década do século XX em Portugal começou de forma agitada. O ano de 1910 marcou o final do regime monárquico proclamando enfim a república portuguesa. Foi um movimento muito desejado por políticos e intelectuais, que, desde o século XIX, buscavam essa mudança de regime, o que era também percebido em publicações com várias críticas ao regime monárquico. Uma importante medida tomada com o advento da república foi a separação entre Estado e Igreja. Para Gomes Leal, esses foram tempos muito difíceis. Em 1910, o poeta perdeu sua mãe, com quem morou durante toda a sua vida, o que o deixou muito abalado. Católica fervorosa, Dona Henriqueta, mãe do poeta, com mais de 90 anos e em seu leito de morte, pediu para o filho mandar celebrar e comparecer à missa em memória de sua alma. O poeta, muito consternado e tocado de profunda tristeza, não apenas compareceu às missas pela alma de sua mãe como escreveu uma carta e a publicou nos principais jornais portugueses anunciando sua conversão ao catolicismo. Gomes Leal, que ao

longo de sua trajetória foi um anticlericalista, ao anunciar a conversão, mais uma vez deixou grande parte da sociedade portuguesa surpresa.

As notícias logo chegaram ao Brasil. As redações dos principais jornais trataram de noticiar a conversão do poeta. Todavia, Gomes Leal não parou por aí. Após a conversão religiosa, houve uma mudança radical de posição política com a filiação ao partido nacionalista. Como antes, escreveu uma longa carta pública anunciando a sua filiação ao partido que apoiava a causa monarquista, a mesma que o poeta havia criticado durante sua vida.

Assim, percebemos que as menções ao livro *Claridades do Sul* cresceram na busca que realizamos na Hemeroteca, agora entre os anos de 1910 e 1919. São 21 menções (fig. 21) que estão distribuídas entre o lançamento da obra *A Senhora da Melancolia – Avatares de um Ateu* e o noticiário sobre a conversão e a filiação de Gomes Leal. Afinal, ele era sempre lembrado por ser o grande poeta de *Claridades do Sul*. Os periódicos são: *O Paiz*, *Diário de Pernambuco*, *A Águia*, *Jornal do Brasil*, *Correio Paulistano*, *A lanterna*, *A federação*, *Diário do Maranhão* e *A Notícia*.

Figura 21 – Resultados de “Claridades do Sul” no período de 1910 a 1919



Descrição	Páginas	Ocorrências	Opções
O Paiz (RJ) - 1910 a 1919	45614	9	(+)
Diário de Pernambuco (PE) - 1910 a 1919	21737	3	(+)
A Águia - órgão de a Renascença Portuguesa (Porto, POR) - 1912 a 1920	4025	2	(+)
Jornal do Brasil (RJ) - 1910 a 1919	56533	1	(+)
Correio Paulistano (SP) - 1900 a 1919	51685	1	(+)
A Lanterna - Folha Anti-Clerical de Combate (SP) - 1909 a 1916	1169	1	(+)
A Federação - Órgão do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937	82963	1	(+)
Diário do Maranhão (MA) - 1855 a 1911	45118	1	(+)
A Notícia (RJ) - 1894 a 1916	25255	1	(+)
Alma Algarvia (POR) - 1911 a 1917	1118	1	(+)

Começamos com o noticiário de *O Paiz*, que nesse período passava por uma grande reformulação de seus editoriais. Após uma crise financeira nas primeiras décadas do século XX, o periódico que demorou para se modernizar tecnicamente, tornou-se portador de notícias sensacionalistas por volta de 1916. Para a pesquisadora Marialva Barbosa, sensacionalismo é um tipo de notícia “que apela a toda ordem de sensações do público” (Barbosa, 2007, p. 46). Ainda conforme o estudo de Marialva Barbosa, *O Paiz* passou a ter em suas páginas uma grande circulação de noticiários sobre “crimes, desastres, roubos, incêndios, enfim, as tragédias diárias” (Barbosa, 2007, p. 46). Essas mudanças diminuíram gradativamente o espaço literário dos jornais, uma vez que a vida diária cotidiana e trágica passou a interessar mais ao grande público do que a literatura.

Nas páginas do grande periódico, Gomes Leal aparece em diversas notas, em 1913, por conta de uma homenagem prestada pelos “prosadores e artistas – Afonso Lopes Vieira, Auto de Castro, Augusto Pina, Carlos Malheiro Dias, José de Figueiredo, João de Barros, Júlio Dantas, Manoel de Souza Pinto, Raul Lino e Vicente Pinheiro de Mello (Arnos)”. Os distintos poetas e artistas tomam a iniciativa de uma homenagem ao “lírico das *Claridades do Sul* e ao revoltado do *Anticristo*”.

Nesse momento, Gomes Leal passava por dificuldades financeiras oriundas do falecimento de sua mãe, que sempre cuidou das finanças do poeta. Por ser um conhecido gastador, não soube como administrar os valores recebidos com os trabalhos de sua vida e nem com o que sua mãe havia deixado. Assim, ficou conhecida a vida de pobreza e miséria que Gomes Leal levava na segunda década do século XX.

As notícias publicadas no periódico *O Paiz* giravam em torno dos problemas vividos pelo poeta. Temos assim, em 1913, no artigo intitulado “Gomes Leal” escrito por M. Duarte d’Almeida, a narrativa da triste fase da vida em que se encontra. “Os admiradores ricos do grande poeta das *Claridades do Sul* e da *História de Jesus* ainda não vieram, que saibamos, socorrendo-o”. Em outro trecho, o colunista afirma ser “entristecedor que, no século XX, seja ainda necessário esmolar para um grande poeta!” (*O Paiz*, n. 10429, 27/04/1913, p.1). Duarte conclui seu pensamento indagando se deveria fazer diferença se se é de direita ou de esquerda, “se a pessoa visada é um grande artista ou um grande poeta” (*O Paiz*, n. 10429, 27/04/1913, p. 1).

A trágica cena da vida de Gomes Leal continua a ser noticiada nos jornais. Em 1916 encontramos o poeta em um dos momentos mais trágicos:

O lírico bizarro das *Claridades do Sul*, o suavíssimo e sereno artista da *Vida de Jesus*, o truculento revolucionário da *Traição*, o negacionista implacável de *O Herege*, o místico do segundo *Anticristo* Gomes Leal apareceu, uma noite destas, caído numa das ruas de Lisboa, apresentando vários ferimentos na cabeça. (*O Paiz*, n. 11656, 05/09/1916, p. 1).

Com esse parágrafo, Alexandre de Albuquerque inaugura a primeira página do noticiário do jornal *O Paiz*. Após anunciar o péssimo momento em que se encontra Gomes Leal, o colunista comenta sobre sua trajetória poética e sobre *Claridades*, afirmando como o livro “espantou a literatura burguesa com as suas macabras rimas e atordoou as forças organizadas da sociedade com a sua audácia de panfletário” (*O Paiz*, n. 11656, 09/09/1916, p. 1).

Em 1917, uma matéria sobre a pensão para o poeta explica que “o esquecido poeta das *Claridades do Sul*” obteve na Câmara dos Deputados e no Senado a aprovação para o pagamento de uma pensão. Aqui, abrimos um parêntese para um comentário. Já no ano de 1917, o poeta era considerado esquecido. No mesmo ano, Justino de Montalvão escreveu uma coluna intitulada “A lírica emudecida”, na qual afirma: “Gomes Leal, o grande poeta das *Claridades do Sul*, não é hoje, com efeito, senão o fantasma mudo daquele que depois de passar toda a mocidade a amar e a cantar, ainda ao envelhecer parecia trazer nos olhos claros o reflexo da luz etérea” (*O Paiz*, n. 12090, 15/11/1917, p. 2). Em 1918, Gomes Leal completou 70 anos de vida e a coluna e o jornal *O Paiz* na “Seção Portuguesa”, uma parte do periódico dedicada à colônia portuguesa no Brasil, divulgou uma nota: “Homenagem a um grande poeta”:

A evolução do talento de Gomes Leal foi naturalmente do espírito crítico ao espírito criador, da negação à afirmação. É um poeta lírico, um poeta satânico e um poeta místico, por muito contraditório que isto pareça, nada mais lógico. Essa é a natural evolução do espírito humano – na primeira mocidade o poeta foi dominado pelo anseio amoroso que se desdobrou em líricas maravilhosas; na idade madura foi dominado pela ação e pela reação do meio social, que nele provocou as grandes cóleras revolucionárias, de onde brotou a sua poesia de combate; na velhice foi dominado pelo anseio divino, pelo espírito religioso, que produziu a sua poesia mística. (*O Paiz*, n. 12290, 04/06/1918, p. 9).

O final da nota lembra que no dia 6 de junho de 1918, na Universidade Livre, haveria uma sessão magna em homenagem ao poeta presidida pelo Dr. Magalhães Lima. Lembrava também que a “colônia portuguesa conhece pouco Gomes Leal”.

O jornal *Diário de Pernambuco* republicou, na edição de n. 160, em 25 de setembro de 1919, uma notícia do português *O Século* sobre Gomes Leal. O informativo comentava um momento difícil da vida do autor “que anda aos trambolhões pelas ruas da capital portuguesa e dormindo ao relento nos bancos do Rossio”. Pobre, sem família, o poeta estava passando por severas dificuldades financeiras até ser encontrado por Maria O’Neill e acolhido por Ladislau Batalha em sua casa, como descrevemos no capítulo anterior. O poeta era, como se vê, no final da vida, ainda marcado pela publicação de *Claridades do Sul*. Esse livro, de cariz múltiplo, de feição moderna, impactou os leitores portugueses e brasileiros.

Apresentamos, ao longo deste capítulo, que a obra *Claridades do Sul* foi sem dúvida a principal publicação de Gomes Leal, sem desmerecer nenhuma de suas obras, que, obviamente, possuem uma indiscutível qualidade. Mas, dentre vários pontos que nos chamam atenção acerca dessa obra, podemos ressaltar dois deles visando concluir nossas observações.

Gomes Leal publicou poemas, panfletos e livros durante mais de 50 anos. Desde a data do lançamento de *Claridades* até a sua morte, foram mais de 45 anos e, como pudemos

comprovar através deste capítulo, que aborda de uma maneira prioritária a imprensa periódica brasileira, ele foi sempre lembrado como o valente poeta das *Claridades do Sul*. Uma obra que, de tão forte e marcante, tornou-se a referência quando se pensava no poeta, em seu tempo e atualmente, o que justificou a pesquisa por sua recepção no Brasil para este trabalho.

Assim, ao lermos e confrontarmos as observações dos leitores e críticos do século XIX com os contemporâneos, podemos afirmar que *Claridades do Sul* reuniu previamente todas as principais vertentes literárias que apareceriam nas futuras obras do poeta. Desde 1875, a variedade literária de Gomes Leal estava reunida e antecipada. Assim, é possível pensarmos que a leitura que fizemos em suas primeiras manifestações literárias ganharam corpo e se tornaram mais completas à medida que o poeta intensifica sua veia criativa, ficando “claro para o leitor que a primeira publicação de *Claridades do Sul*, além de ter a sua individualidade literária, funciona também, como obra-índice de todo o processo de criação que estava no devir” (Simões, 1986, p. 46-47).

Desse modo, tivemos com *Claridades do Sul* a primeira grande obra de novidades em literatura portuguesa, em que identificamos elementos de uma modernidade que será explorada pelos autores posteriormente. Ao observarmos esses elementos da modernidade de Gomes Leal, tentamos identificar o que o leitor do século XIX considerava moderno e quais foram esses aspectos apontados por eles nas colunas dos jornais brasileiros, esse, que será o tema que desenvolveremos no nosso próximo capítulo.

3 AS MODERNIDADES NA OBRA DE GOMES LEAL

Assim ele vai, corre, procura. O que? Certamente esse homem, tal como o descrevi, esse solitário dotado de uma imaginação ativa, sempre viajando através do grande deserto de homens, tem um objetivo mais elevado do que o de um simples *flanêur*, um objetivo mais geral, diverso do prazer efêmero da circunstância. Ele busca esse algo, ao qual se permitirá chamar de Modernidade; pois não me ocorre melhor palavra para exprimir a ideia em questão. Trata-se, para ele, de tirar da moda o que esta pode conter de poético no histórico, de extrair o eterno do transitório. (Baudelaire, 2007, p. 25).

O trecho retirado da obra de Charles Baudelaire “O pintor da vida moderna” foi colocado aqui como uma inspiração do que seria Gomes Leal na modernidade portuguesa do século XIX. Ele foi um autor que, como já mencionamos, antecipou algumas experiências da estética literária da modernidade e levou seu leitor a vivenciar algo novo. Mas o que seria a novidade na poética? Gomes Leal, assim como o pintor retratado por Baudelaire, buscava na vida nova que despertava no século XIX as sensações que a modernidade poderia proporcionar, desde os sentidos novos, manifestações até então quase desconhecidas como barulhos e cheiros até a troca com diferentes pessoas que se aglomeravam nos centros urbanos, ávidas por novidades.

Essas novidades encontradas nesse período acabavam se tornando experiências transitórias pela modernidade ser assim, efêmera. Ela está sempre em constante mudança e, a cada nova fase da vida do poeta, podemos perceber que ele também foi um poeta que buscou capturar o transitório. No final do capítulo anterior trouxemos uma homenagem recebida pelo autor ao completar seus 70 anos. Ali, o colunista divide momentos da história do poeta: o poeta lírico, revolucionário, místico. Esse é Gomes Leal, que viveu intensamente cada uma das fases de sua vida sem ficar preso a nenhuma delas. Assim como a roda da história girava, o poeta girava junto e sua obra caminhava para tornar-se exemplo de algo até então não conhecido na moderna história da literatura portuguesa. Analisaremos neste capítulo alguns dos aspectos apontados por leitores do século XIX que percebiam na poética de Gomes Leal algo novo, inesperado, moderno.

“Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade”. Esse é o título de um importante estudo de Marshal Berman (1940-2013) a respeito da modernidade, sobretudo as cidades, a partir de uma frase de Karl Marx. Se pensarmos o motivo pelo qual o autor diz que o sólido se desmancha e utilizarmos essa metáfora para tratar do tema da modernidade, poderíamos compreender o quanto ela seria breve, curta, efêmera, desmanchando o que

parecia estável. Com o advento do capitalismo, a separação de classes sociais ficou cada vez mais forte e aparente, além do surgimento de outras classes. O período da modernidade a que nos referimos coincide com o fim do Antigo Regime e dos antigos modos de produção, com a Revolução Industrial e a Revolução Francesa (1789). Esta revolução foi um marco na história recente, porque inaugurou um processo que levou à universalização dos direitos sociais e das liberdades individuais a partir da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. Também abriu caminho para a consolidação de um sistema republicano pautado pela representatividade popular, hoje chamado de democracia representativa. A Revolução Francesa só foi possível graças à popularização dos ideais iluministas, intensamente difundidos ao longo do século XVIII.

Mas, passado o período mais crítico da Revolução Francesa, podemos perceber que, em diversas localidades, foi mantido o *status* social ao qual a maioria estava acostumada e que consistia no pobre na base da pirâmide, assim como os mais ricos e nobres ocupando o topo. As revoluções burguesas propiciaram grandes mudanças sociais, sendo que algumas delas ainda não eram sentidas como benefícios para os menos favorecidos. Foi nesse período que houve o fortalecimento da classe social da modernidade, a burguesia, que acumulava riquezas e ganhava poder político e cultural.

Assim, tivemos a burguesia e a revolução industrial com suas inovações e seu controle de horários, o surgimento de uma nova classe de trabalhadores para um novo estilo de trabalho desenvolvido a partir da revolução industrial. Surgiu dessa forma o proletariado, e tudo o que era sólido se desmanchou na sociedade europeia com o advento das transformações que a modernidade industrial capitalista trouxe aos séculos XVIII, XIX e início do XX.

A sociedade passou a conviver com a velocidade, intimamente ligada ao tempo e ao espaço do homem moderno. Seu olhar sobre a vida diária ampliava-se à medida que seu conhecimento se tornava cada vez maior. O homem moderno teve que aprender a lidar com as novas relações de trabalho, com as cidades em constante transformação para acomodar as novas invenções, coisas tão banais para os dias de hoje, como iluminação, calçamento, além das lojas e galerias que despertaram no indivíduo o desejo de ter. Tiveram também as distâncias encurtadas através das locomotivas e propiciaram não apenas um intercâmbio de mercadorias, mas de pessoas e ideias. Essa talvez tenha sido uma das revoluções modernas que trouxeram maior significação para o dia a dia da população, uma vez que o tempo de deslocamento diminuiu de forma drástica entre as principais cidades europeias.

Com este capítulo, não pretendemos problematizar as questões da modernidade, mas sim trazer à luz o que os leitores do século XIX percebiam sobre a modernidade. Ao longo do nosso estudo sobre Gomes Leal, percebemos que o autor foi alçado ao posto de um escritor moderno, assim, tentamos identificar através de suas obras e conjugando com o que a crítica da época sublinhava, quais seriam essas expressões encontradas na obra do nosso autor português.

3.1 Vida urbana

Para isso, não podemos deixar de comentar as transformações ocorridas nos grandes centros. Por isso, introduzimos o capítulo com o estudo de Berman sobre a aventura da modernidade. As cidades foram, sem dúvida, a maior expressão desse período e, para refletir sobre essa mudança de perspectiva, seguimos a visão analítica da cidade seguida pelas professoras Carmem Negreiros, Fátima Oliveira e Rosa Gens:

Trata-se de problematizar a cidade como centro de rico intercâmbio cultural e intelectual, na alta rotatividade de pessoas em lojas, cafés, galerias, museus, teatros, becos e avenidas. A cidade aqui pensada não é realidade objetiva ou espaço alternativo. A cidade é poética e antipoética, real e irreal, intensa e tediosa, metáfora dos múltiplos fragmentos culturais dispersos e moventes, eixo de novas experiências temporais que marcam a sensibilidade moderna do final do século XIX e início do XX. (Gens, Negreiros, Oliveira, 2019, p. 8).

Refletimos sobre o que seria experienciar essa cidade, a “experiência urbana”. Sabe-se que o moderno é a expressão utilizada para marcar o que remete à novidade, mas o novo não causa apenas excitação e alegria, causou também estranhamento, solidão. Para os moradores de cidades que sofreram com o crescimento causado por um êxodo de trabalhadores e operários em busca de empregos nas fábricas, algumas palavras passaram a fazer parte de seus vocabulários, como, por exemplo, multidão. Uma multidão invadia as grandes cidades e os moradores não se reconheciam mais nos seus vizinhos e nos comércios locais. Um sentimento de solidão e de despertamento local tomaram conta das metrópoles e, se por um lado, os que já lá moravam não estavam reconhecendo sua antiga cidade, os novos moradores tinham que se adaptar a uma vida de pobreza e miséria, sem o devido acolhimento.

O poeta Gomes Leal, de características cosmopolitas e boêmias, construiu imagens urbanas em seus poemas, vivenciando a cidade também por meio de sua poética. Levou seus

leitores, através de uma experiência sensorial, para conhecer a cidade, ao passo que ia descrevendo alguns dos pontos de sua observação. Como falamos no capítulo inicial, Gomes Leal viveu intensamente a experiência urbana. Assim como boa parte das capitais europeias, Lisboa vivia um grande momento de reformas urbanas, mesmo que de forma mais lenta e modesta. Desde os anos 1840 já havia iluminação a gás em alguns pontos e projetos de saneamento básico, abastecimento de água para as residências e melhorias nos sistemas de transporte que passaram a fazer parte da vida dos moradores mais abastados. Porém, sem deixar de notar que essas melhorias não chegavam a todos, o poeta escrevia sobre uma cidade cheia de contradições. Em “Lisboa”, também presente em *Claridades do Sul*, o poeta chama atenção para as incoerências da cidade que desponta no segundo quartel do século XIX como viciosa e adversa ao pensamento.

Podemos identificar que a temática urbana é fortemente atrelada à questão social na abordagem realizada pelo Gomes Leal. Percebemos uma visão multifacetada e contrastante da cidade de Lisboa, essa que ora é garrida, graciosa, ora é beata. Nessa adjetivação podemos perceber que, para o poeta, a cidade era dúbia, ambígua e em constante oposição.

Transcrevemos para melhor análise o poema “Lisboa” que contém como epígrafe “cette ville est au bord de l’eau; on dit qu’elle est batie em marbre...”, trecho retirado por Gomes Leal da obra *Le Spleen de Paris*, publicado postumamente em 1869 de autoria de Chales Baudelaire.

Lisboa

Decerto, capital alguma do Ocidente
Tem mais afável sol, ou um céu mais clemente,
Mais colinas azuis, rio d’águas mais mansas,
Mais tristes procissões, mais pálidas crianças,
Mais igrejas e cães – e vargens onde a esteira
Seja em tardes d’estio a flor da laranjeira!

A Cidade é garrida e esbelta de manhã! –
É mais alegre então, mais límpida, mais sã.
Com certo ar virginal ostenta suas graças...
Há vida, confusão, murmúrios pelas praças.
– E, às vezes, em roupão, uma violeta bela
Vem regar o *craveiro* e assoma na janela.

A Cidade é beata – e, às lucidas estrelas,
O Vício à noute, sai aos becos e às ruelas
Sorrindo, a perseguir burgueses e estrangeiros...
E à triste e dúbia luz dos baços candeeiros,
– Em bairros imorais, onde se dão facadas –
Corre às vezes o sangue e o vinho nas calçadas!

As mulheres são gentis. – Umas altas, morenas,

Graves, sentimentais, amigas de novenas,
 Ébrias de devoções, releem as suas *Horas*.
 – Outras fortes, viris, os olhos cor d'amoras,
 Os lábios sensuais, cabelos bons, compridos,
 – Às vezes, por enfado, enganam os maridos!

Os burgueses banais são gordos, chãos, contentes,
 Amantes de Cupido, egoístas, indolentes,
 Graves nas procissões, nas festas e nos lutos.
 Bastante sensuais, bastante dissolutos,
 Mas humildes cristãos!... e, em místicos momentos,
 – Tendo, ainda, cruéis saudades dos conventos!

Viciosa ela se apraz num sono vegetal,
 Adversa ao Pensamento e contrária ao Ideal.
 – Mas, mau grado assim ser viciosa, egoísta, à lua,
 Como Nero também, dá concertos na rua.
 E, em noites de verão, quando o luar consola,
 – Põe ao peito a guitarra e a lírica viola.

No entanto a sua vida é quase intermitente.
 Chafurda na inação, feliz, gorda, contente.
 E, eclipsando as ações dos seus navegadores,
 Abrilhanta a *batota* e as *casas dos penhores*.
 Faz guerra à Vida, à Ação, ao Ideal!... e ao cabo
 – É talvez a melhor amiga do Diabo! (Leal, 1998, p. 116 e 117).

Para Gomes Leal, a cidade é múltipla, com adjetivos que fazem oposição, afinal, uma cidade que é beata, é detentora das bem-aventuranças, não podendo ser ao mesmo tempo, viciosa, cheia de vícios. O poema abre valorizando a capital portuguesa por seus aspectos naturais, que logo entram em contraste com a tristeza e a palidez das crianças, que não combinaria com a claridade do Sul que graça sobre ela. A Lisboa do poeta reflete a experiência urbana, de uma cidade em que aparecem as contradições e desigualdades. Aqui, temos um sujeito poético que observa e reflete sobre a disposição de homens e mulheres no espaço urbano.

O poeta observa a multidão que, confusa, transita pelas praças, ruas e vielas. Esse observador da multidão consegue enxergar uma janela, onde vê uma “violeta bela” em trajés íntimos. Essa cidade pintada pelo poeta pode ter um certo ar virginal, tal qual a violeta bela, que, ao se debruçar na janela para regar o craveiro, ganha a atenção e o olhar erotizado do poeta. Nesses versos, Gomes Leal ressalta o erotismo da cena ao apresentar a palavra craveiro em *itálico*, sinalizando que esse craveiro poderia ser um homem que estava esperando a jovem que vinha à janela, associando cada flor a um gênero. A imagem misturada à multidão da praça torna-se imperceptível para os olhares, menos para o poeta.

“A cidade é beata”. Logo após os versos com sugestão de um erotismo, Gomes Leal vem trazer ao poema a ideia de que a cidade, que é religiosa, ou que exagera nas demonstrações exteriores de sua fé e virtudes; à noite, se deixa levar pelo vício que passeia

livremente pelas ruas e becos “sorrindo, a perseguir burgueses e estrangeiros...”. O vício, como mal urbano, caminha com alguns dos habitantes da Lisboa “à triste dúbia luz dos candeeiros”. Podemos perceber aqui, que o poeta trouxe para sua obra alguns dos sinais da modernidade, como a luz dos candeeiros pelas ruas, sendo essa uma das mais expressivas indicações de que as cidades estavam se desenvolvendo e crescendo.

Outro ponto que o poeta revela é a violência das cidades. Há bairros que ele classifica como imorais, porém, podemos identificá-los também como pobres. Nesses locais, “onde se dão facadas/corre às vezes o sangue e o vinho nas calçadas”. Encontramos nesses versos uma alusão ao sacrifício de Jesus no momento da transubstanciação na missa, onde vinho vira sangue, no poema o sangue se mistura ao vinho e escorre pelas calçadas. Essa cidade que é beata e que se rende aos vícios, observa o sangue e o vinho serem derramados. Mais uma vez, o caráter beato se transforma em vicioso, uma vez que o vinho e o sangue não são mais o de Cristo, mas representam a boemia e a violência da vida noturna.

A quarta estrofe do poema “Lisboa” inicia falando das mulheres, indicando serem gentis e “amigas das novenas”. Dividem-se aqui entre os momentos de devoção e a sensualidade, porém, não podemos deixar de notar a referência feita pelo poeta às outras mulheres que são “fortes, viris”. A virilidade é uma característica em geral atribuída aos homens e à masculinidade. O olhar atento e quase caleidoscópico de Gomes Leal não deixou escapar que, além das beatas, existiam também as mulheres viris, representando a força portuguesa, como as “varinas” do poema de seu contemporâneo Cesário Verde. O poeta finaliza a estrofe com a expressão “enganam os maridos”, em contraste mais uma vez com a ideia de “devoção”. Ao iniciar a estrofe seguinte comentando os burgueses, sugere que os maridos traídos seriam os devassos burgueses que também são “gordos, chãos, contentes/egoístas, indolentes”. Porém, assim como as mulheres, “amigas das novenas”, apresentam a sua religiosidade através da presença firme nas procissões. São bastante sensuais, como as mulheres, mas tornam-se humildes cristãos nos momentos místicos. Logo, essa sequência de imagens reforça a crítica de Gomes Leal ao mundo de aparências da capital portuguesa.

Nas duas últimas estrofes vemos que o poeta usa da estratégia da personificação da cidade de Lisboa de forma mais direta, uma vez que é a própria cidade que cheia de vícios e adversa ao “Pensamento”. Nesse verso, notamos a grafia da palavra pensamento com a letra maiúscula, o que nos dá a ideia de um pensamento moderno, as novas ideias que vinham de centros importantes europeus, mas que, para ele, pareciam não se integrar a Portugal – uma crítica comum a outros autores da Geração de 70. A cidade rejeita a vida, a ação, o ideal. Ao

mesmo tempo, essa mesma cidade, comparada a Nero, imperador romano responsável por incendiar Roma, dá concertos na rua. É uma cidade boêmia, com o fado representado na guitarra e na lírica viola. A arte, o lirismo, a música, continuam vivos, apesar de não seguirem as transformações filosóficas e científicas.

Há de se lembrar que Portugal foi um dos países que participaram da corrida das grandes navegações, o que impulsionou o comércio nos séculos XV e XVI. Assim, a referência *casa de penhores* pode ser compreendida como uma cidade que está falida e que penhora seus bens para manter a aparência de “feliz, gorda, contente”. Enquanto outros países se desenvolviam, Gomes Leal via em Lisboa, metonímia para Portugal, a falência financeira, de modo que luxo e riqueza não passavam de aparência.

Quando lemos e analisamos os poemas de Gomes Leal, em especial, “Lisboa”, nos deparamos com um dos principais temas do século XIX, a cidade, que aqui está longe de ser uma metrópole urbana organizada, uma cidade moderna. Embora características de uma modernidade citadina sejam captadas pelo olhar do autor, é notório percebermos haver na multiplicidade de imagens, que compõe o tecido urbano, o domínio de uma visão burguesa e capitalista, trazendo a proliferação da violência e de segregação.

Partindo da ideia inicial de cidade como um dos temas expoentes da modernidade, atribuímos ao poeta alguns dos elementos que são característicos dos autores modernos. Seu “olhar caleidoscópico”²¹ lançado sobre uma cidade em movimento e em constante transformação. Nota-se, em sua obra, a experiência da vida do poeta que nasceu, viveu e morreu na cidade de Ulisses.

Gomes Leal é apontado como um dos precursores da modernidade poética em Portugal e, quando acompanhamos, no segundo capítulo desta dissertação, a recepção em seu tempo, percebemos que muitos dos leitores, já no século XIX, estavam em consonância com as mudanças que aconteciam na arte, principalmente na literatura. Poderíamos enumerar aqui diferentes estilos literários que estavam em voga no período e que fizeram parte da escrita de variados autores e, já falamos também, que Gomes Leal absorvia e negava seguir essas nuances.

²¹ O caleidoscópio é uma espécie de luneta lentes de vidro. Essas lentes captam as imagens refletindo uma combinação de imagens. Para Walter Benjamin é a representação de uma estrutura que está em constante mudança, sendo “configurações visuais sempre ‘intermitentes’ [...] encontram-se mais uma vez o duplo regime da imagem, da polirritmia do tempo, a fecundidade dialética”. O olhar do poeta do século XIX, que via a cidade em transformação, via também de forma caleidoscópica, em constante montagem e desmontagem. (Hubermam, 2015, p.143)

3.2 Questões sociais

Iniciamos este capítulo abordando um dos temas mais recorrentes da modernidade: as cidades. A partir de agora, faremos uma análise partindo de alguns dos pontos para os quais críticos do século XIX chamaram a atenção quando comentavam os poemas de Gomes Leal. Começaremos com a crítica elaborada no periódico *Brasil Americano* pelo colunista Mello Moraes Filho, vista no capítulo anterior.

A crítica inicial se dá em torno do que chamou de uma “moléstia”, o que equivaleria quase a uma praga, uma doença se infiltrando no lirismo. Essa doença seria a temática socialista ou revolucionária, uma das marcas de Gomes Leal. Moraes aponta que tal doença estaria fazendo com que os poetas deixassem de lado os poemas que encantavam os corações apaixonados.

Segundo Hess, esses poemas, inspirados por Victor Hugo (1802 – 1885), chegaram a Portugal por volta de 1864 com “Ermelinda”, de Antero de Quental. Esse poema apresenta uma prostituta que, sendo pecadora pela sua ocupação, não merece o desprezo, pois a miséria a teria arrastado para essa vida, demonstrando que ela seria uma vítima do que uma sociedade egoísta poderia fazer. Esse poema foi considerado um dos primeiros exemplos do “realismo poético” (Hess, 1983, p.57), que teria sido muito desenvolvido por Gomes Leal. Transcrevemos aqui um dos trechos em que Moraes questiona os “escritores socialistas”:

Abundam os escritores socialistas, que debatem em tese a questão; há, porém, sensível escassez dos especialistas que trabalhem pela aldeia por saberem estar aí o alicerce do estado.

Estas reflexões desprezíveis, sugeridas mesmo pelas palavras do Sr. Gomes Leal, tem cabal fundamento no confronto que o espírito involuntariamente estabelece entre as poesias líricas e as filosóficas, que se leem na obra. (*Brasil Americano*, n. 01, 11 dez. 1875, p. 4).

Gomes Leal, assim como Cesário Verde, Guerra Junqueiro e Guilherme de Azevedo, apreenderam de forma muito particular as transições que aconteciam no século XIX, tanto no ambiente social, como no artístico. Assim, a captação que esses artistas tiveram de uma sociedade, percebida como doente, foi retratada intensamente nos seus poemas. Gomes Leal, como percebido por Moraes, fez de sua arte uma forma de protesto também.

Podemos buscar mais um exemplo de um poema em que Gomes Leal transforma a apreensão da sociedade em arte. Trata-se do poema “A lady”. Para melhor compreensão, transcrevemos abaixo na íntegra:

A lady

Aquela que me tem, agora, presa
 Minha alma, meus sentidos, meus cuidados...
 E me faz sonhar sonhos desmanchados,
 É uma altiva e olímpica inglesa.

Nunca tipo ideal de mais pureza
 Vi nos góticos quadros mais prezados.
 Seus doces olhos castos e velados
 Têm um ar, infinito, de tristeza.

Tem uns gestos de deusa que caminha,
 Fronte grega, e um ar grande de Rainha,
 E umas mãos, como as ladies de Van Dick...

Segue-a sempre um laçao, e tristemente,
 É por ela que eu morro, lentamente...
 E ponho no bigode *cosmétique*. (Leal, 1998, p. 277).

O poema “A lady” aparece na sessão “Humorismos” e nos mostra, em um primeiro momento, um sujeito poético que está admirando uma mulher que não pode ser alcançada, relembrando aqui a tradição das cantigas medievais. A mulher, altiva, casta e pura, tem uns gestos de deusa. O poeta expressa aqui a posição de laçao, aquele que serve a uma dama que é inatingível, como recuperando a tradição medieval do trovador que servia a “sua senhor”. A comparação feita com as “ladies de Van Dick” nos remete ao pintor nascido na Antuérpia, Antoon van Dyck (1599 – 1641) que costumava retratar damas da aristocracia.

Trata-se de um soneto sobre um sujeito apaixonado por uma dama inglesa, com um amor que não pode ser consumado. No entanto, Gomes Leal apresenta uma quebra na expectativa. O que, em princípio, levaria ao fim de forma melancólica, a coita amorosa, uma vez que ele morre por ela, termina com verso jocoso, em que, ao morrer pela amada, coloca cosméticos no bigode. Fazendo apenas uma leitura inicial, essa seria a grande novidade trazida por Gomes Leal para a literatura portuguesa, a quebra da expectativa do poema que transita de uma forma lírica para a satírica, como vimos apontando. Esse aspecto foi considerado por críticos e leitores à época como algo “estranho”, característica inerente à figura do poeta. Trazer a ironia, a sátira e os versos jocosos a poemas que deveriam obedecer à tradição lírica foi considerado de extremo mau gosto para os padrões literários do século XIX. Gomes Leal fazia, aqui, uma releitura da tradição, das cantigas medievais, mas, ao mesmo tempo, rompia com essa tradição.

Essa seria uma primeira leitura acerca do poema, porém, como Gomes Leal questionava, principalmente, a forma com que a política era conduzida, podemos ampliar a

análise ao perceber que o autor questiona a política e a forma com que os governantes lidam com os problemas da sociedade. O poeta tornou-se um dos principais escritores favoráveis à causa republicana; suas publicações de protesto e combate ganharam notoriedade no século XIX. Assim, o poeta buscava por poemas em que misturava o real e o irreal, inserindo mais um recurso com ares de modernidade na literatura portuguesa.

Se fizermos uma breve contextualização histórica, ao observarmos o poema, “A lady” pode ser lida como uma forma de referir à Inglaterra, país que possui tratados de amizade com Portugal dos mais antigos do mundo, porém, esses tratados foram questionados em diferentes momentos da história portuguesa como sendo mais benéficos para a coroa britânica. Além disso, a Inglaterra era uma potência imperial no XIX, enquanto Portugal ainda tentava se recuperar da independência do Brasil.

No poema, ao interpretarmos a lady como a Inglaterra, percebemos que o poeta colocava o lacaio na posição dos portugueses, historicamente subalternos aos ingleses, que “sonhavam sonhos desmanchados”, sonhos portugueses desfeitos em forma de tratados desproporcionais. Lembramos ainda: quem ocupava o trono inglês era a Rainha Vitória (1819 – 1901), responsável pelo maior período em que um monarca inglês esteve à frente do império britânico, de 1837 a 1901. A grande Rainha, mencionada por Gomes Leal, bem poderia ser uma referência à figura da rainha inglesa.

Ainda na interpretação do poema, já que temos uma grande lady, uma grande rainha, o povo seria o lacaio, e, no caso aqui, o povo português, colocado em segundo plano pelos seus próprios governantes; por ela, a Inglaterra, rastejava e morria lentamente. Pode ser também, uma série de povos dominados pela potência britânica. O último verso, que expressa uma quebra na expectativa do leitor, aqui ganha também uma segunda interpretação. Retomando a ideia de modernidade com que estamos analisando as obras de Gomes Leal, o “comestique” seria um sinal da própria modernidade. O termo, expresso em francês, seria uma forma de demonstrar que o moderno era a expressão da sociedade francesa, por exemplo. Já que o poeta usava a lady como exemplo, seria mais coerente, afinal, que a expressão final aparecesse na língua inglesa, porém, além de toda a quebra, que vai desde a tradição até a expectativa de um amor sofrido, aparece dessa vez por uma palavra francesa.

Podemos destacar acerca do poema “A lady” mais um aspecto pelo qual o poeta é lembrado, a sátira. Gomes Leal tinha consciência do seu papel social e se colocava como “a voz do humilde e desses maltrapilhos” (Leal, 200, p.386). Assim, podemos também compreender a lady como a própria modernidade capitalista industrial, de quem todos seriam lacaios. Não à toa a opção por uma inglesa, pelo poderio industrial e comercial. Além disso, a

opção pelo cosmético, indica uma outra forma de sujeição na sociedade da expansão capitalista, a moda. O poeta indaga uma sociedade injusta e desigual de modo poético, porém, para marcar a sua posição e expressar seu descontentamento com as injustiças, se utiliza de recursos próprios da literatura, como no verso que expressa a atitude do lacaio, usar “comestique” nos bigodes. É a “técnica das transições bruscas, antitéticas que se notam às vezes, depois das passagens mais líricas” (Leal, 2000, p. 397), sendo esse o procedimento que hoje chamamos de quebra de expectativa como muito próprio da sátira. Gomes Leal declara que a sátira é a forma de “ferir a imaginativa por meio de contrastes, de antíteses, de arestas e até mesmo dos efeitos cáusticos da caricatura” (Leal, 2000, p. 398).

É com versos que expressam a sátira e com versos jocosos que o poeta denuncia contundentemente a corrupção, a hipocrisia, o egoísmo e as injustiças sofridas pelos que não recebem dos reis e governantes a mesma atenção. É para dar voz aos que são jogados em fábricas e devem estar sempre prontos para, ao soar o sinal, iniciarem sua jornada laborativa sem questionar, sem reclamar de direitos, apenas cumprindo seu papel de operário, que Gomes Leal publica seus poemas políticos.

O poeta satírico, jocosos, é também um renomado poeta da lírica portuguesa. Esse é, inclusive, um dos pontos de maior divergência entre seus críticos que não se cansam de afirmar que, enquanto o poeta dedicava sua inspiração para os belos versos, esse seria sem dúvida uma das maiores expressões líricas do século XIX.

3.3 Além do real

Retomando aqui, a crítica que observou o lirismo de Gomes Leal, analisaremos agora o que registrou o médico português, Bittencout Rodrigues. Esse, que além de médico e apreciador da literatura, também era amigo de Gomes Leal. A análise foi feita sobre o poema “Um visionário ou Som e Cor”, com dedicatória ao poeta Eça de Queirós.

O poema é repleto de fantasias com imaginações criativas. O mundo extraordinário e sensitivo se expressa em cada um dos versos. Para Hess, “Gomes Leal reuniu as características do poeta que se entrega à fantasia. Ele transforma as coisas em algo de misterioso, que ganha vida própria em paisagens desoladas, melodias nervosas” (Hess, 1983, p. 189-190). Explorando as fantasias, conjugadas com sinestesias, Gomes Leal busca

inspiração no sol, para que o astro-rei, com seu brilho mais reluzente, desse asas às mais místicas fantasias.

O exemplo citado por Dr. Bittencourt, “Um visionário ou Som e Cor”, é uma série de quatro poemas que reflete uma irracionalidade de sentimentos e variedade de sensações. Percebemos com esse poema que o autor trabalha com o uso das imagens para sugerir os estados da alma. Encontramos uma clara alusão ao “Correspondance”, de Baudelaire, que trouxe as feições transcendental e humana para a poética do século XIX.

O primeiro verso do poema nos indica que o eu lírico se expressa como um visionário, ou seja, um idealista, um fantasista, que acredita em ideais. Porém, esse mesmo visionário passa a vida a fazer e desfazer quimeras, a criar e destruir sonhos, monstros, fantasias e ficções. Enquanto o eu lírico faz e desfaz os mundos imaginários, Deus faz as verdes primaveras.

Percebemos que, no mesmo poema, Gomes Leal mescla elementos de sua tradição cristã com vertentes materialistas, como o verso “a espada da teoria, o austero Pensamento / não matou em mim o antigo testamento”. Esse poeta idealista continua ligado ao pensamento cristão, bem como aos elementos da natureza. Seriam esses sinais de Deus?

Ainda encontramos esses sinais religiosos expressos no segundo poema que diz: “ah, eu vejo Jesus no coração das rosas / e o lírio é para mim a hóstia onde está Deus”. Aqui fica claro o misticismo de Gomes Leal, que por vezes entra em choque com o poeta combativo dos panfletos republicanos e dos poemas que atacavam reis e rainhas. Contudo, por ser de caráter paganista, acaba por reforçar seu perfil anticlericalista contrário à Igreja Católica.

Passamos agora para o terceiro poema de “O visionário”, sobre o qual encontramos a maioria das análises de Bittencout Rodrigues. Podemos perceber que o poeta se utilizou, nesse trecho, de imagens com cores que remetem ao sentido da audição, transformando-se em uma abundância de atitudes sensoriais. Transcrevemos o soneto III para uma melhor análise.

Parte III

O vermelho deve ser como
o som duma trombeta...
Um cego

Alucina-me a Cor! – A Rosa é como a Lira,
A Lira pelo tempo há muito engrinaldada,
E é já velha a união, a núpcia sagrada,
Entre a cor que nos prende e a nota que suspira.

Se a terra, às vezes, brota a flor que não inspira,
A teatral camélia, a branca enfastiada,
Muitas vezes, no ar, perpassa a nota alada

Como a perdida cor dalguma flor que expira...

Há plantas ideais dum cântico divino,
Irmãs do Oboé, gêmeas do violino,
Há gemidos no azul, gritos no carmesim...

A magnólia é uma harpa etérea e perfumada.
E o cacto, a larga flor, vermelha, ensanguentada,
– Tem notas marciais, soa como um clarim. (Leal, 1998, p. 150).

É nesse poema que encontramos alguns dos principais elementos da sinestesia expressa na análise de Bittencourt. Versos que exprimem som e cor, uma mistura que permanece nos versos seguintes, quando o eu lírico apresenta-se incapaz de retratar o real com os sentidos humanos ao afirmar que “como hei de pintar igual e semelhante / se não há som e cor em toda a natureza / eleva como a cor, soa como a beleza”.

A modernidade expressa na obra de Gomes Leal com a publicação de *Claridades do Sul* em 1875 foi sentida pela crítica e por aqueles que leram suas obras. A recepção de suas obras contrastantes, repletas de sinestésias, uma das figuras de linguagem mais apreciadas pelo autor, dava ao leitor do século XIX elementos de uma modernidade estética finissecular.

3.4 Despersonalização

O poema “Soneto de um poeta morto” apareceu na imprensa brasileira em 1891 na *Gazeta da Tarde*, periódico da capital federal. Esse poema pode ser entendido como mais um exemplo de como a obra do poeta causava estranhamento. Seguiremos com a transcrição do poema:

Soneto dum poeta morto

Achado nos seus papéis

Bem sei que hei-de morrer cedo e cansado,
Alguma cousa triste em mim o diz...
E vagarei no mundo, desterrado,
Como o Dante, chorando a Beatriz.

Pelos reinos, irei talvez curvado,
Como um proscrito príncipe infeliz,
Ou como o índio pálido e exilado,
Chorando o vivo azul do país.

Mas no entanto, ah! ninguém, ao Sol divino,
Abrasou mais as asas, derretidas
Ante as duras, ferozes multidões.

E ninguém teve a torre d'ouro fino,
Aonde, quais princesas perseguidas,
Morreram minhas doidas ilusões! (Leal, 1998, p. 81).

Analisando o poema, entendemos o jogo sobre a autoria, como se tivesse sido escrito por alguém que já morreu. O que nos demonstra essa certeza vem da expressão “achado nos seus papeis”, além do título. O soneto, escrito pelo poeta morto, foi achado, encontrado por alguém, e, possivelmente, publicado. Percebemos aqui que Gomes Leal, ao compor esse poema, está usando uma das mais características ideias do modernismo, as estratégias de despersonalização, que começavam a se desenvolver em alguns poetas portugueses finiseculares de modos diversos, como Cesário Verde, Antero de Quental e António Nobre. Gomes Leal demonstra simplesmente transcrever o poema de outra pessoa, ou seja, dum poeta morto. E como Gomes Leal mesclava na sua poética os diferentes estilos, temos no artifício do manuscrito encontrado uma das estratégias do romantismo.

A primeira estrofe chama a atenção para a ideia de que o tal poeta, ao compor o poema, já sabia que morreria cedo. E a sua morte seria uma condenação a viver exilado no mundo. O último verso refere-se a Dante e Beatriz. Dante, o autor de *A divina comédia* (1472), apaixonou-se pela jovem Beatriz, porém, como ela morreu muito cedo, ele foi condenado a viver a vida sem a sua presença, ou seja, tornou-se um exilado em um mundo no qual não existia Beatriz.

Partindo dessa ideia de degredo, um tema bem comum ao romantismo, a segunda estrofe nos apresenta mais alguns elementos que confirmam a ideia de exílio que o poeta imprimiu ao poema. O príncipe proscrito, ou seja, exilado de seu reino, e o índio “pálido e exilado”. As representações poéticas apresentadas até aqui por Gomes Leal são figuras que tiveram pelo exílio que abandonar o que lhes eram caros. O poeta, a vida; Dante, Beatriz; o príncipe e o índio, a sua terra.

A terceira estrofe se inicia com uma expressão adversativa. A ideia presente na terceira e na quarta estrofe, que parte dessa ideia adversativa, é a de que, mesmo exilado, nenhum outro poeta diante do “Sol divino / abrasou mais as asas, derretidas / ante as duras, ferozes multidões”, referindo-se ao mito de Ícaro, como se soubesse que não seria bem recebido pelo público que procurava inspirar com seus versos revolucionários. O poeta morto apresentava seus poemas ferozmente, diante da multidão, sem se preocupar se suas asas seriam derretidas, ou seja, sem se preocupar se seus poemas seriam aceitos e compreendidos pela multidão. Nenhum outro poeta teve também a “torre d'ouro fino”, alusão aqui ao simbolismo, que teve em suas obras princesas perseguidas que morreram em doidas ilusões.

Dedicatória dum livro

A Ti, a quem eu sempre, em meus idílios
 Sublimo, em frases ternas,
 Te dedico, eu, vergonha dos Virgílios!
 Estas rimas modernas.

Para que, minha fama, inda hoje escura,
 A tua boca espalhe,
 Ao lê-las, no intervalo da leitura
 Das obras de Terrail.

E as guardes na gaveta, onde costumias
 Guardar os teus velinos...
 Entre os frascos, essências, mais as plumas,
 E os novos figurinos.

Que possuam ocupar teus pensamentos
 Meus líricos ensaios!...
 E, ó meu bem! lhes concedas os momentos
 Que dás aos lacaiois.

E vejas quanto em mim é aviltante
 O amor das formas tuas...
 Que me faz baixo, vil, e semelhante,
 Aos hístriões das ruas.

A Ti, que com teu rir sempre me animas
 A sagrar-se em teus motes,
 Dedico eu estas modernas rimas,
 Para os teus ... papelotes. (Leal, 1998, p. 278-279).

O poema “Dedicatória dum livro” faz parte da sessão Humorismos, de *Claridades do Sul*. Nele, encontramos o sujeito poético fazendo uma dedicatória para uma mulher, sua musa e leitora. É importante notar que os seus versos se apresentam humoristicamente como uma vergonha para os poetas clássicos, como no caso Virgílio (70 a.C-19 a.C), autor de Eneida lembrado aqui, provavelmente, por suas *Bucólicas*. Em oposição, o poeta demonstra trazer para a mulher “Estas rimas modernas”, em franca afirmação de originalidade na composição do idílio, apesar de ser um gênero clássico. Afinal, longe de ser um pastor no campo, celebra seus amores e disputa a primazia, do canto e dos amores, no *boudoir*.

A voz poética espera que a mulher seja uma propagadora de seus versos e espalhe em voz alta os poemas que são apresentados. Assume, no entanto, o pouco valor, pois espera que sua leitora possa divulgar sua obra e fama nos intervalos de suas leituras, como as de Ponson du Terrail, autor da novela *As proezas do Rocambole* (1853).

O poeta pede ainda que seu livro seja guardado junto aos objetos íntimos da mulher, numa gaveta, local onde ela guarda os “velinos”—podemos compreender que seriam os papéis

antigos, nos quais ela poderia ter escrito coisas íntimas, ou como referência a outros poemas e outras cartas de amor recebidos por ela. O local onde o livro ficaria seria o exemplo de uma intimidade com essa mulher leitora.

Seus “líricos ensaios” deveriam ficar também nos pensamentos da leitora, ao menos pelo tempo que ela concedia aos seus lacaios, ou seja, aos demais admiradores. Assim, ele demanda recepção, apesar de se sujeitar aos caprichos da leitora. Esta parece não demonstrar para com os poemas apresentados um grande interesse. Assim, o livro se apresenta novamente como rimas modernas, que talvez não fiquem guardadas, sem outra utilidade do que servir de papelotes, em autoderrisão.

Temos nesse poema de Gomes Leal um exemplo de texto metapoético, comentando o gênero, o estilo e a recepção de seus versos. Gomes Leal se valeu dessa estratégia para demonstrar como se fosse uma consciência da poesia, uma consciência do seu fazer poético no século XIX. Além disso, é possível perceber a transfiguração metonímica do autor na obra. A leitora é, como apontamos, também musa, que lhe anima a compor e a amar. Os espaços do *boudoir*, onde o poeta espera que seu livro ganhe destino, são os da intimidade, junto ao corpo, à pele e a seus perfumes. Inclusive, podemos perceber a competição entre ele e os demais adoradores dessa mulher leitora, os lacaios, de modo que o tempo demandado para a leitura dos versos seja, de fato, o tempo para que ela desse atenção a ele, poeta. O papelote, além de ironicamente diminuir o valor de seus versos, faz da recepção do livro algo erotizado, uma vez que as mulheres no século XIX raramente andavam com os cabelos soltos, fazendo apenas no espaço íntimo. Os papelotes ocupavam um espaço íntimo da mulher, seus cabelos, como se os versos, recém-dedicados, fossem o próprio corpo do poeta envolvendo-se nos cabelos da leitora. Assim, a fama que ele espera que essa mulher espalhe não é apenas a de poeta, mas também a de amante.

Entre estratégias de despersonalização transformando-se em sua própria obra que ganha a intimidade e os pensamentos da leitora e a busca de uma ruptura com a tradição, Leal explora, em Portugal, com as suas *Claridades*, uma nova era da literatura portuguesa.

O autor está comentando sobre as suas composições e sobre a impressão que ele julga causar nos leitores. Percebemos que nesse jogo de sensações o poeta se faz presente nos versos através da expectativa de que o leitor (a leitora) aprecie a sua obra.

O poeta antecipou, portanto, o que o modernismo português só colocaria em prática efetivamente em tempos de Fernando Pessoa (1888-1935). Percebemos aqui, no século XIX, em 1875, Gomes Leal utilizar-se da ironia, para informar que o poema publicado em seu livro

não pertence a ele, mas sim a outro poeta, não identificado, como estratégia de despersonalização, o fingimento poético.

3.5 Modernidades

Verificamos neste capítulo que Gomes Leal elaborou diversas estratégias estéticas modernas, como o tema urbano como assunto poético, a questão social, a sua literatura revolucionária, a impossibilidade de cantar o real, partindo para o misticismo e despersonalização. O poeta se valeu de recursos estilísticos característicos da modernidade, como a identificação dos contrários, que podemos perceber a antítese entre o sagrado e o profano, presentes, por exemplo, no poema “Lisboa”. Encontramos nesse mesmo poema a relação dúbia da cidade com o universo urbano-industrial, no qual Gomes Leal apresenta a cidade que, apesar de bela, está cheia de vícios. Ele também antecipou diferentes estratégias mais tarde valorizadas por poetas do modernismo português, que começavam a ser ensaiadas por ele e por seus contemporâneos, como a despersonalização.

Gomes Leal foi não apenas um visionário, mas colocou em prática tudo o que conseguiu absorver de escritores da literatura universal. Assim, quando nomeamos o capítulo com “As modernidades na obra de Gomes Leal”, nossa intenção era a de chamar a atenção ao plural, ao poeta multifacetado ao qual estamos dedicando nosso estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso trabalho foi realizado por meio de uma minuciosa pesquisa de fontes primárias realizada através da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Tivemos como principal objetivo dessa fase trazer ao conhecimento de todos os que se interessem pela obra do poeta português Gomes Leal como foi o relacionamento dele com o Brasil no momento do lançamento de suas obras. Esse foi o objetivo inicial de nossa pesquisa, o que acreditamos sido cumprido.

Assim, o primeiro capítulo se ocupou da biografia do poeta. Porém, não era do nosso interesse uma biografia feita apenas com os fatos já citados da história da vida de Gomes Leal, já elaborada por outros, como Vitorino Nemésio e Ladislau Batalha. Por ser um poeta excêntrico e com diferentes nuances ao longo de sua história, achamos material mais do que necessário em nossa coleta para traçar um perfil biográfico partindo do que foi mais comentado nos periódicos brasileiros.

Conseguimos, com isso, perceber quais os acontecimentos da vida do autor que tiveram maior repercussão no noticiário nacional. Dentre eles, temos na publicação de *Claridades do Sul e A Traição*, os dois maiores momentos literários da vida de Gomes Leal, por razões diferentes, mas com grande repercussão na imprensa brasileira. *Claridades* foi apontado como uma obra-prima, um grande momento de inspiração exposto em palavras. Já *A Traição*, obra que, após a publicação, fez com que o poeta fosse preso, expressou o lado mais político radical de Gomes Leal, sendo o seu mais conhecido panfleto.

Partindo das análises dos assuntos mais comentados na imprensa, percebemos também que o início do século XX marcou um declínio em relação à recepção das obras de Gomes Leal. Embora ele não tivesse parado de publicar, suas obras tornaram-se quase que esquecidas pelo público leitor, ficando restrita a círculos menores.

Podemos entender que sua obra não gerava uma unanimidade, desde suas primeiras publicações, mas, podemos entender também que, anunciando a sua conversão ao cristianismo no ano de 1910, com a morte da mãe, houve uma maior aproximação do misticismo.

O misticismo sempre esteve presente na obra de Gomes Leal, o que vimos, por exemplo, na publicação de *História de Jesus*, porém observamos que suas publicações ganharam um tom mais místico, chegando ao ápice com sua conversão. Esse não é o objeto de

nossa análise no momento, mas cabe um estudo sobre a religiosidade do poeta, bem como o impacto em suas publicações.

Com nossa pesquisa, conseguimos identificar também que o poeta foi alvo de crítica de diferentes literatos e jornalistas do século XIX. A análise dessa recepção, objeto do nosso segundo capítulo, foi elaborada centralizando as buscas na Hemeroteca Digital apenas na obra *Claridades do Sul*.

Buscamos inicialmente apontar como foi feita a recepção da obra do poeta pela imprensa periódica brasileira e, com alguns exemplos, trouxemos as impressões no calor do momento, ou seja, logo quando o livro foi lançado. Foram também recuperados anúncios dessa publicação, demonstrando o interesse que fosse amplamente divulgado e vendido em terras brasileiras.

Ao tratar da obra *Claridades do Sul*, pudemos perceber as críticas escritas, logo após a leitura do livro, o que faz dessas descobertas verdadeiros documentos históricos. Jogamos luz à crítica literária recebida pelo poeta do século XIX, trazendo ao conhecimento dos leitores do século XXI um pouco mais sobre a circulação das obras literárias do período. Percebemos que seu livro mais famoso hoje foi logo recebido, vendido, divulgado e lido no Brasil, demonstrando que, apesar de ser um jovem poeta, como era reiteradamente anunciado, era múltiplo em sua composição e trazia uma poética considerada moderna, que atraía leitores e detratores dos dois lados do Atlântico.

Não esgotamos as críticas encontradas, nos concentrando apenas nas que estavam relacionadas à obra selecionada, porém, para pesquisas futuras, há um manancial de informações disponíveis nas páginas dos periódicos brasileiros (a listagem das obras de Gomes Leal publicadas na imprensa brasileira está no Apêndice A). Inclusive, localizamos diversos textos de Gomes Leal, não apenas poemas, publicados em periódicos brasileiros, que devem servir para embasar nossas pesquisas futuras, porque escapavam do âmbito desta dissertação. Mesmo assim, apenas sobre *Claridades*, nos primeiros 25 anos do lançamento da obra, encontramos, no localizador da Hemeroteca, 146 registros entre anúncios de vendas, comentários sobre o livro e publicações de poemas extraídos da obra.

O século XIX foi o período em que Gomes Leal viveu praticamente toda a sua vida, embora tenha conhecido a Primeira Grande Guerra e morrido apenas na segunda década do século XX. Nesse “longo século XIX” (Hobsbawm, 1988, p. 39), era de impérios e de revoluções, o poeta conheceu o significado das desigualdades sociais, tema tão presente em sua obra, conheceu os pensadores do socialismo e passou a fazer uma poética que não deveria ser somente bela, deveria manter um equilíbrio entre “o ideal e o real” (Leal, 1998 p. 331).

A pesquisa sobre a recepção de *Claridades do Sul* na imprensa periódica brasileira demonstra o impacto desse livro na vida do poeta, que ficou sempre marcado por essa publicação, apesar das diversas polêmicas em que se envolveu com outros escritos. Afinal, o poeta ou seus editores buscaram imediatamente o público consumidor brasileiro, com farta distribuição por aqui e oferta de exemplares às redações dos principais jornais. E quando falamos em público, compreendemos que os leitores do poeta eram aqueles que estavam de certa maneira, ligados aos movimentos republicanos no Brasil, apreciavam a obra os eruditos, aqueles que implementavam análises literárias e políticas a respeito dos escritos. As redações dos jornais, com seus jornalistas que fervilhavam de ideias consistiam numa outra parte daquela que podemos classificar como um público interessado e apreciador da obra do poeta.

Ficou claro também que Gomes Leal era lido e republicado no Brasil, inclusive a partir do que saía em periódicos portugueses, não necessariamente dependendo da presença do volume *Claridades do Sul*, indicando uma ampla rede de circulação literária. Até mesmo parte das resenhas críticas que apareceram nos jornais brasileiros foram copiadas de jornais portugueses, aproximando a recepção dos dois lados do Atlântico.

Chama a atenção, sobretudo, o caráter variado dos poemas desse livro, destacado por vários críticos elencados neste trabalho. A obra de Gomes Leal tinha condições de agradar a diversos consumidores, mas, ao mesmo tempo, permitia críticas negativas pela mesma variedade. Afinal, ao assumir não seguir nenhuma escola literária de sua época, acabava por receber ataques dos seguidores de vários estilos.

Um outro aspecto relevante de sua obra seria apontado hoje como uma dicotomia entre a notoriedade e o esquecimento. Gomes Leal foi um autor muito celebrado ao longo de sua carreira, suscitando a profusão de colunas acerca de seus trabalhos. É, no entanto, curioso perceber o quanto sua obra foi esquecida durante quase 70 anos ganhando apenas nos anos 90 do século XX uma reedição, como dito, por José Carlos Seabra Pereira.

A variedade de críticas e comentários recebidos pelo poeta nos chamou a atenção para o fato de ser considerado por diferentes analistas como um poeta moderno. Essa diversidade de opiniões nos levou a refletir sobre o que seria moderno na obra de Gomes Leal. Para isso, partimos inicialmente dos comentários realizados no próprio século XIX, mas, conforme nosso estudo se aprofundava nas questões da modernidade estética, pudemos perceber aspectos que não foram claramente percebidos ou elaborados, ou ainda foram apenas chamados de estranhos.

Gomes Leal foi um poeta de grande intensidade, isso se torna indiscutível ao estudarmos sua obra. Percebemos e destacamos em nosso trabalho elementos da modernidade

que se davam principalmente na relação com a cidade, que passou a ser urbana e industrial, os processos de despersonalização, onde pudemos perceber a ideia da subjetividade, quando o poeta se utilizava de outro “eu” para expressar o que queria. São estratégias literárias utilizadas pelo autor que serão valorizadas mais tarde, por escritores do modernismo português, de quem chegou a ser contemporâneo, no fim da vida.

A identificação ou união de opostos, como recurso estético, não era novidade na literatura, porém ela foi usada na obra do poeta, por exemplo, como uma forma de expressar os sentimentos que a moderna cidade finisse secular trouxe para os seus moradores. São sentimentos antagônicos se pensarmos que para as remodelações serem feitas, o que traria beleza e conforto, os mais pobres tiveram que se deslocar para periferias. Para as indústrias poderem trazer o progresso aos grandes centros, a poluição passou a fazer parte da vida diária das populações. As chaminés, símbolo marcante do desenvolvimento, virou poesia na pena de Gomes Leal. As contradições da modernidade estão presentes em sua obra pela união de imagens inversas ou opostas.

Finalizando de forma momentânea nosso estudo sobre Gomes Leal, concluímos que a obra do poeta buscava tornar visível a nova realidade da cidade moderna, despersonalizada, subjetiva e fascinante. A sua poética fascinante, cáustica e quase sempre incompreendida, chamou a atenção de outro poeta português, que em seu tempo também foi criticado e incompreendido. Talvez isso fosse a causa da admiração de Fernando Pessoa, com quem encerramos este trabalho:

Gomes Leal

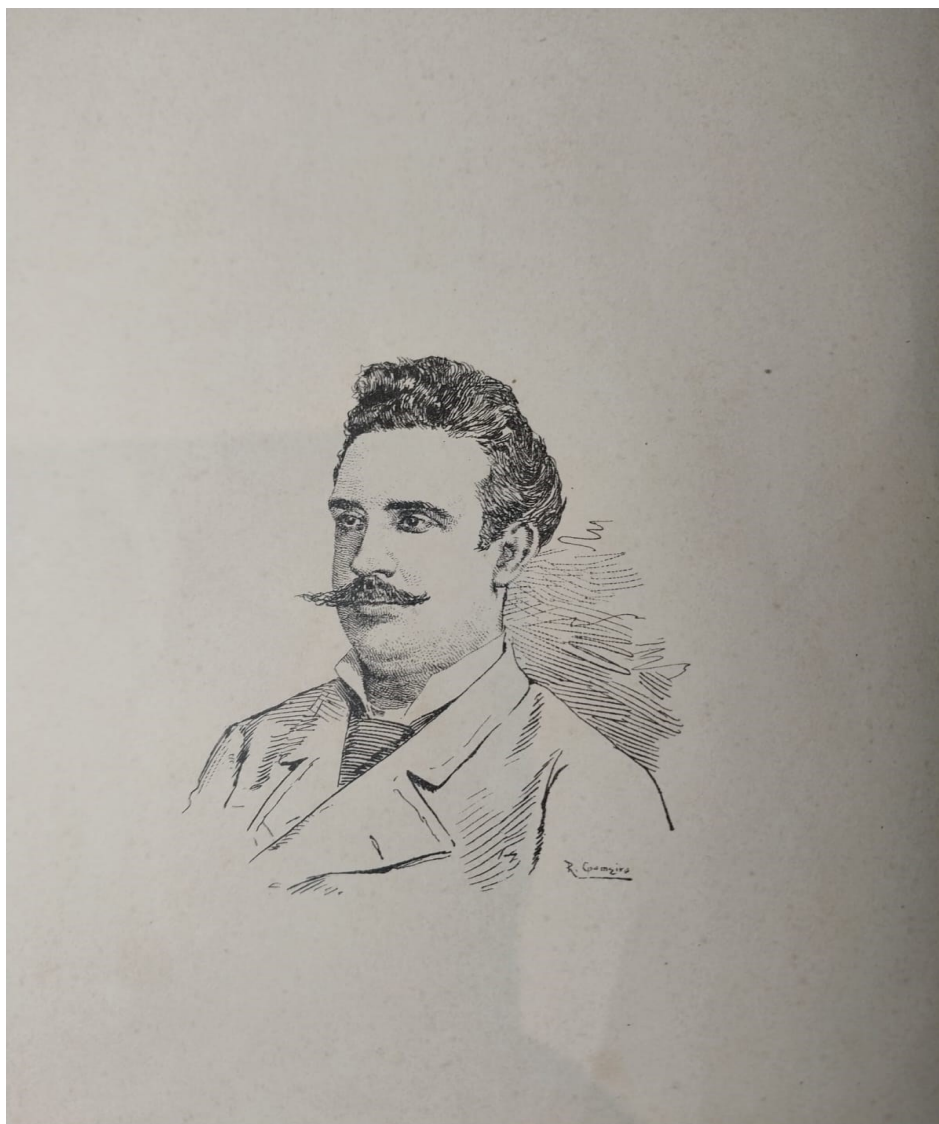
Sagra, sinistro, a alguns o astro baço.
Seus três anéis irreversíveis são
A desgraça, a tristeza, a solidão.
Oito luas fatais fitam no espaço.

Este, poeta, Apolo em seu regaço
A Saturno entregou. A plúmbea mão
Lhe ergueu ao alto o aflito coração,
E, erguido, o apertou, sangrando lasso.

Inúteis oito luas da loucura
Quando a cintura tríplice denota
Solidão e desgraça e amargura!

Mas da noite sem fim um rastro brota,
Vestígios de maligna formosura:
É a lua além de Deus, álgida e ignota. (Pessoa, Fernando. Lisboa: Ática, 1942, p. 225).

Figura 22 – Retrato de Gomes Leal retirado do opúsculo *Protesto de Alguém*.



REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. Uma questão de escala, não de natureza: a circulação da cultura no século XIX. *Réel. Revue étudiante des expressions lusophones*, v. 3, p.265-281, 2019. Disponível em: https://lareelsite.files.wordpress.com/2020/01/reel_03_p266-282_mc3a1rcia_abreu.pdf.
- ALMEIDA, Fialho. *Figuras de destaque*. Lisboa: Livraria A. M. & Cia., 1923.
- ALVES, Silvio Cesar. *Odes Modernas: Satanismo Ou Revolução? In: CRUZ, Eduardo da; CASTRO, Andreia Alvez Monteiro de. Brasil e Portugal no século XIX: encontros culturais*. Rio de Janeiro: UERJ, Cátedra Garrett, 2019. p. 157-168.
- ALVES, Silvio Cesar. Satanismo e inversão de valores em o “Réu Tadeu”, de Eça de Queirós. *Revista Crioula*, n. 13, 2014.
- ALVES, Silvio Cesar. *Os paradoxos do niilismo em Antero de Quental, Eça de Queirós e Cesário Verde*. 2013. 276 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- ARAÚJO, J. S. D. O jornal Publicador maranhense e a construção da Guerra do Paraguai 1865-1868. *Outros tempos: pesquisa em foco - História*, 18(32), p. 278–297, 2021.
- ARRIADA, E. Livrarias e editoras no Rio Grande do Sul: o campo editorial do livro didático. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 35., 2012, Porto de Galinhas, PE. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: ANPED, 2012, v.1, p. 1-17.
- BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil, 1800-1900*. Rio de Janeiro: Ed. Mauad X, 2010.
- BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Ed. Mauad X, 2007.
- BARREIRA, Cecília. Antologia poética: entre a diferença e o excesso. Gomes Leal; estudo e seleção de textos de Cecília Barreira. Lisboa: Rolim, 1988. Recenseado por Margarida Vieira Mendes. *Revista Colóquio/Letras. Recensões Críticas*, n. 108, p. 110, mar. 1989.
- BARROS, Fernando Monteiro de; RIBAS, Maria Cristina Cardoso. A alegoria e a “Femme fatale”: a modernidade baudelairiana em Augusto dos Anjos. *Matraga - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 35, dez. 2014. ISSN 2446-6905. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/17485/12882>. Acesso em: 18 maio 2023.
- BATALHA, Maria Cristina. A literatura frenética finissecular nos folhetins de Gomes Leal. *SOLETRAS*, n. 40, 2. sem. jul./dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/soletras.2020.51545>. Acesso em: 24 abr. 2022.
- BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Tradução de Júlio Castañol Guimarães. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2019.

BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade o pintor da vida moderna*. Tradução de Suely Cassal. Organizador Teixeira Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas III: Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. Tradução de José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BUENO, Fátima. *Um vencido na vida: Gomes Leal IN: A palavra silenciada: estudos de literatura portuguesa e africana*. Organização De Silvio Renato Jorge, Ida Maria Santos Ferreira Alves. Rio de Janeiro: [s.n.], 2001.

BUESCU, Helena Carvalhão. *O poeta na cidade: a literatura portuguesa na história*. Lisboa: INCM, 2019.

BUESCU, Helena Carvalhão. Quando deixou a natureza de falar com o poeta? A natureza de falar com o poeta? A poesia portuguesa da segunda metade do século XIX. *Revista Matraga*, Rio de Janeiro, n. 35, 2014.

COELHO, Jacinto do Prado. *Ao contrário de*. Venda Nova: Bertrand Editora, 1987.

COELHO, Jacinto do Prado. *O estudo de influências: um poema de Gomes Leal*. Porto: Livraria Figueirinhas, 1989.

DANTAS, Luís. *Gomes Leal: o anjo rebelde*. Ponte de Lima. Gráfica da Graciosa, 2010.

DAVID, Sérgio Nazar; CRUZ, Eduardo da. O Crime do Padre Amaro: um desabamento catastrófico. In: QUEIRÓS, Eça. *O Crime do Padre Amaro: cenas da vida devota*. Edição de Eduardo da Cruz e Sérgio Nazar David. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante do tempo: história da arte e anacronismo das imagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

FERREIRA, Tânia Bessone da Cruz; RIBEIRO, Gladys Sabina; GONÇALVES, Monique de Siqueira. *O oitocentos entre livros, livreiros, impressos, missivas e bibliotecas*. São Paulo. Alameda Editora, 2013.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX*. Tradução do texto: Marise M. Curioni; Tradução das poesias: Dora F. da Silva. São Paulo. Ed. Livraria Duas Cidades, 1978.

HAMBURGER, M. *A verdade da poesia: tensões na poesia modernista desde Baudelaire*. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo. Cosac Naify, 2007.

HESS, Rainer. *Os inícios da lírica moderna em Portugal (1865-1890)*. Tradução Maria Antônio Hoster e Reanto Correia. Lisboa. Imprensa Nacional, Casa da Moeda. 1983.

HOBBSAWN, E. J. *A era do capital: 1848 – 1875*. 11. ed. São Paulo. Paz e Terra, 2005.

HUTCHEON, Linda. *Teoria e política da ironia*. Tradução de Júlio Jeha. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2000.

LEAL, Gomes. *A fome de Camões*. Prefácio de José Carlos Seabra Pereira. Lisboa: Assirio & Alvim, 1999.

LEAL, Gomes. *À morte de Alexandre Herculano*. Lisboa: Empresa Horas Românticas, 1877.

LEAL, Gomes. *A morte de Lili*. Porto: Tipografia da Empresa Literária e Tipográfica, 1891.

LEAL, Gomes. *A morte do Rei Humberto e os críticos do fim do mundo*. Lisboa: Livraria Editora, 1900.

LEAL, Gomes. *A mulher de luto*. Prefácio de José Carlos Seabra Pereira. Lisboa: Assirio & Alvim, 2001.

LEAL, Gomes. *A peste negra*. Lisboa: Edições Rolim, 1987.

LEAL, Gomes. *A Senhora da melancolia*. Lisboa: Livraria Moderna, 1910.

LEAL, Gomes. *A Traição*. Lisboa: Livraria Portuguesa e Francesa da Viúva Campos Júnior, 1881.

LEAL, Gomes. *Claridades do sul*. Lisboa: Braz Pinheiro, 1875.

LEAL, Gomes. *Claridades do sul*. Prefácio de José Carlos Seabra Pereira. Lisboa: Assirio & Alvim, 1998.

LEAL, Gomes. *Fim de um mundo. Sátiras modernas*. Prefácio de José Carlos Seabra Pereira. Lisboa: Assirio & Alvim, 2004.

LEAL, Gomes. *História de Jesus*. Prefácio de José Carlos Seabra Pereira. Lisboa: Assirio & Alvim, 1998.

LEAL, Gomes. *História de um casamento triste*. Lisboa: Edições Rolim, 1985.

LEAL, Gomes. *Mefistófeles em Lisboa*. Prefácio de José Carlos Seabra Pereira. Lisboa: Assirio & Alvim, 2004.

LEAL, Gomes. *O Anticristo II*. Prefácio de José Carlos Seabra Pereira. Lisboa: Assirio & Alvim, 2004.

LEAL, Gomes. *O Anticristo*. Prefácio de José Carlos Seabra Pereira. Lisboa: Assirio & Alvim, 2003.

LEAL, Gomes. *O estrangeiro vampiro. Carta ao Rei Dom Carlos*. Lisboa: Empresa Literária Lisbonense, 1897.

LEAL, Gomes. *O Herege*. Carta a Rainha. Lisboa: Livraria Viúva Campos Júnior, 1881.

LEAL, Gomes. *O renegado. A Antônio Rodrigues Sampaio. Carta ao velho panfletário sobre a perseguição da imprensa*. Lisboa: Tipografia, 1881.

LEAL, Gomes. *O Senhor dos Passos da Graça*. Lisboa: Empresa da História de Portugal, 1904.

LEAL, Gomes. *O tributo de Sangue*. Lisboa: Livraria da Tipografia Econômica, 1883.

LEAL, Gomes. *Pátria e Deus e a morte do mal ladrão*. Lisboa: Livraria de João Carneiro & Cia, 1914.

LEAL, Gomes. *Protesto D'Alguém. Carta ao Imperador do Brasil*. Porto: Livraria Civilização, 1889.

LEAL, Gomes. *Troça à Inglaterra*. Porto: Livraria Elzeviriana, 1890.

LOPES, Aristeu Elisandro Machado. "O dia de amanhã": a República nas páginas do periódico ilustrado *O Mequetrefe*, 1875-1889. *História*, v. 30, n. 2, dez. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-90742011000200012>. Acesso em: 20 jan. 2022.

LOPES, Silvina Rodrigues. *A anomalia poética*. Belo Horizonte. Chão da Feira, 2019.

MACHADO, Álvaro Manuel. Lisboa. Editorial Presença, 1996.

MARTELO, Rosa Maria. Modernidade e senso comum: o lirismo nos finais do século XX. *Cadernos de Literatura Comparada*, Porto, n. 8/9, 2003.

MATOS, Ana Cardoso de e Silva, Álvaro Ferreira da. As infraestruturas urbanas e a internacionalização da economia portuguesa na Segunda metade do século XIX: notas de uma investigação. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO DE HISTÓRIA ECONÓMICA E SOCIAL, 19, Madeira. *Anais* [...]. Madeira: Universidade da Madeira, 1999.

MONTEIRO, Adolfo Casais. *Simplex canções da terra seguidas de uma ode a Gomes Leal*. Porto: Empresa Indústria Gráfica do Porto, 1948.

MORÃO, Paula. A temática do cavaleiro andante em Antero, em Antônio Nobre e em Gomes Leal. *Revista Colóquio/Letras*. Ensaio, n. 123/124, p. 289-297, jan. 1992. Disponível em: <https://colouquio.gulbenkian.pt/cat/sirius.exe/do?bibrecord&id=PT.FCG.RCL.6324&org=I&or gp=123>. Acesso em: 20 jan. 2022.

MORÃO, Paula. Na senda de Orpheu – Alicerces e consequências. *Revista Metamorfoses*. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/article/download>. Acesso em: abr. 2022.

MORÃO, Paula. *O esplendor da cabeleira – Baudelaire, Cesário Verde, Gomes Leal*. Lisboa: Edições Colibri, 2004.

NEGREIROS, Carmem; OLIVEIRA Fátima; GENS Rosa. *Belle Époque: a cidade e as experiências da modernidade*. Belo Horizonte. Relicário, 2019.

NEMÉSIO, Vitorino *Destino de Gomes Leal; poesias escolhidas*. Prefacio De José Carlos Seabra Pereira. 4. ed. Lisboa: Imprensa nacional - Casa da Moeda, 2007.

NEMÉSIO, Vitorino. *Conhecimento de poesia*. Lisboa: Verbo, 1970.

NEVES, Lucia Maria Bastos P.; FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. *História e Imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro. DP&A editora, 2006.

NOGUEIRA, Carlos. A sátira de Gomes Leal. *Hispanic research journal*. 2014.

PEREIRA, José Carlos Seabra. *As Literaturas de Língua Portuguesa. Das Origens aos nossos dias*. Gradiva Publicações. 2019.

PEREIRA, José Carlos Seabra. *Do fim de século ao tempo de Orfeu*. Livraria Almedina. 1979.

PESSOA, Fernando. *Poesias*. Lisboa. Ática, 1942. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/2110>. Acesso em: 28 nov. 2022.

RIO DE JANEIRO. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Secretaria Especial de Comunicação Social. *Semana Ilustrada: história de uma inovação editorial*. Rio de Janeiro: Secretaria, 2007. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204434/4101427/memoria19.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2022.

RIZZINI, Carlos. *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil: 1500-1822: com um breve estudo geral sobre a informação*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1946.

SECCHIN, Antônio Carlos. *Percursos da poesia brasileira*. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2018.

SENNETT, Richard. *Carne e pedra. O corpo e a cidade na civilização ocidental*. 3. ed. Tradução de Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SENNETT, Richard. *Construir e habitar: ética para uma cidade aberta*. 1. ed. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2018.

SERRÃO, Joel. *Temas oitocentistas I*. Livros Horizonte. Funchal, 1980.

SIMÕES JÚNIOR, Álvaro Santos. *Cruz e Souza na imprensa carioca: do missal aos últimos sonetos (1893-1905)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2022.

SIMÕES, M. S. O discurso lírico em Gomes Leal. *Moara – Revista dos Cursos de Pós - Graduação em Letras UFPA*, Belém, 1997.

SODRE, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4. ed. atual. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TEIXEIRA, L. A.; SANDOVAL, M. R. C.; TAKAOKA, N. Y. Instituto Pasteur de São Paulo: cem anos de combate à raiva. *História, Ciências, Saúde Manguinhos*, v. 11, n. 3, p. 751-66, set./dez. 2004.

TENGARRINHA, José. (org.). *História de Portugal*. 2. ed. Bauru. Editora do Sagrado Coração, 2001.

TENGARRINHA, José. *História da imprensa periódica portuguesa*. Lisboa: Portucália Editora, 2013.

APÊNDICE A – Listagem de textos de Gomes Leal publicados na imprensa brasileira

1870-1879

Brasil Americano (RJ)

- “Miséria Oculta”, n. 22, 11/12/1875, p. 4

Correio da Victória (ES)

- “A Sombra”, n. 94, 20/08/1872, p. 3-4

Diário de Notícias (RJ)

- “O Discípulo”, n. 416, 14/02/1872, p.2
- “A Sombra”, n. 528, 14/07/1872, p. 2-3
- “Coisas Pungentes”, n. 542, 31/07/1872, p.3

Leitura Popular: publicação mensal (RJ)

- “Debaixo de uma janela: Fausto e Mefistófeles”, s.d, p. 55.

Semana Ilustrada (RJ)

- “Confissão a uma violeta”, n. 782, 05/12/1875, p. 2

1880-1889

A lente: Periódico Crítico, Literário e Recreativo (RJ)

- “A Traição – Carta a El Rei Dom Luiz sobre a venda de Lourenço Marques”, n.2, 19/05/1881, p. 2

A Constituição: Órgão do Partido Conservador (PA)

- “A melancolia das coisas” n. 35, 10/02/1883, p.1

Almanaque ilustrado do correio da Europa

- “No Calvário”, n. 3 ano de 1884, p. 39

A Nossa Gente Pequena: Destinado a Mocidade Metodista (MG)

- “Os Apóstolos”, n. 6, 15/03/1886, p.3

A República: Órgão do Clube republicano (RJ)

- “A Gênese”, n. 158, 13/03/1887, p.4

Arquivo contemporâneo ilustrado (RJ)

- “O Herege”, n.6, 30/09/1889, p.5

A Época: Órgão do Partido Conservador (PE)

- “Declaração de amor” n. 33, 15/02/1890, p.2

Almanaque do Diário de Notícias (BA)

- “Acusação a Cristo” n. 001, ano de 1881, p.105-106
- “Acusação à Cruz” n. 001, ano de 1881, p.166

- “A Terra” n. 001, ano de 1881, p.168-169
- “Na Taberna” n. 002, ano de 1882, p.94-95

A Semana: Volume I (RJ)

- “O Anticristo” n. 18, 02/05/1885, p.5

A Província do Espírito Santo (ES)

- “Vida não Vivida” n. 173, 15/03/1883, p.4
- “As duas mães” n. 1358, 08/05/1887, p.1
- “Epitáfio do Poeta Hamilton de Araújo”, n. 2065, p.1

Carbonário: Órgão do Povo (RJ)

- “Inédito” n. 129, 16/10/1882, p.4

Correio Paulistano (SP)

- “Toda Lira” n. 9524, 02/06/1888, p.1

Diário de Belém: Folha Política, Noticiosa e Comercial (PA)

- “A Traição - Carta à El Rei D. Luiz sobre a venda de Lourenço Marques” n. 128, 09/06/1881, p.3
- “As Crianças”, n. 198, 01/09/1883, p.3
- “A Revolução em Espanha e os Fuzilamentos – Carta ao Exército Português”, n. 337, 31/10/1883, p.2

Diário do Maranhão (MA)

- “A Morte do Atleta” Parte 1, n. 3051, 25/10/1883, p.1
- “A Morte do Atleta” Parte 2, n. 3052, 26/10/1883, p.1

Gazeta Paranaense: Órgão do Partido Conservador (PA)

- “Geografia da dor” n. 24, 30/01/1889, p.1

Gazeta do Norte: Órgão Liberal (CE)

- “Buda” n. 17, 23/01/1881, p.3
- “O pecado” n. 30, 09/02/1881, p.2
- “A águia” n. 42, 23/02/1881, p.3
- “A Tua Carta” n. 125, 07/06/1886, p.3

Gazeta da Tarde (RJ)

- “Soneto” n. 233, 07/10/1881, p.2
- “Geografia da dor”, n. 22, 22/01/1889, p.2

Jornal do Comércio (SC)

- “As Crianças” n. 183, 12/08/1883, p.3
- “O perdão” n. 257, 13/11/1883, p.2

Jornal do Povo: Publicação à tarde (PE)

- “Geografia da dor” n. 23, 09/02/1889, p.2

Jornal da Tarde: Publicação Diária (SP)

- “Na folha de um livro” n. 231, 10/07/1881, p.2

Jornais de Ouro Preto: Órgão do Partido Conservador (MG)

- “Inédita” n. 9, 323, 01/05/1886, p.3

Libertador: Órgão da Sociedade Cearense Libertadora (CE)

- “No Jardim das Oliveiras” n. 89, 22/04/1886, p.2
- “A Tua Carta” n. 160, 19/06/1886, p.2
- “Gênese” n. 291, 21/12/1886, p.2
- “Os Pastores” n. 294, 24/12/1886, p.2
- “Anticristo”, n. 298, 30/12/1886, p.2
- “Quadras Religiosas”, n. 102, 13/04/1887, p. 3

Novidades (RJ)

- “O Navio Fantasma” n. 51, 06/03/1888, p.3
- “A umas mãos pequenas” n. 398, 28/05/1889, p.2
- “Protesto de Alguém” n. 495, 23/09/1889, p.1

O Horizonte (ES)

- “Água furtada de um original” n. 19, 15/03/1885, p.3

O Crepúsculo (SC)

- “A tua carta”, n. 26, 08/12/1887, p. 3

O Cearense (CE)

- “Canção” n. 122, 08/06/1881, p.2

O Mercantil (RJ)

- “Idílio Triste” n. 89, 24/11/1883, p.3
- “Tarde de verão” n. 34, 10/05/1884, p.3
- “A D. Cristina, Rainha da Espanha” n. 85, 17/11/1886, p.3
- “A umas mãos pequenas” n. 36 15/05/1889, p.2

O Espírito Santense (ES)

- “As Crianças” n. 9, 31/01/1884, p.3
- “A Tua Carta” n. 82, 13/10/1886, p.3

O Paiz (RJ)

- “A D. Cristina, Rainha de Espanha” n. 304, 02/11/1886, p.1

O Orbe (AL)

- “Fragmentos” n. 78, 19/07/1882, p. 1

Pacotilha (MA)

- “A Traição - Carta à El Rei D. Luiz sobre a venda de Lourenço Marques” n. 107, 19/08/1881, p.1

- “A Canalha” n. 137, 26/09/1881, p.1
- “A Revolução em Espanha e os Fuzilamentos – Carta ao Exército Português” Parte 1, n. 272, 08/10/1883, p.2
- “A Revolução em Espanha e os Fuzilamentos – Carta ao Exército Português” Parte 2, n. 273, 09/10/1883, p.2
- “Inédita”, n. 233, 06/10/1885, p.2
- “Jesus no Presépio”, n.5, 08/01/1887, p.2
- “As duas mães”, n. 132, 04/06/1887, p.3
- “Declaração de Amor”, n.273, 23/10/1887, p.2
- “O navio fantasma”, n. 189, 10/07/1888, p.3
- “Idílio da Eira”, n. 253, 20/09/1888, p. 1
- “Geografia da dor”, n. 340, 31/12/1888, p.3

Província de Minas: Órgão do Partido Conservador (MG)

- “Inédita” n.323, 01/05/1886, p.3

Revista Ilustrada (RJ)

- “A Virgem da Galileia” n. 577, 08/02/1890, p. 3

Sete de Março (PR)

- “A tua carta”, n. 8, 13/06/1888, p. 3

1890-1899

Cidade do Rio (RJ)

- “Serenatas de Hilário do Céu” n. 339, 08/12/1896, p.2

Diário de Notícias (PA)

- “A Mulher de Luto” Assis Brasil n.161, 22/07/1986, p.1
- “O Suicida” n.114, 25/05/1892, p.2

Gazeta da Tarde (RJ)

- “Acusação” n.329, 04/12/1890, p.2
- “Soneto de um poeta morto” n.96, 06/04/1892, p.1
- “O Suicida” n.146, 28/05/1892, p.2 (conto – parte 1)
- “O Suicida” n.149, 30/05/1892, p.2 (conto – parte 2)
- “O Suicida” n.150, 31/05/1892, p.2 (conto – parte 3)
- “Disputa” n.108, 13/04/1986, p.1
- “Geografia da dor” n.22, 22/01/1899, p.2

Gazeta da Paraíba

- “Um soneto” n. 541, 19/03/1890, p. 3

Novidades (RJ)

- “A umas mãos pequenas” n.398, 28/05/1899, p.2
- “A Creoula” n.167, 02/08/1890, p.1

O Paiz (RJ)

- “Carta à Dona Cristina, Rainha de Espanha” n.304, 02/11/1886, p.1

Pacotilha (MA)

- “A minha noiva” n.310, 19/11/1891, p.3
- “A morte do poeta Zorrilla” n.53, 03/03/1893, p.2
- “No calvário” n.241, 10/10/1896, p.3

Revista Ilustrada (RJ)

- “A Virgem da Galileia” n.577, 08/02/1890, p.3

1900-1909*A Notícia (RJ)*

- “O velho palácio” n.85, 10/04/1900, p.3

A Razão: Órgão dos interesses Sociais (SE)

- “Oiro” n.43, 08/11/1908, p.1
-

A Reação: pela Pátria e pela República (PR)

- “O Padre” n.003, 15/02/1903, p.2

A República: órgão do Partido Republicano (PR)

- “Os Olhos inexplicáveis” n.245, 17/10/1908, p.1

A Tribuna (SP)

- “Um pouco de tudo” n.199, 23/08/1908, p.3

Almanach da Comarca do Amparo (SP)

- “A um lírio” n.8, a. 1901, p.223

Almanaque do Garnier (RJ)

- “Bilhete a Xavier de Carvalho” n.009, a. 1908, p.321

Correio do Norte: Órgão do Partido Revisionista do Estado do Amazonas (AM)

- “A barqueira da Holanda” n.194, 04/08/1909, p.1

Jornal do Commercio (AM)

- “A barqueira da Holanda” n.670, 11/05/1906, p.1

Dia: Órgão do Partido Republicano Catarinense (SC)

- “Longe” n.476, 07/08/1902, p.2

Diário do Maranhão (MA)

- “Longe” n.8716, 04/09/1902, p.2

Jornal do Ceará: Político, Comercial e Noticioso

- “Pobre mãe” (Epígrafe) n.127, 06/12/1904, p.3

O Commercio de São Paulo (SP)

- “A mulher de Pilatos” n.483, 14/04/1908, p.1

Pacotilha (MA)

- “Despedida ao Sol” n.98, 26/04/1904, p.2
- “A barqueira da Holanda” n.115, 15/07/1907, p.2
- “A Virgem da Galileia” n.305, 25/12/1909, p.1

1910-1919

A Época (RJ)

- “No calvário” n.229, 16/03/1913, p.2
- “A bela flor azul” n.411, 14/09/1913, p.3

A Lanterna: Folha Anticlerical de Combate (SP)

- “No calvário” n.183, 22/03/1913, p.1
- “No calvário” n.237, 04/04/1914, p.1

A União (RJ)

- “A Senhora da Paz” n.17, 25/04/1915, p.2
- “A samaritana” n.28, 11/07/1915, p.2
- “À Virgem Santíssima” n.40, 20/05/1917, p.3

Asgarda: Pequena Revista Internacional de Ciências e Artes (RJ)

- “Às Armas” n.1, 18/03/1911, p.9

Beija-Flor (RJ)

- “Os pastores” n.3, 15/02/1915, p.3

Fon Fon: Semanário Alegre, Político, Crítico e Espusiente (RJ)

- “O bicho da seda e o verme” n.4722/11/1913, p.13

Jornal do Brasil (RJ)

- “A umas mãos pequenas” n.70, 10/03/1913, p.7

Magazine Mensal Ilustrado (RJ)

- “A um primeiro cabelo branco” n.17, 17/10/1918, p.41

O Exemplo (RS)

- “As quatro mãos negras” n.10, 09/03/1919, p.3

Pacotilha (MA)

- “A um primeiro cabelo branco” n.210, 06/09/1919, p.2
- “A guitarra da mouraria” n.216, 14/09/1915, p.2
- “Aquele olhar” n.209, 06/09/1915, p.2
- “Soneto a uma alma” n.260, 06/11/1915, p.2

O Estandarte (MG)

- “A Virgem da Galileia” n.57, 30/03/1913, p.3

O Rebate (CE)

- “A Dama dos Rubins” n.32, 20/02/1910, p.2

O Puritano (RJ)

- “O canto da esperança” n.765, 13/08/1914, p.2

Oraculo (RJ)

- “A um primeiro cabelo branco” n.25, a. 1915, p.8

Pharol (MG)

- “A umas mãos pequenas” n.70, 13/03/1912, p.1
- “A umas mãos pequenas” n.168, 18/07/1913, p.1

Revista do Brasil (BA)

- “Canto Contra a Esperança” n. 9 e 10, 30/11/1910, p.15

Revista da Semana (RJ)

- “O canto da esperança” n.699, 04/10/1913, p.32
- “As eras patriarcais” n.707, 29/11/1913, p.11
- “O bicho da seda e o verme” n.19, a. 1914, p.39

Revista Souza Cruz (RJ)

- “As pequenas Fadas” n.2, 31/12/1916, p.28

Rio em Flagrante (RJ)

- “Acusação à Cristo” n.1, 24/04/1914, p.4